

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**MELISSA BATISTA LAMEGO**

**FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: O ENSINAR E O  
APRENDER EM DIÁLOGO COM O DESIGN**

**Dissertação de Mestrado**

Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design pelo  
Departamento de Artes e Design - PUC-Rio

**Orientadora: Roberta Portas Gonçalves Rodrigues**

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2025



**Melissa Batista Lamego**

**Formação dos professores: o ensinar e o aprender em  
diálogo com o Design**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Design da  
Puc-Rio como requisito parcial  
para obtenção do grau de  
Mestre em Design. Aprovada  
pela Comissão Examinadora  
abaixo:

**Roberta Portas Gonçalves Rodrigues**  
Departamento de Artes e Design -- PUC-Rio  
Orientadora

**Jackeline Lima Farbiarz**  
Departamento de Artes e Design - PUC-Rio

**Cristina Laclette Porto**  
Instituto Superior de Educação Pró-Saber

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2025

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Melissa Batista Lamego**

Graduou-se em Pedagogia na UGF (Universidade Gama Filho) em 1993. Formou-se em Psicopedagogia no Instituto Pró-Saber. Foi professora do Ensino Fundamental no Colégio Teresiano Cap/Puc por 23 anos. É professora da Graduação no Instituto Superior de Educação Pró-Saber desde 2005. É Coordenadora Pedagógica no Instituto Vira-mundo desde 2016 e faz parte do LIDE (Laboratório Interdisciplinar Design e Educação) do Departamento de Artes e Design - PUC-Rio.

### Ficha Catalográfica

Lamego, Melissa Batista

Formação dos professores : o ensinar e o aprender em diálogo com o Design / Melissa Batista Lamego ; orientadora: Roberta Portas Gonçalves Rodrigues. – 2025.

179 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2025.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Alfabetização cultural. 3. Formação de professores. 4. Design na educação. 5. Extensão universitária. I. Rodrigues, Roberta Portas Gonçalves. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

Dedico essa dissertação aos meus alunos do Curso de Formação de Professores de toda vida, que assim como eu, descobriram novas formas de ser e estar no mundo, valorizando nossa cultura, a partir do olhar para si, para dentro e para fora da sala de aula.

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora e grande amiga, Roberta Portas, que acreditou em mim e na minha capacidade para viver essa etapa da minha vida, insistindo para que eu enfrentasse os desafios do mestrado e assumisse minha autoria na Alfabetização Cultural, além de me apresentar à possibilidade de fazer Design na Educação. Uma orientadora atenta, cuidadosa, firme, mas sempre amorosa.

Agradeço à minha família: minha mãe, meu pai, minhas avós inesquecíveis, meu filho, minha irmã, meu irmão, meus tios, meus sobrinhos, meus cunhados e meus primos que sempre foram presença, apoio e referência de dignidade, e que certamente estão felizes junto comigo nessa conquista. Os melhores e mais importantes momentos da minha vida inteira, eu vivi com vocês que me deram as melhores memórias.

Agradeço especialmente à minha mãe, Maria Dalva Batista Lamego, pelo modelo de resiliência, de alguém sempre curiosa e em movimento que ama aprender sobre o mundo, certamente isso foi fundamental para minha vida seguir sempre em frente.

Agradeço à minha tia e madrinha Tânia Maria Lamego de Moraes, que sempre me apoiou em minha formação acadêmica, me impulsionando e colaborando para que eu nunca desistisse de estudar. Sempre que eu olhava para o lado, lá estava ela.

Agradeço ao meu filho Gabriel que sempre diz para eu voar e me jogar, que não me deixa desistir nunca, e a quem eu espero inspirar para que nunca deixe de aprender as coisas do mundo, todos os dias, mesmo nos grandes desafios.

Agradeço às Profas Jackeline Lima Farbiarz, Eliane Jordy lung, Cristina Lacleite Porto e Inés Kayon de Miller, componentes da banca, pela sua notoriedade acadêmica e pela generosidade de dividir comigo seus conhecimentos, sua avaliação e suas sugestões na tessitura desta pesquisa.

Agradeço à Marília Palhares, que olhou para mim, quando eu tinha apenas vinte anos de idade e me deu a oportunidade de ser professora em uma instituição como o Colégio Teresiano, que foi onde eu aprendi a docência humanista.

Agradeço à Maria Cecília Almeida e Silva por me oferecer um espaço tão fértil e amoroso para aprender cada dia mais, fazendo nascer a esperança no mundo quantas vezes for preciso.

Agradeço à Clara Araújo, que prova que é possível ter amizade e alegria com as pessoas com as quais trabalhamos. Ela sempre é um abraço quente no meu dia-a-dia, uma parceira nos sonhos e na vontade de realizá-los..

Agradeço à Heloisa Protasio, que com doçura, profissionalismo e amizade me ensina, todos os dias, que os alunos merecem um segundo olhar, uma segunda oportunidade, apesar do rigor do nosso trabalho.

Agradeço à Madalena Freire, que aposta na autoria do professor, que não nos deixa esquecer de lutar por isso e que me faz mais e mais apaixonada pela formação dos professores todos os dias.

Agradeço à Sylvia Nabuco Almeida Braga, que me mostrou um espaço novo de criação, em que a invenção colaborativa e a alegria são muito bem-vindas em qualquer projeto que tenha a intenção de virar o mundo.

Agradeço à Universidade Pontifícia Católica PUC-Rio, pela oportunidade desse mestrado e também de ocupar uma cadeira na tão conceituada Universidade brasileira. Foi impressionante todo o acolhimento da Universidade, a organização e o viés humanista, sentido todos os dias.

Agradeço a CAPES, que por meio de uma bolsa, me apoiou no estudo, pois com ela a realização desse sonho se tornou mais fácil.

Agradeço ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, ao Colégio Teresiano e ao Instituto Vira-Mundo por serem minhas grandes escolas, me proporcionando espaço para viver experiências e possibilidade de reflexão sobre a Educação e a Cultura por tantos anos.

Agradeço especialmente aos meus colegas do Comitê Acadêmico do ISEPS, parceiros desde 2005, com os quais me animo e sigo em frente nesse espaço de aprendizagem que permite que cada um de nós seja exatamente como é.

Agradeço aos meus colegas de trabalho de todos esses espaços pelos anos compartilhados, diálogos e inspiração, em especial à Cristina Lacleite Porto, que sempre me oferece um brilho nos olhos extremamente generoso quando me escuta.

Agradeço à Clarisse Olivieri que sempre segura na minha mão com tanto afeto quando me sinto perdida dentro do que não sei.

Agradeço à minha revisora da bibliografia e amiga, Maria Delcina Feitosa, que mesmo distante, se faz presente em todos os momentos, me dando colo e afeto para realizar feitos que nem eu mesmo achava que conseguiria.

Agradeço às minhas amigas Ticiane Martins, Eduarda La Rocque e Fernanda Godinho pela torcida, pela energia positiva, amigas sempre presentes nesses dois anos, brindando comigo a cada passo dado na construção dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amados alunos, que durante toda a vida, me fizeram acreditar e respeitar o ser humano, em cada minuto de minha vida e que sem perder esse foco, posso estar aqui hoje, dando mais um passo em minha carreira acadêmica. Muito obrigada a cada um de vocês por cada diálogo, cada encontro, cada abraço, cada lágrima e cada sorriso compartilhado na intimidade da sala de aula.

Em especial, agradeço às alunas do ISEPS que compartilharam comigo seus registros reflexivos, cedendo a essa dissertação o ouro das aulas: o seu processo de aprendizagem vivido e registrado

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte disso, tenho em mim todos  
os sonhos do mundo. (Pessoa,  
2006, p. 9).

## RESUMO

Melissa Batista Lamego; Roberta Portas Gonçalves Rodrigues (Orientadora). **Formação dos professores: o ensinar e o aprender em diálogo com o Design.** Rio de Janeiro, 2025. 179 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design - PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa pesquisa reflete sobre a relação entre ensinar, aprender e a construção de práticas pedagógicas fundamentadas na valorização da cultura, da memória e da ancestralidade, a partir da experiência de uma professora e pesquisadora no Curso Normal Superior - Licenciatura em Educação infantil, do Instituto Superior de Educação pró-Saber (ISEPS). A autora destaca que oportunidades de reflexão, expressão artística e contato com espaços culturais são essenciais para a transformação social e o desenvolvimento identitário dos estudantes. A pesquisa analisa a metodologia da atividade extensionista Alfabetização Cultural, que integra visitas culturais, projetos de arte e reflexão na ação, articulando conceitos do Design, como pensamento projetual, com práticas pedagógicas dialógicas e colaborativas. A partir de registros reflexivos, relatos de estudantes e observações, evidencia-se que experiências culturais mediadas pela arte ampliam o repertório, fortalecem a identidade cultural e promovem o protagonismo dos futuros professores. A integração com autores como Freire, hooks, Schön e Cross reforça a importância do diálogo entre teoria e prática, destacando a reflexão na ação como elemento central na formação docente. A parceria com o Design potencializou a construção de projetos coletivos, como a exposição sobre ancestralidade, que evidencia o poder do processo criativo e colaborativo na Educação. Conclui-se que a valorização das raízes, a escuta atenta e a experimentação artística são caminhos para uma formação mais sensível, crítica e transformadora, com potencial de impactar positivamente a prática pedagógica e a sociedade.

## Palavras-chave

Alfabetização Cultural; Formação de Professores; Design na Educação;  
Extensão Universitária

## **ABSTRACT**

Melissa Batista Lamego; Roberta Portas Gonçalves Rodrigues (Advisor).  
**Teacher training: teaching and learning in dialogue with Design.**  
Rio de Janeiro, 2025. 179 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design - PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation reflects on the relationship between teaching, learning, and the construction of pedagogical practices grounded in the appreciation of culture, memory, and ancestry, based on the experience of a teacher and researcher in the teacher training course at ISEPS. The author highlights that opportunities for reflection, artistic expression, and contact with cultural spaces are essential for social transformation and the development of students' identity. The research analyzes the methodology of the extension activity Cultural Literacy, which integrates cultural visits, art projects, and reflection-in-action, combining concepts from Design, such as design thinking, with dialogic and collaborative pedagogical practices. Through reflective records, student reports, and observations, it is evident that cultural experiences mediated by art broaden students' repertoire, strengthen cultural identity, and promote the protagonism of future teachers. The integration with authors like Freire, hooks, Schön, and Cross reinforces the importance of dialogue between theory and practice, emphasizing reflection-in-action as a central element in teacher education. The partnership with Design enhanced the development of collective projects, such as an exhibition on ancestry, which demonstrates the power of the creative and collaborative process in education. It is concluded that valuing roots, attentive listening, and artistic experimentation are pathways to a more sensitive, critical, and transformative education—one with the potential to positively impact pedagogical practice and society.

## **Keywords**

Cultural Literacy; Teacher Education; Design in Education; University Extension.

## SUMÁRIO

Introdução .....	15
2 Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens. ....	22
2.1 O olhar que escolhe: a curadoria da exposição e a experiência do professor-artista.....	35
2.2 A pesquisa como encontro e o amor como ação .....	42
2.3 “Trouxe nós”: caminhos tecidos entre estudantes e professora ....	50
3 Instituto Superior de Educação Pró-Saber : onde nasce o projeto Alfabetização Cultural .....	65
3.1 O solo fértil das diretrizes metodológicas do Curso Normal Superior.	69
3.2 Alfabetização Cultural: um mergulho nas linguagens da arte.....	85
3.3 Observar e refletir sobre o ensinar .....	98
4 A aproximação com o Design.....	103
4.1 Remexer a terra e plantar novas ideias .....	104
4.2 Germinar: o projeto e suas etapas.....	116
4.3 As imersões culturais: Pormenor de ausência e Um defeito de cor.	130
4.4 Tudo é semente.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169
ANEXOS.....	173

## LISTA DE IMAGENS

Fotografia 01 – Familiares visitando a Exposição da turma 2023 no ISEPS

Fotografia 02 - Estudantes Fernanda Oliveira e Maria Petiane Santos preparando a exposição

Fotografias 03 e 04 – Painel de registros fotográficos referentes aos familiares das estudantes

Fotografia 05 – Painel com documentos pessoais das famílias

Fotografia 06 – Bolo representando o Estado da Paraíba ( PB)

Fotografia 07 – Manuscritos com giz no chão onde foi feita a exposição

Fotografia 08 – Uma das visitantes lendo o texto de apresentação da Exposição

Fotografias 09, 10, 11 e 12 – Autora e sua família no dia da formatura do Curso Normal Pós- Médio dela.

Fotografia 13 – Estudante Fernanda Luiza com a mãe e a filha na Exposição do ISEPS

Fotografia 14 – Avós da autora, Benedita de Souza Lamego ( sentada ) e Severina Batista ( em pé)

Fotografia 15 – Portaria do ISEPS com o funcionário Sebastião de Oliveira

Fotografia 16 – Reunião comitê Acadêmico on-line , em 12/04/2024

Fotografia 17 – Reunião comitê Acadêmico presencial , em 08/12/2023

Fotografia 18 – Programa Cultural com a turma 20007 na Exposição Augusto Malta

Fotografia 19 – Livros produzidos pelas estudantes turma 2018 , expostos na Festa da primavera do Humaitá

Fotografias 20, 21 e 22 – Livros artesanais das estudantes DA TURMA 2018

Fotografia 23 – Estudantes da turma 2023 com a professora no Teatro Café Pequeno, no Leblon

Fotografia 24 – Estudantes com o mediador do MAR na Exposição Um defeito de cor

Fotografia 25 – Estudantes da turma 2023 na Exposição Um defeito de cor, no MAR

Fotografia 26 – Estudantes reunidas em frente ao MAR

Fotografia 27 – Estudantes reunidas em frente ao MAR

Fotografia 28 – Estudantes da turma 2022 no Espetáculo Sagração , de Deborah Colker, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Fotografia 29 – Autora na exposição Um defeito de cor.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01 – Grade curricular do curso Normal Superior – Licenciatura em Educação Infantil – ISEPS

Tabela 02 – Projetos do Constelação elaborados em parceria com a PUC-RIO

Tabela 03 – Etapas da Metodologia da Alfabetização Cultural

Tabela 04 – Sistematização da atividade da chamada

## INTRODUÇÃO

Início essa dissertação com enfoque na palavra oportunidade. Como professora, olhando para a minha experiência profissional, ao longo dos anos, em interlocução com a minha vida pessoal, não tenho dúvidas de que para haver transformação na vida de uma pessoa e de uma sociedade, é preciso que se crie e se ofereça oportunidade. Não digo só oportunidades de estudo e trabalho, mas de sonhos, imaginação, experiência e reflexão. Esse texto está narrado ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, pois ele apresenta o diálogo entre a minha prática, a minha aprendizagem, mas também a perspectiva de fora, do outro, da teoria, da pesquisa de autores, da Educação e do Design, que iluminaram a construção dessa dissertação.

O passo dado até o mestrado foi amadurecido ao longo de muitos anos como professora pensante sobre as questões que emergiram da minha prática. O desafio maior aqui foi escrever nessa alternância entre professora e pesquisadora, principalmente por ter a experiência da formação de professores muito impregnada já que o tema da pesquisa é o meu próprio trabalho.

Trouxe dois verbos de ação no título da pesquisa, para pensar a perspectiva do ensinar e do aprender, como movimentos que acontecem de forma indissociável e que desse ângulo, produzem efeitos significativos para refletir sobre métodos e práticas.

O processo, mais do que o ponto de chegada, sempre exigirá mais atenção porque é nele que os fenômenos acontecem, é dele que nasce nosso poder criativo e é quando nossa ação convida à reflexão e amplia o espaço de aprendizagem. Os caminhos de reflexão e construção de minha prática pedagógica e meus interesses e motivações como

professora, desde 2005, no Curso Normal Superior com Licenciatura em Educação Infantil do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), são atravessados por conteúdos, não somente os acadêmicos, mas, principalmente, os impressos em mim, que eu nomeio como bagagem cultural. Essa bagagem cultural que é anterior à minha formação acadêmica e que sempre me moveu e me inspirou no processo de construção de minhas aulas.

A dissertação traz reflexões escritas pelas estudantes, fortalecendo a coautoria nesse processo de aprendizagem e também para criar um diálogo entre elas, a professora e outros autores que iluminaram a pesquisa.

O tema cultura sempre esteve presente em minhas aulas, ao mesmo tempo que é o ponto de partida, busca ser o ponto de chegada, e sempre despertou em mim uma forte curiosidade, uma inquietação sobre seu entendimento, se significa que aprendemos cultura ou temos cultura, construímos ou buscamos, enxergamos ou nos alienamos. Entender se a cultura se adquire nos espaços formais de aprendizagem ou se é algo que de certa forma já está em nós, na família, nos lugares de origem, se já trazemos conosco a partir das memórias ancestrais e se ela é considerada nesses espaços formais de aprendizagem. Também pensar se a cultura de fato é um bem comum, acessado por todos, e se a cultura nos impulsiona para a descoberta do mundo, se nos potencializa, se contribui para nossa formação cidadã, considerando que ela é contextualizada.

Dentro dessas inquietações e perguntas, desenvolvi em minhas aulas uma metodologia que busca refletir sobre a cultura, analisando essas relações desde muito cedo, em nossas memórias de infância, nos contextos nos quais estamos inseridos e de que maneira isso contribui para formar professores.

Nesta pesquisa será possível documentar a metodologia utilizada nas aulas em diálogo com o Design.

A leitura dos autores colaboraram para o entendimento da metodologia usada nas aulas de Alfabetização Cultural, atividade complementar obrigatória e parte da grade curricular do Curso Normal Superior Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS). Esta atividade se tornou extensionista em 2023<sup>1</sup>. Estou à frente dessa atividade que, desde 2005, oferece aos estudantes a oportunidade de imersão nas linguagens da arte através de visitas culturais, e dessa forma entrar em contato com novas expressões, com a estética, com a própria humanidade e assim, fazer da sala de aula um lugar de aprendizagem que conecta a educação a uma perspectiva sociocultural.

Durante as aulas no curso de formação de professores, e com o propósito de abordar os conteúdos da arte e da cultura nas aulas, percebi que algumas dessas questões parecem ser também dos estudantes. Neste sentido, me debrucei em estudar a minha própria prática.

---

<sup>1</sup>Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=deze-mbro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=deze-mbro-2018-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 29/23.

A relação do sujeito com sua cultura, estimulado pelo contato com a arte, percebo que é um combustível para a transformação da pessoa e, nesse caso, do / a professor / a em formação num processo de construção identitária, provocando transformações importantes no sujeito.

Quando assumimos um caminho de aprendizagem que busca refletir sobre que tipo de influência as memórias exercem sobre nossas práticas e nossas ações, parece que pode fazer mais sentido para os estudantes.

Essa tomada de consciência tem a ver com meu propósito como docente da formação de professores ao buscar uma metodologia para as aulas dentro dessa perspectiva, criando a oportunidade de pensar sobre os conceitos de memória, cultura e educação, mediados pela arte, nos espaços culturais ofertados na cidade do Rio de Janeiro, que em sua maioria, são pouco acessados pelos estudantes. Os programas culturais são uma oportunidade de refletir sobre si, a própria história, a cultura, o passado, presente e futuro.

Por tudo isso, e para além do que as palavras conseguem cercar, formulei como **problema de pesquisa**: de que forma a experiência vivida pelos estudantes da graduação do Instituto Pró-Saber, na atividade extensionista, chamada Alfabetização Cultural, afeta a forma com a qual eles se relacionam com a cultura na sua formação como docentes?

A Alfabetização Cultural é coordenada por mim há mais de duas décadas, no entanto, para esta pesquisa, me concentro na proposta do primeiro semestre de 2023, com a turma 2023, e em sua estrutura metodológica enquanto atividade extensionista. Entendemos também que essa pesquisa possui caráter documental e que apesar do recorte temporal ter sido definido em 2023, será importante mencionar alguns relatos e experiências de outros períodos letivos e de outras estudantes que irão contribuir para o entendimento do trabalho como um todo.

E como **objeto da pesquisa**, a prática de sala de aula na atividade extensionista Alfabetização Cultural, no Curso Normal Superior Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) com a turma 2023.

Quero entender um pouco mais de que forma as experiências vividas nas aulas e programas culturais propostos levam as estudantes a observar o seu contexto cultural, mediado pelas atividades e projetos vividos na Alfabetização Cultural. Neste sentido, formulei as seguintes **questões orientadoras**:

- A estrutura metodológica da Alfabetização Cultural vem sendo construída de forma projetual?
- A Alfabetização Cultural possibilita que os estudantes reflitam sobre suas próprias referências culturais?
- As práticas e atividades de aula foram incorporadas no cotidiano dos estudantes?
- As propostas de atividades ao longo do semestre inspiram os estudantes a criarem suas próprias poéticas?
- Como a prática de projeto pode ampliar o processo de aprendizagem dos estudantes da Alfabetização Cultural?

Para tal, recorro aos registros reflexivos escritos pelas estudantes do curso ao longo das aulas, considerando o recorte da pesquisa. O Registro Reflexivo é um dos instrumentos metodológicos previstos na proposta pedagógica do curso e os relatos dos estudantes foram parte constitutiva da pesquisa, autorizados pelas estudantes e submetidos ao Comitê de Ética. Desta forma, a **metodologia** tem abordagem de cunho qualitativo, que se desdobra como pesquisa exploratória e descritiva, por meio do método de observação participante e análise documental.

Como **objetivo geral**, pretende-se refletir sobre a aproximação dos estudantes com a arte e suas reflexões sobre a cultura, por meio das

atividades culturais propostas na Alfabetização Cultural. E como **objetivos específicos**: (1) apresentar a estrutura metodológica da Alfabetização Cultural no primeiro semestre de 2023; (2) investigar como as experiências vividas nas aulas e programas culturais influenciam a formação dos estudantes como futuros docentes; (3) coletar e analisar as reflexões escritas pelos estudantes ao longo das aulas, a fim de compreender suas percepções e aprendizagens sobre as atividades realizadas; (4) relacionar a metodologia das atividades propostas na alfabetização cultural com a prática projetual em Design.

A fundamentação teórica se baseou nas obras e contribuições dos autores - Paulo Freire, Madalena Freire (2008), bell hooks (2020, 2021), Donald Schön (2000), Marie-Christine Josso (2004), John Dewey (1971) e Nigel Cross (2011).

Paulo Freire (2010) é fundamental com a pedagogia da libertação que provoca uma conscientização do sujeito pensante. Hooks (2013) com a pedagogia crítica que busca promover a justiça social e a inclusão propondo novas estruturas de ensino. Madalena Freire (2008) desafia a sala de aula e o processo de ensinar e aprender a partir de instrumentos metodológicos que ressignificam a aula a partir da ideia de que ela é construída coletivamente.

John Dewey (1971) que desbravou a educação com a possibilidade de pensar a educação do ponto de vista da experiência prática.

Marie-Christine Josso (2004) que me deu a base teórica para refletir sobre as experiências de vida na formação de professores e Nigel Cross (2006) com sua contribuição de pensar o Design dentro da educação e entender o processo criativo e a metodologia projetual que foi desenvolvida com os estudantes.

Todos colaboraram para fundamentar e refletir a minha prática na formação de professores, dentro da atividade extensionista intitulada Alfabetização Cultural onde foi realizada a exposição sobre ancestralidade.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, além desta introdução. A narrativa do documento parte da exposição, resultado do semestre, traçando uma espécie de engenharia reversa, do fenômeno para a sua reflexão. O capítulo 2 tem como tônica a experiência de montagem da exposição, seus resultados e o aprendizado das estudantes. O capítulo 3 apresenta o Instituto Superior de Educação Pró-Saber, o curso Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil com seus instrumentos metodológicos e por fim o Projeto Extensionista Alfabetização Cultural que configura o recorte desta pesquisa. No Capítulo 4 está apresentada a aproximação com o Design a partir do Acordo de Cooperação Técnico-Científico com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio na figura do Departamento de Artes e Design com a participação do Laboratório Interdisciplinar Design Educação / LIDE e os desdobramentos na Alfabetização Cultural no semestre 2023.1. O último capítulo traz as considerações finais e possíveis desdobramentos da pesquisa.

## **2 QUANDO NÃO SOUBERES PARA ONDE IR, OLHA PARA TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VENS<sup>2</sup>**

O título que escolhi para o capítulo 2 me emociona. É um provérbio africano, e que ao meu ver, nos leva a pensar em nossas raízes, nossa identidade e nossos propósitos. Pesquisar e refletir de onde viemos pode ser um caminho para entender algumas de nossas inquietações e inspirações ao longo da vida. Dessa forma, talvez possamos iluminar e entender melhor nossos caminhos e práticas.

O provérbio também intitula a exposição que realizei enquanto docente do curso de formação de professores da atividade extensionista, com as graduandas da turma 2023, no dia 03 de junho de 2023, data de culminância do projeto Alfabetização Cultural.

Hoje, como mestrande, olho para trás, entendo muito mais de onde eu vim, consigo entender melhor para onde quero ir e observo cuidadosamente a minha prática como docente, a partir dessas impressões que tenho coletado na trajetória.

Durante todo o texto será possível notar que trarei a minha aprendizagem entrelaçada às minhas propostas enquanto eu ensino, como um movimento espiral, no qual o binômio ensinar e aprender dialogam.

Neste capítulo apresentarei a proposta de criação desta exposição intitulada Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens, realizada entre as estudantes e a professora da atividade extensionista Alfabetização Cultural. Optei por iniciar a pesquisa narrando o dia de culminância desse trabalho.

A ideia é narrar a experiência da exposição, lendo algumas sínteses reflexivas das estudantes da turma durante o processo e retomá-la no

---

<sup>2</sup> GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

capítulo quatro, com a reflexão sobre a construção da exposição, a metodologia usada, relacionada com o pensamento projetual em Design.

O texto em destaque refere-se a um trecho do registro reflexivo da estudante Ângela Joaquim, na época, estudante do primeiro ano, escrito por ela como parte das atividades que constituíram todo o projeto da exposição realizada no pilotis e pátio do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), situado no Largo dos Leões, no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro. Ângela narra de forma descritiva a exposição montada no espaço do ISEPS e em seguida, é possível ver algumas fotografias do dia da abertura da exposição.

*Foi uma linda e grata manhã de sábado, dia 03 / 06 / 2023, onde pudemos receber nossos familiares e amigos mais próximos para apreciar nossa produção. Foi possível ver alegria, emoção, muita história... objetos históricos que passam pelos familiares há muitos anos, que tem sentimento e acima de tudo valor. Tudo isso não tem preço. Havia duas arquibancadas cheias de objetos, uma árvore representando a vida, com suas raízes e frutos, um painel com certidões e fotos de casamento, afinal nós nascemos da união de pessoas e do coração também e para finalizar, uma farta mesa com comidas típicas de várias regiões do Brasil, comidas que alimentam o corpo e o coração. (Silva, 2024)<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Fotografia 1 - Familiares das estudantes visitando a exposição no ISEPS



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, rio de Janeiro, 2023

Sob os braços abertos do Cristo Redentor, o Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) funciona em uma casa com um jardim que parece ser abençoado por Ele. O jardim com um pequeno lago, muitas orquídeas suspensas nas árvores, peças de arte, mobiliário antigo e elegante, um palco ao ar livre, um teatro recém construído, muitos estudantes e professores de graduação e pós-graduação a circular nesse cenário. É um lugar acolhedor, não só pelo espaço bem cuidado e decorado, o que demonstra uma preocupação da instituição com a estética, como também, pelas atividades voltadas para a educação e a cultura, buscando sempre agregar as pessoas e promover estudo e conhecimento.

O dia da exposição foi especial com uma alegria que tomou todo esse lugar, como já anunciou a estudante Ângela Joaquim em seu texto. Acordei cedo e fui para lá, sabendo que seria uma manhã bastante movimentada, pois era dia de abirmos a exposição preparada pelas estudantes para o encerramento do semestre, na atividade extensionista. Era previsto um bom número de visitantes na casa, pois era a culminância do Projeto e teríamos muitos familiares convidados.

Sebastião, funcionário mais antigo do ISEPS, me recebeu com um largo sorriso querendo saber dos detalhes do evento planejado com a turma 2023 que é a turma estreante no Programa Extensionista do ISEPS<sup>4</sup>, exigido nas universidades e faculdades do país, desde 2018, e teve início com o projeto nomeado por nós de Alfabetização Cultural.

A maioria das estudantes da turma já se encontravam no pilotis e no palco, desde muito cedo, às voltas com a arrumação dos trabalhos planejados e previamente elaborados para esse dia, mas que hoje teriam uma etapa importante que seria a montagem da exposição e toda produção desse espaço. Na fotografia a seguir é possível ver esta movimentação dos estudantes.

Fotografia 2 -- Estudantes Fernanda Oliveira e Maria Petiane Santos preparando a mostra



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2023

---

<sup>4</sup> Segundo o Art. 8º da resolução no.7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação, as atividades extensionistas, segundo sua caracterização nos projetos políticos pedagógicos dos cursos, se inserem nas seguintes modalidades:

I - programas; II - projetos; III - cursos e oficinas; IV - eventos; V - prestação de serviços.

Acompanhar toda a movimentação das estudantes presentes e a forma com que se dedicaram à preparação de cada detalhe da exposição, foi comovente. A ideia de fazer uma mostra de trabalhos delas, no espaço de formação de professores em serviço, foi uma forma de experimentar e valorizar o papel de professor-artista, que nos desafia a pensar na educação como obra de arte, e nesse caso, transformar a experiência de vida e formação das estudantes em um processo de construção identitária. Juntas, nós enfrentamos com grande expectativa o desafio de nos aventurarmos na curadoria e preparação de uma mostra coletiva com a temática da ancestralidade, algo que eu ainda não havia realizado com tanto empenho. Me recordo de algumas propostas de trabalhos enquanto atividade complementar, com as fotografias feitas da janela de casa no ano da pandemia (turma 2019), a criação de livros artesanais sobre os bairros dos estudantes (turma 2018) e outra com fotografias dos lugares preferidos dos estudantes em suas comunidades (turma 2009), mas pensar em uma mostra que contasse um pouco de cada estudante e seus ancestrais, que promovesse um mergulho em suas histórias de vida, seus vestígios de memórias familiares, dentro da faculdade de educação que pretende formar professores, foi algo significativo e novo.

As estudantes tiveram a oportunidade de criar um produto que apresentasse elas mesmas, como algo especial e genuíno de cada uma, marcando cada uma naquele espaço de aprendizagem.

Ao chegar no ISEPS, com duas horas de antecedência ao horário marcado com os convidados, conforme convite enviado aos familiares das estudantes e professores do curso, algumas estudantes já estavam envolvidas na arquitetura da mostra, organizando o espaço e muito do material que já havia sido confeccionado previamente. Durante essas duas horas de preparação que antecederam a exposição em si, percebi uma forte imersão das estudantes, que de forma colaborativa organizavam os objetos de memória, trazidos cuidadosamente para

compor essa mostra. Acertos foram sendo feitos entre todas, combinando onde seria o espaço de exposição dos objetos, onde e como iriam pendurar as peças de roupas, como seriam dispostos os álbuns de fotografias de casamento e aniversários, documentos, e em qual pilastra seria afixada a “árvore ancestral” desenhada pela estudante da turma, Fernanda Cristina, que apresentava nas raízes, os estados brasileiros que referenciam a origem das estudantes e suas famílias. O resultado pode ser visto nas fotografias abaixo:

Fotografias 3 e 4 - Painel de registros fotográficos referentes aos familiares das estudantes



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro Batismo, 2023

Com um cuidado extra, as estudantes manuseiam e organizam os frágeis documentos pessoais, tais como certidão de casamento, , nascimento e carteira de trabalho, inventariados com a colaboração de membros das famílias e que traziam em suas folhas amareladas e visivelmente guardadas, as marcas da passagem do tempo, como pode ser visto na fotografia a seguir:

Fotografia 5 - Painel com documentos pessoais das famílias



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro, 2023

Ao lado das certidões um buquê de flores amarrado com uma fita de cetim, parecia representar a beleza, o tempo e a marca do sagrado nos enlaces ali presentes, o que me chama bastante atenção à estética escolhida.

Uma outra preocupação do grupo era como ficariam dispostas as travessas de comidas típicas de seus lugares de origem, além dos pratos elaborados com sabores de afeto de seus encontros familiares tradicionais ao longo dos anos. Podemos ver um dos pratos na imagem abaixo, representando o estado da Paraíba.

Fotografia 6 - Bolo representando o Estado da Paraíba( PB)



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro, 2023

As comidas icônicas das famílias eram fundamentais no dia da mostra, como elemento cultural carregado de memórias. A memória é o que nos faz ser quem a gente é e parece que a exposição ajudou a organizar esses saberes.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.

A gente só descobre isso depois de grande

A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.(Barros; 2010, p. 65).

Outro elemento importante era o som, do qual já podíamos também escutar, a caixa ligada, espalhando no ambiente o áudio que foi gravado para que ficasse repetindo, durante toda a manhã da mostra, os nomes completos das estudantes e de seus ancestrais conhecidos e / ou lembrados, sendo falados por algumas horas. Tiganá Santana, um dos curadores da exposição Um defeito de cor<sup>5</sup>, nomeia esse elemento de

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PM0S-QKMVSM>. Acesso em 2023.

paisagem sonora, uma narrativa que dialoga com a cena principal, constituindo-se como parte dela.

Após assistirem ao vídeo sobre a exposição no Museu de Arte do Rio, uma das atividades realizadas ao longo do semestre, os estudantes perceberam que havia som ao fundo e então numa menção às agruras da diáspora, da escravização do povo preto que perdeu seus nomes e identidades ao serem traficados para o Brasil, recebendo nomes de seus donos<sup>6</sup>, a turma decidiu incluir uma paisagem sonora ao cenário da exposição delas. Muitos objetos, peças de roupa, fotografias foram expostos no palco, no espaço que reservamos para a mostra. Pelo chão, escrito com giz no assoalho de madeira, podíamos ler frases resgatadas da memória familiar das estudantes que comprovam o poder da oralidade como parte do inventário de registros afetivos que emergem no ambiente das famílias desde o nosso nascimento. Expressões ouvidas em casa, ao longo dos tempos, passadas de geração em geração como marca da identidade familiar.

Fotografia 7 - Manuscritos com giz no chão onde foi realizada a exposição



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro, 2023

<sup>6</sup> O processo de renomeação era uma das formas de desumanização impostas pelo sistema escravagista.

Durante o tempo de montagem, muita coisa se deu em um processo criativo e de cuidado, de integração entre todas. Esse processo me levou a pensar na riqueza vivida pelos envolvidos e me perguntar se as estudantes estavam se dando conta realmente de todo esse processo que elas experimentaram. Durante o trabalho, via-se que elas preparavam mais do que um mapa afetivo de memórias e significados, mas um entrelaçamento de histórias, conduzido de forma delicada, e ao mesmo tempo, sugerindo a potência de cada registro individual.

Percebi claramente um movimento de respeito, cuidado e reverência entre todas as estudantes com relação aos pertences individuais, às histórias narradas por cada uma, a curiosidade pelas fotografias das colegas que contavam um pouco de cada estudante, revisitando as histórias de si, mas em uma construção coletiva, entrelaçando as histórias de todas, dentro da ideia de resgate da ancestralidade, reconhecendo as identidades e subjetividades dentro desses vestígios de memória.

Outra observação interessante, foi que até então, as estudantes pouco se conheciam já que estavam estudando juntas há pouco tempo, mas a preparação da mostra de trabalhos foi uma forma de exercitar a aproximação entre as estudantes e principalmente, suas biografias. Temas vão se revelando através das conversas, personagens familiares vão ganhando visibilidade, intimidades vão sendo compartilhadas, como se ali fosse o território perfeito para que esses movimentos interativos acontecessem, com acolhimento das histórias de vida de cada uma e entendimento de que algo coletivo estava acontecendo entre elas.

E, de fato, no dia, as famílias chegaram ao Pró-Saber e foram ocupando o pilotis e o jardim, ainda que de forma um pouco tímida, como se pisassem naquele chão devagar, os familiares procuravam acolhimento e um lugarzinho para se sentar. Os estudantes foram recebendo-os com

abraços calorosos e eu ia dando as boas-vindas, tentando deixá-los à vontade nesse espaço tão novo para todos, e entregava em mãos um texto que buscava apresentar aos familiares um pouco de como preparamos esse dia, que pode ser captado na imagem a seguir.

Fotografia 8 - Uma das visitantes lendo o texto de apresentação da exposição



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro, 2023

Podíamos notar um misto de interesse e orgulho de todos os presentes, misturados a uma timidez e excesso de zelo na forma de chegar nesse lugar. Os olhares curiosos e interessados tentavam apreender os detalhes do lugar, as estudantes mostravam tudo aos seus entes amados que chegavam, e era visível a alegria de cada uma em poder apresentar a sua faculdade para a família. Em nada difere de uma criança que, nos eventos escolares, abre um sorriso ao receber suas famílias para assistirem a exposição preparada por ela. Eu me recolhi, quieta e bastante emocionada nesse momento, contemplando a boniteza dos encontros, dos abraços entre filhas e mães, com a chegada de seus filhos, maridos e amigos. Eu me perguntava o que deveria estar passando na cabeça de

todos os presentes, como estavam percebendo e sentindo esse momento é de que forma levariam um pedaço desse trabalho para suas vidas. Lembrei de minhas avós, meus pais e meus irmãos. Era realmente belo ver os estudantes exibindo, quase de forma infantil, os objetos de memória familiar que nesse espaço, ganhavam novo contorno, novo sentido, nova estética. Eu fiz o exercício de imaginar as estudantes na época da escola, e hoje, revivendo essa alegria de receber suas famílias em um espaço educativo, já adultas, onde buscam conhecimento para se tornarem profissionais conscientes de seu compromisso com a infância, a educação e a sociedade.

Durante toda a movimentação e interação entre os presentes na exposição, eu me vi atravessada emocionalmente por essa presença familiar promovida no espaço de estudo das estudantes. Neste momento, eu recordo a minha trajetória de estudante, do quanto era importante ver minha família nos eventos escolares, nas apresentações, mas principalmente em minhas formaturas de Magistério no Colégio Batista Shepard e depois em Pedagogia, na Universidade Gama Filho. Quanto orgulho eu via nos olhos de meus pais, avós, tios e irmãos ao me verem segurar meu diploma de professora.

Foram muitos sacrifícios feitos por meus pais, Maria Dalva e Ney Jorge, minha tia Tania e avós, Severina e Benedita, ao longo da vida, para pagar essas duas instituições privadas nas quais estudei. Minha família tinha orgulho de me ver na faculdade e acreditavam que isso seria a garantia de uma formação que me desse possibilidades mais competitivas em minha carreira profissional. Todos queriam que eu fosse uma professora formada na faculdade de pedagogia.

A cada diploma, minha família comemorava como um verdadeiro prêmio, como se eu tivesse chegado a um pódio que outros não puderam chegar. Abaixo, registros de alguns desses momentos, com minhas avós Benedita e Severina e minha mãe Maria Dalva.

Fotografias 9, 10, 11 e 12 - A autora com sua família no dia da formatura do Curso Normal Pós Médio dela.



Acervo pessoal , fotografado por Mirela Lamego , Rio de Janeiro, 1994

Me parece que a família, quando presente e ativa na vida de um estudante, seja em qualquer idade, qualquer curso, fornece o suficiente para que esse estudante acredite que o sonho não é só dele, mas de várias gerações. Ao recebermos os familiares no ISEPS, queremos que eles se sintam parte desse processo, sendo atravessados pela experiência acadêmica dos estudantes, além de celebrados por todo apoio dado e por serem parte constitutiva dessa trajetória.

Cada um dos presentes passou a pertencer ao processo de aprendizagem dos estudantes, à medida que foram se reconhecendo na mostra. A intencionalidade em minha fala de boas-vindas foi a de acolher, convidar, celebrar esse encontro e confirmar que todos faziam parte dessa história.

Trago aqui uma reflexão inspirada em Larrosa (2002, p. 21), que vem ensinar que a experiência é algo que nos acontece, que nos toca. Quando penso nessa experiência que nos atravessa, me vem a ideia de algo que

muitas vezes nos escapa a palavra para explicar, mas que é sentido, tocado. Neste dia, cada um dos presentes, estudantes e familiares foi atravessado por uma experiência, a partir das imagens, dos objetos, dos documentos, dos cheiros e sabores reunidos com tanto afeto para que funcionassem como uma homenagem a cada um dos antepassados, presentes fisicamente ou não. Essa proposta de atividade talvez tenha nos levado a pensar na possibilidade de uma experiência existencial, de pensar o sentido que damos aquilo que nos atravessa, nos toca. E dessa forma, pensar também nos espaços de aprendizagem da formação de professores, como oportunidades de proporcionar essa experiência que dá sentido à existência dos estudantes, de uma forma que os toque e os leve a refletir sobre sua prática como docentes. Um estudante da formação de professores, atravessado pela experiência significativa, que dialogue com a subjetividade, é algo transformador, ele se instrumentaliza de algo que é muito próprio. Mais do que uma celebração, cada um dos seus antepassados estava igualmente envolvido naquele trabalho, em uma perspectiva de passado, presente e futuro, representada na exposição, sendo comemorada no melhor sentido da palavra: trazer à memória juntos<sup>7</sup>.

## **2.1 O olhar que escolhe: a curadoria da exposição e a experiência do professor-artista**

Toda exposição tem um conteúdo a ser exibido, uma narrativa sendo contada, uma reflexão sendo provocada e um público que a visita, interpreta, frui. A ideia da exposição com a temática ancestralidade veio acompanhada da dúvida sobre o que exatamente seria mostrado e como seria mostrado. Tínhamos que construir coletivamente os detalhes de

---

<sup>7</sup> A etimologia da palavra comemorar é de origem latina - *commemorare* - e significa trazer à memória. *Commemorare* também significa *com-memorare*, isto é, recordar com, recordar junto com o outro. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000100001>]

uma exposição a partir dos conteúdos e reflexões que emergiram das aulas. Também tínhamos o desafio de não só apresentar os conteúdos, mas organizar uma exposição, que também pudesse nos emocionar, comunicar e refletir sobre a ancestralidade pela perspectiva das pessoas envolvidas. Como faríamos isso? Se tínhamos uma questão, já tínhamos o início de um projeto. Como montar uma exposição com tempo curto? O que queríamos levar para a mostra?

Durante as aulas do semestre, diferentes assuntos foram levantados coletivamente, sobre como seria essa curadoria dos objetos, o porquê das escolhas, os textos explicativos, os sons que queríamos na mostra, as cores dos painéis e imagens que iriam compor o acervo.

Todas as atividades propostas ao longo do semestre tiveram uma conexão, ligando os saberes, as tarefas, os programas culturais realizados e as reflexões propostas.

Desde a primeira aula do semestre, em março de 2023, as atividades foram conduzidas pela professora para a construção da mostra, em permanente aproximação com os conceitos que iríamos abordar tais como: ancestralidade, superação, origem, identidade, história, linguagem da arte e cultura brasileira.

As estudantes, nenhuma delas artista, porém experimentando a sensação de ser professora-artista. É do senso comum ouvirmos que para ser professor é preciso ser um pouco artista. Essa frase não é dita em vão, afinal, o professor é aquele que também encanta, cria, improvisa e realiza obras de arte nas aulas e pode emocionar quando abraça esse espaço como um lugar de criação.

Embora Paulo Freire (2010) não tenha usado diretamente a expressão professor-artista, ele enfatiza a dimensão criativa e dialógica do trabalho docente em *Pedagogia do Oprimido*, no sentido de humanizar-se, quando

escreve que sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. (Freire, 2010, p. 86).

Em *Ensinando a transgredir*, hooks (2013) destaca o papel do professor como um agente criativo e transformador, que combina arte e pedagogia para criar espaços de resistência e liberdade.

Almeida e Silva (2015, p. 10) escreve que educar é você retirar o sujeito da tragédia e trazê-lo para o drama, onde há movimento, onde há saídas para a vida e para a graça. A arte enfeitiçaria a Educação, na medida em que esta se tornasse um processo de criação, e a Pedagogia se transformasse numa pedagogia da alma, do ânimo, do espírito, da psique.

Dewey (1971), explora a ideia de que a prática educacional pode ser vista como uma forma de arte. Ele defende que tanto o ensino quanto a aprendizagem são processos criativos, e que o professor, como artista, deve moldar experiências significativas para os seus alunos.

Esses autores nos ajudam a fundamentar a ideia de que o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um criador de experiências significativas que envolvem imaginação, criatividade e sensibilidade estética, características de um artista.

Todo o movimento de organização e composição do espaço no dia da mostra, gerou grande euforia e envolvimento das estudantes, que de forma colaborativa iam se descobrindo umas às outras na montagem da exposição, ouvindo as histórias por trás de cada objeto, fotografia, documento etc. Com isso, já era possível notar que algo acontecia no grupo, algo que nos conectava e nos emocionava. Etapas vividas, desde a sensibilização até esse fazer cultural, passando pelas imersões e reflexões sobre a experiência, através das propostas do semestre. Podemos dizer que as estudantes fizeram um mergulho em suas trajetórias e refletiram sobre elas com essa exposição.

Teria sido impossível realizar a exposição sem mergulhar nas histórias das estudantes, sem provocá-las a pesquisar vestígios de seu passado, sem conversar com os familiares, sem revirar os guardados. Esse era o ponto central do projeto da exposição. Trago aqui a inspiração no poeta Antonio Cícero (1996) o que estava trancado, estava agora sendo colocado à vista, para olhar, admirar, iluminar e ser iluminado por ele.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela. (Cícero, 1996, p. 17).

A etapa de curadoria, entender o que significava fazer essa curadoria, pensar no que levar para a mostra foi uma das mais importantes a meu ver. Os estudantes fizeram uma imersão nos seus contextos familiares, pelo princípio da pesquisa de campo, em busca de material para trazer as famílias à exposição. Listaram o que acharam importante estar presente na mostra. E que todos esses elementos reunidos comporiam uma mostra de arte foi uma constatação do grupo. Subjetividade, intimidade familiar, referências, e quando elas se deram conta, a pesquisa não era mais só entre a professora e as estudantes, mas ela estava sendo construída pelas famílias também, o que demonstra um aspecto do Design em parceria.

Momentos de compartilhamento de histórias e de lembranças emergiram em cada casa, na ocasião em que fizeram o inventário dos objetos, que pode ser lido no registro escrito da estudante Maria Petiane D. dos Santos:

Na construção da exposição sobre ancestralidade, pensei em trazer fotos dos meus familiares, avó, avô, mãe e pai para relacionar com o ato de pedir a bênção.

*Quando compartilhei isso com os meus familiares, eles estranharam, pois ao dividir tudo o que aprendi no semestre sobre os saberes dos ancestrais, percebi que não se pode deixar que se perca. Assim como eu, eles ficaram encantados, porque não tinham ideia da dimensão da importância que esse ato tem. Ao compartilhar com eles todo conhecimento que eu obtive assim como eu, eles ampliaram o olhar para o ato de pedir a benção. E, para reafirmar essa importância, pedi que eles fizessem um vídeo falando sobre o que cada um sentia. Nesse vídeo, participaram minha mãe, meus sobrinhos, meus filhos, meu cunhado e meu irmão. O que para mim era um simples ato, a partir dessa disciplina me ampliou ainda mais para continuar a pedir a benção e que ele venha seguir de geração em geração. (Santos, 2023)<sup>8</sup>*

A estudante Maria Petiane D. dos Santos nos evidencia em sua reflexão escrita que a construção da exposição, mobilizou não só a ela que tinha uma proposta a cumprir, como também envolveu os familiares todos numa postura reflexiva sobre a tarefa dela, evidenciados na participação, na compreensão do propósito de resgate das memórias e na valorização dos gestos e hábitos passados pelos ancestrais. A família inteira pode pensar sobre marcas de cultura que passam de geração em geração naquele grupo familiar e o quanto isso revela da história deles.

As conversas e pesquisas que aconteceram entre os familiares e as estudantes, os baús e os armários revirados, a mesinha vazia faltando objetos emprestados para a mostra, o cheiro de guardado que tomou a sala e sem contar as lágrimas dos estudantes ao visitar as fotografias selecionadas para tal evento. Histórias de si eram entrelaçadas com o passado, num movimento de mergulho em busca da beleza do que cada um é.

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (Josso, 2004, p. 59).

---

<sup>8</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Nota-se que a etapa de pesquisa, do projeto da exposição, que convidou as estudantes a buscarem objetos de afeto em seus contextos familiares, levou a estudante Maria Petiane a tomar consciência de que esse encaminhamento poderia envolver toda a família, explicitando conteúdos que passaram a ser de todos eles. A estudante, ao mesmo tempo que aprendia, ensinava. O ato de pedir a benção, antes, apenas um gesto tradicional entre os familiares da estudante, ganha um status diferente, como se todos passassem a compreender e valorizar o ato como uma marca da cultura daquela família, daquele grupo e porque ele se perpetua. A percepção disso, muito provavelmente será um aprendizado que ela levará para sua formação, com um olhar ampliado, empático com os seus alunos, suas famílias, suas histórias e sua cultura, constatando que a formação se dá na interação e na reflexão sobre a ação.

*Foi uma experiência muito maravilhosa, desde o início, a busca por objetos, fotos, fala dos nossos ancestrais, que cada aluno teve que buscar, para fazer parte da exposição, eu fui em busca de fotos, dos meus avós, pois na época deles fotos quase não eram tiradas, comecei minha busca, ligando, mandando mensagens pra minha família, até achar foto do meu avô paterno Daniel, do meu avô José eu tinha e da minha avó Rita, com isso eu percebi o quanto é importante carregar algo da sua ancestralidade, confesso que nunca me atentei a isso, mas a partir desta vivência, quando viajar pra Paraíba vou querer trazer algo, que levarei pra sempre comigo, e que passar de geração em geração. (Santos, 2023) <sup>9</sup>*

Nesse trecho, a estudante Maria Petiane Santos percebe a importância dos guardados, que com reflexão, esses vestígios das histórias de vida tornam-se achados, e revelam a memória registrada nos objetos, nos levando a pensar que o tempo das coisas, o tempo das experiências, na verdade é o tempo delas, e das famílias. E refletir sobre a memória é refletir sobre o tempo e as histórias.

---

<sup>9</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Cada objeto traz em si as lembranças e a história das famílias e por isso mesmo, trazem marcas de cultura impressas em cada um. Ao olhar para esses objetos e resgatar as memórias de cada história, a estudante bem como os seus familiares percebe essa experiência de outra forma, mediada por esses registros da cultura daquela família.

Depois dessa nova leitura dos objetos familiares que suscitam lembranças, eles deixam de ser apenas objetos, mas são ressignificados em história, cultura, marcas de uma existência. Anísio Teixeira (1971) chamou atenção para a educação como reconstrução da experiência, “o fato de conhecer uma coisa importa em uma alteração simultânea no agente do conhecimento e na coisa conhecida. Essas duas existências se modificam, porque se modificaram as relações que existiam entre elas” (Teixeira, 1971, p. 34).

A estudante Maria Petiane escreve que ao visitar a Paraíba, pretende trazer algo de lá, como se passasse a reconhecer que a história de si envolve não só os objetos, as pessoas, mas também a interação com os lugares de origem, de referência, que foram explorados na exposição elaborada pela turma, com o levantamento de todos os estados onde elas nasceram ou onde os familiares viveram grande parte de suas vidas. Sujeito e objeto de aprendizagem estão envolvidos em um único processo, ora se vê, ora é visto, ora aprende, ora ensina. Maria Petiane percebe que está envolvida nesse processo de ser o sujeito é também objeto da experiência. Josso vai nos dizer que “ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um”. (Josso, 2004. p. 58)

É possível que o entendimento da cultura se amplie, pois ao visitar um museu, por exemplo, espera-se que um estudante possa aprimorar a escuta do outro, perceber e aceitar outras formas de expressão e as histórias diversas que são manifestadas em forma de arte. Ao olhar para

a própria história, as estudantes, nesse caso, professoras em formação, não só exercitam uma metodologia, mas também vislumbram a construção de projetos em suas aulas de aula futuras, levando em conta essa experiência vivida por elas mesmas na faculdade a partir do sujeito.

Um ponto importante a ser refletido é que ao construir a exposição, o amor presente na família emerge como uma potência deixando evidenciado na coleta de material e na pesquisa realizada pelas estudantes, a reverência aos seus antepassados e suas marcas culturais. Nesse momento, as estudantes mergulham nesse universo que já conhecem, já sabem e que pertence a elas, mas passam a ampliar o olhar, num movimento de dentro para fora.

Para além disso, o projeto ganha uma nova dimensão quando se torna objeto de estudo de todo o grupo, e convida a pensar no ambiente formal da sala de aula, como um espaço de aprendizagem coletiva que possibilita refletir sobre a educação como ato político. A autora bell hooks (2021) foi apresentada às estudantes nas aulas para que pudessem refletir sobre o conceito de amor como ação, fundamentado pela escritora. Pensar na responsabilidade que os componentes de uma família tem uns com os outros, nos movimentos de aprender e ensinar e como isso chega até eles, como educadores. hooks possibilitou-nos pensar em como avançar nas reflexões sobre as histórias de vida reveladas na sala de aula de forma responsável e comprometida com o aprendizado consciente e assim contribuir para as estudantes pensarem nas suas atitudes diárias.

## **2.2 A pesquisa como encontro e o amor como ação**

O resgate das memórias de cada uma, proporcionada pela exposição, trouxe as estudantes para a centralidade da proposta da atividade

extensionista. Em um registro reflexivo sobre a exposição, a estudante Ângela Joaquim escreveu que a exposição “trouxe nós”.

Incluir a ancestralidade das estudantes como conteúdo das aulas para o desenvolvimento do projeto, posicionou as famílias em lugar de destaque e levou-as a refletir sobre o amor. Todo o processo de construção da mostra teve como objetivo trazer as estudantes, suas histórias e suas vidas. Um ponto que vale refletirmos é que podemos considerar a exposição criada por elas como um outro espaço de aprendizagem, diferente da sala de aula, com outra dinâmica de interação e outra metodologia.

As estudantes experimentaram um processo de aprendizagem que as colocou em contato com suas histórias, valorizando quem elas são e o que elas trazem na bagagem. Há uma legitimação dos saberes de cada estudante nessa metodologia da exposição, proporcionando o desenho da atividade extensionista a partir do saber coletivo.

No entanto, mergulhar na história de si não é suficiente, é preciso saber o que fazer com os conteúdos que emergem dessa proposta a partir das contribuições das estudantes, costurando as histórias, as memórias, as propostas das aulas e as reflexões. É preciso olhar para esse passado, essas memórias, e inserir no contexto atual. Entender a ação que esse registro de memória pode promover na formação de cada uma.

Abordar a temática da família e da ancestralidade é inevitavelmente, pensar sobre o amor e de qual amor queremos tratar no espaço público da sala de aula. Tirá-lo do espaço privado e inseri-lo no espaço público é politizar o amor, se faz imprescindível discutir a perspectiva de hooks (2021) desse amor como ação. Para a autora, o amor não é apenas um sentimento, mas uma prática ativa que envolve compromisso, cuidado, respeito, conhecimento, responsabilidade e confiança. Dessa forma, nos leva a pensar no significado do amor no contexto da educação como uma

prática e não apenas como sentimento. Um exercício que eu costumo fazer com as turmas é pedir que os estudantes lembrem de modelos de professores que marcaram suas vidas e quais as suas ações que demonstraram cuidado e compromisso. O vínculo, o afeto e o respeito são sempre citados. O amor é uma força transformadora na educação, uma prática revolucionária capaz de criar espaços de aprendizado libertadores.

É importante entender que a sala de aula tem um papel político, de reflexão coletiva sobre essas experiências individuais proporcionadas pelas aulas.

Há nessa proposta da exposição um ato político, e pode sim ser um lugar para a tomada de consciência dessas histórias que foram suscitadas, dessas subjetividades. É preciso lançar um segundo olhar mais apurado para a história de vida, com certo distanciamento para tirar dessa narrativa o ouro para a formação. Cada estudante vive seu processo de transformação no coletivo, porém considerando a aprendizagem e a trajetória de cada uma. Abaixo podemos ler o registro reflexivo de Dulcilene Alves, enquanto fazia seu inventário de objetos para a exposição.

*[...] para mim foi mais difícil contar histórias e ter objetos dos meus ancestrais, graças a Deus tenho meus pais aqui comigo e eles não são muito de guardar coisas, minha mãe principalmente, porque por um bom tempo de sua vida morava de favor na casa dos outros e não tinha muita coisa pra chamar de seu, e as fotos que tenho de quando era criança e morava com meus pais, com o tempo elas estragaram. Com a minha tia, eu consegui uma foto do meu pai com seus irmãos de quando ele era pequeno e dos meus avós. Mesmo eu não tendo muita coisa para falar e mostrar, pude ter um momento com a minha mãe de fazer a broa de fubá, que ela aprendeu a fazer com minha avó Maria, e foi o que eu levei para o evento, e me fez lembrar de quando eu era criança e se hoje eu sei e gosto de cozinhar, devo tudo isso a ela, minha mãe, que me ensinou desde pequena. Para finalizar quero deixar aqui o meu agradecimento por esse momento lindo e inesquecível que me*

*fez refletir muito sobre as marcas que vou deixar nas pessoas que passam pela minha vida. (Alves, 2023).<sup>10</sup>*

A estudante enaltece o fato de ter os pais com ela e o amor que os envolve, mas ao mesmo tempo, percebe que o ato de não guardar objetos e registros da vida tem relação com a história deles. Essa reflexão, mediada pela proposta da exposição, deu a Dulcilene a percepção do que é história. Ela escreve sobre a falta que fez não ter objetos, nem fotografias da sua infância para contribuir na exposição, ao mesmo tempo que se dá conta de que ela própria tem uma responsabilidade quando escreve “as marcas que vou deixar nas pessoas”. Dulcilene também reflete e toma consciência de outros saberes, não-materiais, como o fato de saber cozinhar graças à mãe, ao tirar um tempo para preparar a broa de fubá que ela levaria para a exposição, uma receita da avó, marca de sua família e de sua história. Dulcilene percebe a importância que a broa tem para a sua história, e parece se conformar que está tudo bem não ter as fotografias, mas a estudante conclui o seu registro reflexivo com a dimensão de continuidade, de que ela ainda está construindo a história. É uma importante tomada de consciência da estudante e revela esse ato político, de que existir é algo mais do que estar vivo. É preciso se apropriar dessa existência.

Arendt (1958) fala sobre a importância do mundo comum, que é o espaço onde os indivíduos constroem juntos a realidade política e social. Esse mundo comum dá sentido à vida coletiva, garantindo um tipo de “enraizamento” que não é fixo, mas construído pela ação e pela palavra no espaço público, nos levando a compreender melhor a existência numa dimensão política que, a meu ver, precisa acontecer na sala de aula.

---

<sup>10</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Acredito que na exposição, a partir da pesquisa das histórias de si, as estudantes tiveram um pouco essa experiência de mundo comum percebendo que cada uma tem uma existência, dentro de um contexto familiar, e que esse contexto tem marcas que lhe são próprias, mas que no coletivo, através da ação e da palavra no espaço público, esse mundo comum ganha sentido a todas elas.

Na época da exposição, a estudante Dulcilene tinha os pais vivos, apesar de não ter fotografias antigas para levar para a atividade. Em outra aula, um ano depois, ela escreveu em novo registro reflexivo:

*Contemplando 1 ano de morte do meu pai, que para mim foi uma perda muito triste e uma morte muito boba, bem esse era o meu pensamento porque não aceitava a sua partida. Mas nesse mesmo dia, ouvindo as minhas colegas dando seu relatos e dizendo que foi bom ter essa memória ativada, eu pude entender realmente o significado dessa ancestralidade, porque agora tenho uma pessoa que fez parte da minha vida, com muitos legados deixados, que hoje já não faz mais parte da minha vida, em vida. Sempre vou lembrar das coisas que ele fazia e de suas sábias palavras, mas isso tudo vai ficar só na minha lembrança, ou seja, é minha ancestralidade. (Alves, 2024).<sup>11</sup>*

Neste dia, estávamos em aula, conhecendo um pouco mais do pensamento da escritora bell hooks, e discutimos sobre sua visão de amor. Mergulhar nas histórias de vida e formação, nas referências ancestrais, nos legados familiares, na cultura, crenças que herdamos é falar de amor. Amor que cada uma conhece, da forma que foi, sem julgamentos, mas numa concepção de algo que seja transformador, deve ser uma reflexão na formação de professores.

A exposição “Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos saiba de onde vens”, revela uma faceta do amor, o amor ancestral, suas marcas em cada estudante e sua dimensão de amor

---

<sup>11</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

como legado, como uma prática que pode potencializar a construção de uma nova sociedade, influenciando diretamente as escolhas dos estudantes, as formas de olharem o mundo, a educação e a cultura.

A estudante Fernanda Luiza nos presenteia com uma reflexão, revelando a sua transformação vivida a partir da experiência na construção da exposição. Traço aqui um paralelo com a ideia de amor enquanto ação, apresentada por hooks (2021):

*Que dia incrível, primeiro porque pude apresentar a instituição a qual frequento para meus entes, pude trazê-las, mamãe e filha para mostrar um pouco de como é, conhecer algumas professoras e olhar com os próprios olhos esse lugar que além de lindo, traz magia. E falar sobre meus antepassados, nessa exposição trouxe objetos e fotos de meus avós maternos Jorge e Juracy, ambos que não conheci, pois faleceram antes mesmo de eu nascer, mas que trago com carinho em meu coração e que conheço estórias contadas sobre eles por meus irmãos e primos. Vovó era muito afetuosa com os netos, mas era durona, detestava desobediência, sempre tinha um potinho de doces sobre sua mesa e todos os netos só podiam tocar após o almoço. O Vovô já era mais sisudo, não era de muitos sorrisos e nem muitas brincadeiras, mas era um grande defensor da pirralhada, se fosse pra brigar com os netos ele mesmo o fazia, não permitia que ninguém chamasse a atenção se não fosse da família. Minha mãe, obviamente, fala sobre eles com saudade, conta que seu pai faleceu, ela ainda era moça, logo após de fazer sua festa de debutante, esse era o sonho dele, concluiu e em seguida faleceu. Lembro da emoção dela ao ver a carteira de trabalho que levei para a exposição, pertenceu ao meu avô. Ela lembrou o quanto ele a incentivava a estudar para que não terminasse como ele, trabalhando duro para ganhar pouco, mas que pelas circunstâncias só concluiu os estudos há pouco tempo. Que importância teve esse projeto para a minha filha, que até então nunca tinha percebido que aquele quadro na estante representa a imagem de seus bisavós, e eu que também nunca a tinha apresentado. Bizarro pensar nisso, ela que já tem 12 anos vendo aquela foto sem saber quem são aquelas pessoas. Pessoas que fazem parte da sua vida. Me caiu a ficha que também, até então, não conhecia o nome dos meus bisavós, passei a conhecer a partir da pesquisa para a exposição, e aí está a importância da exposição pra minha vida, como assim até então não tive essa curiosidade?? Realmente nunca me passou pela cabeça. Então concluí também, o quão necessário é ter e guardar objetos e fotos, mesmo que em pouca quantidade, mas que você tenha para lembrar dessas pessoas que contribuíram para que você existisse. Neste dia conheci a família de vários*

*colegas, seus companheiros, pais e filhos. Vi muitos deles envolvidos em reconhecer seus familiares através dos objetos e fotos, vi eles participativos no momento que a professora fez uma breve atividade de relembrar frases de efeito e vi muitos olhares felizes. Esse projeto no fim foi uma forma de aplacar a saudade do coração de todos nós. (Souza, 2023).<sup>12</sup>*

Fotografia 13 - A estudante Fernanda Luiza com a mãe e a filha na exposição do ISEPS



Acervo pessoal , fotografada por Melissa Lamego , Rio de Janeiro , 2023

Para Fernanda Luiza, presente na fotografia acima com sua mãe e sua filha, a exposição foi transformadora, pois a estudante tomou consciência de sua existência, de sua mãe, avós e sua filha, nessa linha sucessória. A estudante Fernanda Luiza manifesta sua grande alegria nesse momento em que pode apresentar a faculdade em que estuda para sua mãe e a filha, resgatar os avós que não conheceu, mas que estavam presentes na mostra em objetos e fotografias, como forma de reverenciá-los, são manifestações de amor e afeto. Fernanda Luiza não conheceu os avós, mas na pesquisa para a exposição, pode descobrir características de

---

<sup>12</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

cada um e conhecê-los um pouco mais, reconhecendo a importância que eles têm em sua vida.

O trecho mais forte nesse registro escrito de Fernanda Luiza talvez seja quando ela escreve que a filha, hoje com 12 anos, não sabia quem era o casal na fotografia da sala de sua casa até hoje, e nem a estudante havia pensado em identificar o casal para a filha. Fernanda Luiza parte em busca de entender sua história, quis saber quem são seus bisavós dos quais não sabia nem os nomes, revelando assim a importância que a exposição teve em sua vida. A experiência vivida pela estudante Fernanda Luiza Souza e sua filha podem nos dar um entendimento do que seja esse amor como ação, como nos diz bell hooks (2021). Essa oportunidade de olhar para o cenário familiar que nos é dado, entender as suas relações e refletir sobre possibilidades de reflexão e de ação sobre essas mesmas relações. E isso, nesse caso, se deu, em uma metodologia de ensino-aprendizagem, em que foi aberto um espaço para compartilhar as histórias de si, como possibilidade de expressão das subjetividades das estudantes.

Trago aqui o poema de Conceição Evaristo, Vozes-mulheres, que apresentei em uma das aulas de Alfabetização Cultural para esta turma e que, a meu ver, dialoga com o texto de Fernanda Luiza:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos

pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade. (Evaristo, 2017, p. 24-25),

O poema usado em aula como nutrição estética<sup>13</sup> Representa bem esse movimento de ontem, hoje e amanhã, se pensarmos que passado, presente e futuro se interligam pela história. No entanto, deve haver transformação, ação. Fernanda Luiza nos demonstra em seu relato essa história ressignificada, que ganha um novo contorno para sua existência e de sua filha.

### **2.3 “Trouxe nós”: caminhos tecidos entre estudantes e professora**

A síntese reflexiva da estudante Fernanda Luiza em diálogo com o poema de Conceição Evaristo, tem conexão direta a um dos maiores achados dessa pesquisa. Quero trazer a minha percepção de alguém que ensina e também aprende ao longo dos anos na docência. Aprendi e tentei ensinar que o olhar delicado e acolhedor que um professor faz para sua própria história de vida, pode ser algo precioso para pensar a sua prática de sala de aula e, principalmente, seu olhar para o mundo e as relações entre os

---

<sup>13</sup> O conceito de Nutrição estética será apresentado no capítulo 3.

saberes e as culturas. Considerar a pessoa humana que ensina, mas que também aprende, não caminha e nem cresce sem esse exercício de pensar o espaço de aprendizagem, seja ele qual for, um espaço e uma oportunidade de olhar para si. Acredito que este método possa desencadear processos de reflexão e de tomada de consciência da realidade, de contextos e, conseqüentemente, de ações pedagógicas importantes. Era isso que pretendia a proposta da exposição.

Ao resgatar a minha família e a minha ancestralidade, que vou trazer um pouco aqui apresentadas pelas minhas duas avós, tentarei evidenciar como esse exercício me deu a lucidez e alargamento para entender o meu trabalho e minhas escolhas. Foi olhando para mim que pude desenvolver o olhar para o outro, a partir do impacto do resgate de minhas memórias ancestrais na minha formação.

Um espaço de aprendizagem pode ser muito mais aprofundado se considerar os personagens da sala de aula como protagonistas dos projetos que vão surgir. Minhas escolhas foram inspiradas e marcadas pela força de minhas raízes, onde meu coração batia mais forte. Nossa potência sempre está lá.

Minhas duas avós, com todos os percalços que viveram enquanto estavam aqui entre nós, me ensinaram valores humanos como empatia, resiliência, coragem e resistência que em muito me levaram a encontrar meus caminhos como professora e fazendo desse ofício um lugar de pensar sobre o mundo e suas relações. Além disso, a visão que elas tinham do mundo, da educação e da cultura, me impulsionaram a pesquisar a minha história e perceber o contorno metodológico que eu procuro dar ao meu trabalho em sala de aula.

Quando faço o exercício de olhar para trás, me considero uma pessoa privilegiada pela vida, e por todas as oportunidades que foram aparecendo e que eu abracei e me dediquei. Eu tenho muito a agradecer

a quem veio antes de mim, meus pais e às minhas duas avós. Isso pode soar estranho e provocar curiosidade sobre a importância que esse conteúdo inicial possa ter nessa dissertação, mas para mim, é essencial falar da minha origem para dar sentido e significado à minha prática profissional e trajetória acadêmica e até mesmo ao tema desta dissertação. Foi determinante.

Para falar de hoje, impossível não falar de ontem, e para falar de minha prática pedagógica e metodológica como professora, por mais de trinta anos, preciso dar um passo atrás e resgatar um pouco essa história porque é dela que nasce o desejo de escrever esse texto, é dela que emerge esse sonho do mestrado, e é daí que vem o combustível para seguir adiante em minhas aulas, no exercício de observar os estudantes que passaram por minha sala de aula ao longo desses anos todos.

A busca por um lugar no mundo, em relação e interação com ele, o entendimento e o sentido desse lugar, ficam ali muitas das vezes brigando comigo, às vezes até me bloqueando, como forma de resistência negativa.

Trazer as raízes para o ambiente acadêmico, relacionar o que vivi e aprendi com os exemplos de minhas avós, potencializam o espaço de aprendizagem. Elas moram em mim e moram de um jeito que me ajudam nessa expansão. Olhar para trás, para essa história me ajuda a construir minhas aulas e a refletir sobre cultura, tema central de meu trabalho como professora do curso de Formação de professores do Instituto Superior de Educação Superior Pró-Saber (ISEPS), campo de estudo desta dissertação.

Resgato então duas personagens muito importantes da minha vida - minhas avós, para narrar o quanto essas duas referências me impulsionam, todos os dias, a expandir minha reflexão e minha prática em sala de aula. No mergulho na minha ancestralidade eu encontrei algumas

respostas para desenvolver o meu trabalho na formação de professores, no Pró-Saber. E, claro, isso não se deu de forma consciente desde o primeiro instante, foi revelado, construído em espelhamento com minha prática e na interlocução com os estudantes que por mim passaram. E dessa forma, propus o mesmo exercício ao propor a construção da exposição que realizamos em junho de 2023, na tentativa de que elas vivessem essa experiência.

Apresento então um pouco de minhas avós, Severina Batista e Benedita de Souza Lamego, como forma de expressar o impacto de minha ancestralidade na minha aprendizagem como professora, considerando a experiência de vida e formação nas aulas e como isso contribuiu para entender o processo de aprendizagem também de meus alunos e alunas.

Fotografia 14 - Avós da autora, Benedita Lamego ( sentada) e Severina Batista ( em pé)



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2018

Benedita de Souza Lamego, mãe do meu pai, nasceu em 12 de janeiro de 1928, no município de Barra de São João, estado do Rio de Janeiro, mas viveu toda a vida na Tijuca, bairro da zona norte do município do Rio de Janeiro. Foi operária em uma fábrica de tecidos, estudou somente até o então chamado curso primário que concluiu em uma escola de freiras, dentro da Igreja Nossa Senhora da Conceição, na Tijuca, Rio de Janeiro. Acredito que tenha sido aí que nasceu toda sua devoção católica e a fé em melhores dias, com toda a sua perseverança.

Embora tenha estudado muito pouco, ela se auto definia como uma mulher muito inteligente, sabia bem a diferença de instrução e inteligência, porque para ela, o saber útil para a vida estava associado às vitórias das lutas cotidianas e não ao conhecimento acadêmico propriamente dito.

A vó Bene, como a chamávamos, era uma defensora da educação, das escolas, dos professores, dos livros e da cultura brasileira. Sempre enaltecia a sua importância, assim como a função que uma escola tem na vida de alguém. Ela nunca permitiu que os dois filhos deixassem de

estudar, seguindo até a faculdade. Ela se sacrificou ao máximo para formar meu pai em Administração e minha tia em Psicologia. E assim foi com seus netos e netas também, todos formados em carreiras variadas, vó Benedita sempre deu apoio e incentivo para que todos entrassem na faculdade, e assim, “fossem vistos com respeito pelas pessoas” e um dos seus maiores orgulhos era saber que eu era professora. Para ela, ter diploma garantiria notoriedade.

Benedita tem uma história de vida bem difícil porque para se afirmar no mundo como pessoa, enfrentou muitos desafios, como a grande maioria das pessoas pobres do nosso país. Era uma sobrevivente.

Ela era filha de uma liberta<sup>14</sup> que engravidou de um fazendeiro e que quando ainda era bebê, saiu fugida dessa fazenda, de madrugada, nos colos da mãe, pois a família do fazendeiro ameaçou ficar com ela, expulsando sua mãe de lá. Ela teve a certidão de nascimento rasgada pela então família, numa tentativa de apagamento de seu registro de cidadã.

Minha avó foi fruto da paixão entre uma preta e um branco, de mundos diferentes, culturas diferentes e cada qual deveria ficar em seu lugar, como o mundo tende a fazer com as pessoas mais pobres que tende a colocá-las em seus devidos lugares, com restrição de onde podem ou não ir, ditando os espaços que elas podem ou não pisar.

Já adulta, Benedita, com dois filhos pequenos, foi abandonada pelo marido e, como prova de resistência, criou os dois filhos com um salário mínimo, morando em um casebre de dois cômodos, trabalhando oito horas por dia em uma fábrica de tecidos, e o único e leal apoio que contava era o da mãe.

---

<sup>14</sup> Liberta é um antigo **escravo** a quem, de algum modo, foi concedida a liberdade, por emancipação ou por alforria.

Os dois filhos cresceram, um deles é meu pai administrador aposentado e a irmã dele, minha tia e madrinha, Psicóloga também aposentada. Os dois frequentaram a escola pública por toda vida, como boa parte da população, nas décadas de 60 e 70. iam de casa para escola e nenhuma vida cultural interessante ampliava o conhecimento deles, somente viviam e se nutriam do que a escola oferecia. Faltava-lhes dinheiro para algo extra e não restava opção a não ser ficar em casa.

Dessa história, marcada por tantas dificuldades, lembro muito de tudo, da parte que vivi, claro. Lembro-me de como ela contava suas histórias com orgulho e sempre na esperança de que ao falar de si, poderia nos passar uma lição. Sempre falou de verdade, honestidade, força, luta e suor, mas nunca se vitimizou. Nunca nos dizia que a vida era fácil, nunca nos dizia que a realidade seria suave para nenhum de nós. Ela sabia que sua trajetória havia sido escrita com o peso da escravidão de nossas ancestrais, o sonho da liberdade e do estudo como ferramenta maior.

Cito Adélia Prado (1987) em seu poema Solar que diz assim:

Minha mãe cozinhava exatamente  
Arroz, feijão – roxinho,  
Molho de batatinhas,  
Mas cantava. (Prado, 1987, p. 14)

Minha avó Benedita era de uma simplicidade desconcertante e esse poema me lembra bem dela. Ela não era de ostentações, nem de riquezas. Não tinha grandes talentos e aptidões, não tinha um diploma, no trabalho fez a mesma coisa numa fábrica de tecidos por décadas, exatamente como aquela imagem do filme Tempos Modernos de Charles Chaplin. (Chaplin, 1936).

Mas cantava. Muito.

Apesar de toda aridez da vida que teve, era alegre demais. A música era combustível para a vida. Um refúgio. Uma alegria. Cantava sambas de Lamartine Babo, Pixinguinha, Cartola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho.

Ela se transformava quando ouvia música e ficava incomodada com festas sem som para cantar e dançar. Era como se aquele momento fosse realmente de celebração. Celebrar a vida. Música era pra fruir.

A vida que por inúmeras vezes tenta nos puxar para trás, mas que é preciso resistir, persistir e insistir na caminhada. Nunca esmorecer. Essa era minha avó que, infelizmente, me deixou em agosto de 2023. Seu legado está marcado em mim e com ele sigo em frente.

No entanto, apesar de toda essa força, minha avó Benedita não se interessava por certas coisas que ela dizia que “não eram para ela por ser pobre” e achava estranho quando os filhos e netos contavam experiências sobre viagens e passeios, pois sempre dizia que “isso era mania de grandeza, e que não tínhamos que nos misturar em lugares que não eram nossos.” Isso sempre me deixou curiosa e instigada a entender se havia no mundo lugares pré-definidos que poderíamos frequentar e passou a ser uma questão que eu investigo em minhas aulas.

Nesse momento, trago aqui a síntese reflexiva da estudante Julia Martins, da turma 2022, que nos ajuda a refletir sobre essa ideia, muito comum, de que o acesso a alguns lugares e culturas são específicos de determinado tipo de pessoa. A síntese da Júlia, moradora da Pequena Cruzada, comunidade no bairro do Leblon, é um misto de encantamento e estranhamento com o acesso ao Theatro Municipal e traz em sua narrativa a ideia de um lugar elegante, que pode dar a ela a sensação de algum poder ao pisar lá.

Uma reflexão como a da Julia Martins evidencia o quanto a experiência no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a levou a pensar sobre cidadania, sobre cultura e sobre memória. Importante percebermos que a Julia pontua elementos muito importantes que emergem desse contato com a arte, concretizado pelo espetáculo “Os Pequenos Mozart”, e que leva a estudante para além da fruição. Ela se percebe em contato com a

ancestralidade dela ao mencionar o desejo de falar com a avó lá mesmo, o orgulho que sente de si ao corresponder à expectativa da avó que a incentivou, a relação que ela faz com a própria prática de professora de creche, citando os alunos, e o estranhamento inicial que teve com o tipo de música. Um ponto significativo do seu relato é a referência da escola onde estudou oportunizando experiências no período escolar, dando a ela a consciência de que uma professora pode ser aquela que proporciona esse tipo de experiência aos seus alunos, logo, constrói memórias.

*A primeira coisa que fiz quando cheguei, foi mandar uma mensagem para minha avó e falar pra ela o quanto aquele lugar era lindo. Me senti... Me senti uma mulher bem poderosa, chic, elegante, pois não é todo dia que vamos apreciar um concerto, aliás... JÚLIA, APRECIANDO CONCERTO DE MÚSICA? Foi isso que eu escutei quando disse que iria num passeio cultural. Eu respondi: SIM MEU AMOR, JÚLIA TAMBÉM É CULTURA. Pois é, confesso que fiquei bem eufórica, julguei também, por alguns segundos e no início achei chato, mas quando vi aqueles pequenos com uns instrumentos de gente grande fiquei encantada. Me vi mergulhando... nos sonhos da minha avó, pois quando eu era pequena ela falava que ia me levar em todos os lugares do Rio de Janeiro (pontos turísticos) mais eu não entendia muito bem e o tempo foi passando, eu eu fui entendendo as culturas e os problemas que ela tinha (deficiência), mas Deus é tão bom, e eu tive oportunidade com a escola e em todas elas minha avó sempre fez questão de me ver presente, me contando cada detalhes antes, pra quando chegar lá eu olhar com meus próprios olhos e sentir a energia de vivenciar as oportunidades. Mergulho nas minhas histórias, e tenho ciência que sempre tive alguém do lado conversando sobre o mundo, mas adoraria viver as experiências ao lado dela, mas sei que ainda vou realizar meu sonho, mas tudo no tempo de Deus. Sou uma cidadã brasileira, carioca da gema, moro a duas quadras da praia do Leblon, uma quadra da lagoa Rodrigo de Freitas, e sou privilegiada por já ter ido aos melhores pontos turísticos do Rio de Janeiro. E o Theatro Municipal foi uma experiência bem elegante! Ao ver aquelas Pequenos Mozart, tive a consciência concretizada mais uma vez que não devemos subestimar nenhuma criança, aqueles pequenos tiram maior onda. Alguns sem jeito, um observando o outro, ajudando o colega do lado, parceria em cima de parceria, geral junto, ninguém soltou a mão de ninguém. Queria ter a oportunidade de levar as minhas crianças pra um lugar assim, cheio de histórias, marcos e principalmente pra assistir outras crianças tocando grandes instrumentos, tive só algumas dificuldades para identificar algumas músicas, mas a música de encerramento do espetáculo me fez ver os meus alunos sentados naquela plateia e cantando junto: Como pode o peixe vivo / Viver fora da água fria / Como pode o peixe vivo / Viver*

*fora da água fria Meus alunos adoram essa música, nossa que momento.. (Souza, 2023).<sup>15</sup>*

Ler o texto da estudante Julia Martins me emociona muito. Esse texto dialoga comigo em muitas camadas, até mesmo na irreverência de alguns comentários feitos por ela. Julia traz elementos do senso comum com relação ao acesso à cultura, o que nos instiga a pensar sobre essa imersão em alguns espaços que, a priori, a Julia não iria frequentar. E ela afirma “Julia também é cultura”. Julia é muito mais e também é cultura. Ela foi uma das alunas que eu tive com quem eu mais conheci e aprendi sobre a vida na favela. Moradora da Cruzada, no bairro nobre da zona sul carioca, Julia sempre trouxe contribuições muito ricas para nossos debates em sala de aula, como por exemplo, as gírias e os costumes dos moradores da comunidade. Em várias aulas, ela fez importantes conexões sobre a cultura musical na favela e fora dela, contribuindo para nossa análise do tema e nos ajudando a entender que tudo que produzimos é cultura, não importa em qual contexto.

Me lembro de minha avó materna, que como retirante nordestina veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e sem dinheiro morou em favela e do quanto essa experiência ampliou seu conhecimento e entendimento de como a cultura era diversa.

Minha avó, Severina Batista, nascida em 21 de agosto de 1934, quando adulta, saiu de Serra da Raiz, no estado da Paraíba, assim como milhares de nordestinos, veio tentar uma vida melhor na cidade grande do Rio de Janeiro, deixando dois filhos para trás. Ainda na Paraíba, havia se casado aos 13 anos para sair de casa e teve seu primeiro filho de uma carreira de sete, aos 14 anos.

---

<sup>15</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Mais tarde, já com sete filhos, viu cinco deles morrer de sarampo, e criou a minha mãe, sobrevivente dessa doença e dessa tragédia, viu a mãe dela pegar estrada em busca de um melhor lugar no mundo, ficando para trás com a avó e alguns parentes com apenas nove anos de idade. Minha avó, Severina, era corajosa demais. Sobrava-lhe coragem.

Vó Severina era obstinada, se decidisse uma coisa ia até o fim, até conseguir. Analfabeta, só sabia assinar o nome. Preta, embora negasse a cor, e dizia não gostar de pretos, trabalhou na roça com sol quente na cabeça de janeiro a janeiro por anos, mas tinha dentro dela todos os sonhos do mundo. Já no Rio de Janeiro, trabalhou em “casa de família”, como faxineira, cozinheira e babá. Morou nas casas onde trabalhou e dormia em pequenos quartos de empregada, de espaço limitado como bem conhecemos. Para espantar a saudade de sua terra natal e de seus dois filhos, dançava. E muito. Cantar e dançar eram as duas forças que sempre revigoraram minhas avós. No forró, encontrava a alegria e a força para seguir e enfrentar a solidão e as agruras. Na cabeça trazia o desejo de buscar minha mãe pra junto dela o quanto antes. E assim fez um tempo depois.

Vó Severina se considerava inteligente, e afirmava sempre que se tivesse estudado teria sucesso na vida. Para ela, estudo era tudo.

Faltou-lhe oportunidade. Dona de uma personalidade forte, chegou a puxar o facão para uma patroa que a chamou de rapariga. Demorou para entender que algumas palavras do nordeste tinham significado diferente no solo carioca. Inventava palavras, criava outras que não conseguia pronunciar, autora de jargões e frases idiomáticas próprias, tinha uma relação com a língua portuguesa que era muito misteriosa.

Daí evidencia o meu respeito às alunas que a vida me trouxe, retirantes nordestinas também que falam diferente dos cariocas ou até mesmo que desconhecem as regras gramaticais.

Minha avó tentava dominar o modo de falar daqui, fazer uso dele, mas sofria. Nunca aceitou ser alfabetizada pelas netas, dizia que tinha passado da hora de aprender. E ia pela vida criando seus próprios códigos e subterfúgios para se virar no mundo, explorava as ruas, os números dos ônibus, as placas, o dinheiro, as contas, os exames médicos de forma aguerrida.

Impressionava-me como ela localizava os números dos telefones de todos os conhecidos e familiares no caderninho que levava na bolsa. Nunca entendi bem como ela os memorizava. Ela dizia que guardava a primeira letra e aí ficava fácil.

Ela raramente admitia que não ia conseguir fazer qualquer coisa que fosse. Entendia de elétrica, de hidráulica, de consertos diversos. Como ela conseguiu aprender tantas coisas me intriga muito. Lutava. Muito. Adorava ter dinheiro na mão e acreditava que ele ajudava a aproveitar as melhores coisas da vida. Morreu pobre. Bem pobre. Mas dançava. Dançou por toda a vida. Dançar lhe levava de volta à Paraíba, às lembranças de sua terra natal, às suas origens. Ela se encontrava com ela mesma, com a ingenuidade de menina que casou aos 13 anos, se sentia leve e viva, forte e sonhadora. Era frequentadora dos Forrós do Pavilhão de São Cristóvão, desde muito moça. Ali ela se permitiu ser quem ela era e se sentia pertencente.

Em outros lugares não, se sentia fora. Era na dança que ela ficava alegre. Nunca *enjeitava*, um convite de um parceiro pé-de-valsas. Mas não se sentia à vontade em lugares que não fossem para ela, lugares para gente rica, coisas que não eram para ela estar. A música era uma constante na sua casa. Se estivesse cheia de gente, colocava música. Se ficasse sozinha, também. Triste ou feliz, a música lhe fazia companhia. A música transformava a minha avó, quer dizer, as duas avós.

Quando viveu na Paraíba, a vó Severina acumulou histórias e memórias de muitas tradições como a Folia de Reis, as festas de São João, o Bumba meu boi etc. Amava nos contar sobre os festejos e tradições de lá.

A Benedita falava dos Carnavais de rua da sua juventude no Rio de Janeiro.

E ouvi-las contar, me chamava atenção o brilho nos olhos, o entusiasmo e o quanto essas festividades culturais davam a elas outro lugar como pessoas. Elas eram tomadas por memórias inesquecíveis e traziam um discurso de alguém que fazia parte daquela cultura, parte de algo maior, em um lugar que não importava mais as dificuldades ou a dura realidade. As celebrações da vida, mediadas pela cultura delas, era como se fosse um merecimento. Como se a vida estivesse presenteando com algo tão genuíno e potente.

A música para minhas avós funcionava como um encontro com si mesmas. Parte delas, de sua identidade. Eu olho para elas duas, minhas maiores referências nessa vida, fonte inesgotável de inspiração e me reconheço nessa história. As duas histórias trazem muita potência. E acredito que toda potência herdada, me fez mais conectada com a realidade e, ao fazer esse mergulho reflexivo em mim mesma, tento tirar dessa herança inspiração para ensinar melhor. E dessa forma eu me reconhecia culturalmente, fui capaz de entender porque o samba e o forró faziam tanto eco em mim. É onde meu coração bate mais forte. Não se escapa das memórias e das nossas heranças. Observar minhas avós, me ensinou o que é alteridade. Aprendi demais com elas e só fui entender o processo disso em mim muito mais tarde. Quase um insight. Intuitivamente fui me dando conta de que ao valorizá-las eu me reconhecia, percebia seus traços de cultura em mim e também entendi minhas escolhas, minha atenção ao redor.

Percebo ao longo dos tempos que essas escolhas e ações, fossem elas pessoais, acadêmicas ou profissionais, foram sempre atravessadas por essas memórias que, claro, armazenadas de um jeito muito subjetivo, ganharam sentido e significado replicados em minha prática como professora. Memórias dessa experiência vivida com elas que estão guardadas e outras que foram se revelando ao longo da estrada por meio da reflexão na ação (SCHÖN, 2000, p.127). É incrível como o que se vive, muitas vezes, não tem uma explicação no momento e só faz sentido à medida que novos caminhos são percorridos, novos encontros despertam esses registros, e com a prática reflexiva os sentidos vão se construindo.

Sendo professora, essas memórias ganharam força e iluminaram meu caminho. Para eu ensinar os estudantes a serem professores, eu teria que resgatar minha história e encontrar nela as pistas para construir os conteúdos necessários para eles também. Foi ensinando, em sala de aula, que aprendi o que era memória. Foi ensinando que aprendi o que era cultura. Foi ensinando que aprendi o que era a força da ancestralidade.

Isso vem acontecendo comigo há trinta anos, quando comecei a ensinar. Me lembro quando era professora do Ensino Fundamental no Colégio Teresiano e descobri, no alto do Cristo Redentor, que o canal do Jardim de Alah separava Ipanema do Leblon. Essa descoberta, a princípio banal, foi possível graças à informação dada pela Guia Turística que acompanhava a visita com minha turma de crianças do ensino fundamental I. Foi um momento que nunca esqueci. Eu venho da zona norte do Rio de Janeiro, cresci na Tijuca, mais precisamente na Usina, Ipanema e Leblon nunca fez parte dos meus roteiros e trajetos. Nunca frequentei suas praias. Ipanema e Leblon não representam a minha cultura e saber o que era o Jardim de Alah não era algo óbvio para mim. Nada é óbvio no campo da cultura. Isso deve ser um importante aprendizado para os professores em formação. Ali, naquela visita ao

Cristo Redentor, junto aos meus alunos, me dei conta de que o meu processo de ensinar iria acontecer junto com o de aprender e era preciso estar muito atenta a isso, pois possivelmente aí morava um grande segredo da docência, confirmado tantos anos depois.

Os dias difíceis da vida de minhas avós, mulheres, sozinhas, suas lutas, a escassez, o não acesso ao estudo, aos livros, as oportunidades e as não oportunidades, o analfabetismo, o estranhamento, a rejeição, o preconceito e o não-conhecimento e o desconhecido me levaram ao exercício de alteridade e escuta em sala de aula, tendo maior sensibilidade como professora. Mais do que sensibilidade, maior respeito, melhor observação. Com o tempo isso foi sendo aprimorado e entendido dentro de mim e se transformando em conhecimento. Um exercício de perceber que o meu ensinar estava enraizado no meu processo de aprender. Olhar para mim, minha história, minhas avós, me enriqueceu, ampliou meu ensinar. Esse exercício de trazer as origens das pessoas para o contexto da sala de aula, para o currículo me pareceu ser um primeiro passo, a meu ver, para se pensar em qualquer tipo de proposta, metodologia e projeto que envolva educação e, principalmente, formação de professores. Não se formam bons professores que não conseguem olhar para si e para o outro, sem esse alargamento a partir da nossa origem, da nossa raiz. É necessário problematizar essa sala de aula e partir para uma prática experiencial que pensa a sensibilização, a identidade, a reflexão para potencializar a capacidade de criação.

Dessa forma, criar uma exposição sobre ancestralidade, no espaço de aprendizagem, na formação de professores, pode ser revolucionário, onde a leitura e a escuta dos estudantes, as experiências vividas dentro de um processo de reflexão na ação e sobre a ação, bem como as contribuições do pensamento projetual do Design e as escolhas dos programas culturais a partir desses movimentos, contribuíram para o projeto ganhar uma perspectiva de transformação social.

### **3 INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER: ONDE NASCE O PROJETO ALFABETIZAÇÃO CULTURAL**

Quando eu era professora da Educação Básica no Colégio Teresiano-CAP / PUC-RIO, a coordenadora pedagógica do Fundamental I, professora Heloisa Gissoni, também coordenadora do curso Normal Pós-Médio, do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, me fez um convite para fazer parte do corpo docente dessa Instituição. Fiquei muito feliz em assumir as disciplinas de Didática da Língua Portuguesa e História-Geografia, pois era um desafio ensinar futuras professoras. Na época, o corpo docente do curso era composto de seis professoras e as aulas eram semanais.

O Pró-Saber, como assim é conhecido, foi fundado por Maria Cecília Almeida e Silva e Heloisa Protásio, no ano de 1987, em uma pequena sala próxima ao Largo dos Leões. Inicialmente, era chamado de Centro de Estudos Psicopedagógicos Pró-Saber e funcionava com o objetivo de oferecer atendimento clínico para crianças da escola pública, que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Os clientes eram em sua maioria vindos do Centro Integrado de Educação Pública - CIEP<sup>16</sup> Agostinho Neto, escola no mesmo bairro.

---

<sup>16</sup> Centro Integrado de Educação Pública

Fotografia 15 – Portaria do ISEPS com o funcionário Sebastião de Oliveira.



Acervo pessoal, fotografado por Melissa, Rio de Janeiro, 2023

A co-fundadora e diretora Maria Cecília de Almeida e Silva, psicopedagoga e mestre em Educação pela PUC-Rio, autora do livro *Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica* (1998), e com larga experiência em consultório, percebeu que era preciso dar um passo à frente e contribuir para a formação de professores da educação infantil. Além de oferecer atendimento às crianças com dificuldades de aprendizagem, em 2003, abriu uma primeira turma de alunas, 100% mulheres, moradores de comunidades e crecheiras também em instituições localizadas nas favelas do Rio de Janeiro. Essa proposta de formação dos professores em serviço inaugurou o então chamado Curso Normal Nível Médio, e foi estruturado visando a formação das crecheiras, uma ampliação didática além de ter a intenção de

fortalecer as estudantes como lideranças comunitárias femininas. Não era suficiente atender às crianças com dificuldade de aprendizagem, e sim, estruturar um curso que preparasse as professoras para refletir e melhorar as creches e dessa forma, contribuir para a melhoria da Educação Infantil.

O Pró-Saber ainda não era Instituto Superior, o curso previa disciplinas de Didática, História e Psicologia da Educação, com o objetivo de oferecer uma complementação pedagógica, ampliando os conhecimentos das estudantes e assim melhor se prepararem para trabalhar nas creches comunitárias onde já estavam inseridas. As reuniões pedagógicas eram quinzenais com foco na troca e debate sobre as práticas, planejamento e avaliação em grupo.

Em 2004, o Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), foi credenciado pelo MEC, por meio da portaria MEC no. 2421, com Habilitação em Educação Infantil. Foi uma grande conquista para a instituição e um grande desafio. A grade curricular teve que ser revista e estruturada para atender às exigências do Ministério da Educação, para então poder funcionar como uma das menores faculdades do Brasil, inicialmente com apenas uma turma. O processo de seleção para ingressar no curso se deu por meio de uma prova de vestibular e para se candidatar era preciso atuar em creche ou pré-escola, preferencialmente da rede pública ou conveniada do município do Rio de Janeiro. A formação em serviço mantém o acompanhamento dos estudantes atuantes nas instituições, bem como diretores e coordenadores, que se reúnem anualmente, em um espaço de troca para que a experiência das turmas seja rica e compartilhada com as instituições em que atuam.

Além do curso de graduação, o Instituto Pró-Saber oferece uma

formação em nível pós-graduação<sup>17</sup>. O curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, criado em 2011, é coordenado pela professora Ana Maria Genescá e recebe graduados em qualquer área do conhecimento. Uma outra frente que fortalece o Pró-Saber como referência em Psicopedagogia é o funcionamento da Clínica Psicopedagógica, coordenada pela professora Ana Celina Vasconcellos. A Clínica é campo de estágio dos alunos do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia e abriga o Núcleo de Apoio Psicopedagógico do Pró-Saber.

O Instituto Pró-Saber busca ser um espaço de construção de conhecimento que pretende pensar a Educação em diálogo com outras áreas de estudo e pesquisa, na intenção de se abrir aos diferentes saberes que possam contribuir para a melhoria da educação, especialmente em nosso município, com a constante reflexão sobre a Formação de Professores, através de suas propostas na Graduação, na Pós-Graduação, nas assessorias e na Clínica Psicopedagógica. O trabalho no Instituto Pró-Saber amadureceu ao longo dos anos, alinhado às mudanças da sociedade, buscou compor uma grade com disciplinas que preparassem os estudantes para a prática de sala de aula, mas também para pensar a educação em diálogo com outras áreas, especialmente a arte.

Trabalhamos por uma educação como obra de arte, como diz Maria Cecília Almeida e Silva, que inspira a todos os professores da instituição a trazer a arte como parte constitutiva do processo de aprendizagem em todos os cursos oferecidos, pois contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da reflexão crítica.

---

<sup>17</sup> (<https://prosaber.org.br/formacao-perfil.asp?id=7>)

### **3.1 O solo fértil das diretrizes metodológicas do Curso Normal Superior**

O Curso Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil do ISEPS, é coordenado pela professora e pedagoga Madalena Freire desde 2005. As aulas noturnas têm três horas de duração, de segunda a sexta e diurnas em dois sábados mensais. O curso foi estruturado pela coordenadora, em três movimentos principais, correspondentes aos três anos de formação, que organizam os conteúdos e a dinâmica dos planejamentos das aulas.

No primeiro ano do curso, cria-se o movimento do que chamamos de “mergulho em si”, no qual cada estudante é desafiado a resgatar a sua história, suas lembranças da vida, memórias desde a infância até o atual momento, seja na relação com os modelos de professores, seja no contato com a arte e a cultura, suas lembranças de brincante, seja na forma como se apropriou da língua materna, como se relacionou com os seus lugares de pertencimento etc. A história de cada estudante é o conteúdo principal e é precioso para se trabalhar o planejamento das aulas dos dois primeiros semestres do curso.

Constatar no resgate de nossas lembranças que só ficou o que tinha sentido e significado é o bisturi para a consciência do que é aprendizagem significativa, do que é construir conhecimento e do que é fazer história. (Freire, M., 2008, p. 43).

Ao se deparar com essas lembranças, toma-se a consciência de sua história, sua autoria como fazedor de trajetórias, e ao externá-las no coletivo, a construção do conhecimento se dá no entrelaçamento desses sujeitos e de suas histórias. Esse resgate, embora muitas das vezes doloroso, não tem o objetivo de fazer doer, mas sim, de assumir o rumo da trajetória de cada um, encarar de frente as mazelas e lacunas, voltar a sonhar e desenhar um novo caminho como estudantes que virão a ser

professores. É fundamental que nesse resgate de lembranças haja uma articulação dos conteúdos com os relatos para transformá-los em conhecimento para todos.

A experiência individual, quando colocada em relação com o outro, passa a ser ressignificada e deixa de habitar os estudantes individualmente para criar um movimento dialógico de pesquisa sobre a própria cultura. Os conteúdos das aulas têm enfoque voltado para todo o universo particular das alunas: seus nomes, sua língua, sua cultura, seu brincar, seus modelos de professores, suas salas de aula etc. Como escreveu Madalena Freire, no livro Educador, “só aprendemos a partir do que sabemos de nossa experiência, do que nos faz sentido, do que tem significado dentro da nossa história” (Freire, M., 2008, p. 43). É o que podemos nomear de aprendizagem significativa.

No segundo ano do curso, os alunos ampliam os saberes impregnados nessas histórias que lhe são próprias e descobrem outros autores e pensadores, que como eles, também refletem e são iluminados pelo aprofundamento dos estudos. As histórias de si, a percepção dessa memória e do quanto ela diz de cada sujeito.

Nesse movimento do segundo ano, descobre-se a autoria, sua capacidade de reflexão e criação, através de si e dos outros. Parte-se para uma tomada de consciência de que a experiência impregnada em cada um, através de lembranças e modelos, transforma-se em objeto de estudo, pesquisa e transformação. Ficou em cada um o que teve significado, o que marcou e o que mobilizou. “Todos os instantes de nossas lembranças quando coletivizados nos comprovam que não temos só memória, mas sim somos memória, somos autores de nossa história pedagógica e política” (Freire, M., 2008, p. 44).

No terceiro ano, vive-se o movimento de aprofundamento na prática pedagógica. Os estudantes investigam a prática em sala de aula em que

trabalham, considerando a bagagem que trazem em si mesmos e à luz dos autores apresentados pelo curso no 2º ano. Os estudantes também são desafiados a conquistar a autoria de pensamento e reflexão. A prática pedagógica se aprimora aos poucos, já que o curso exige formação em serviço, ou seja, os estudantes devem estar em creche enquanto estão no curso e vão se percebendo autores de um fazer pedagógico.

Eles devem se assumir, agarrar essa autoria e esse pensamento e criar seus próprios trajetos. É um exercício que exige muito de cada um. É um desafio que precisa contar com disciplina intelectual, estudo, planejamento, reflexão na ação e reflexão sobre a ação. Além de tudo isso, exige coragem. Parece simples, mas não é. Trago aqui o tema coragem, porque o curso exige o estudante a olhar para si, se reconhecer, se expor, se perceber como ser pensante, conquistar sua autoria. Falamos muito de coragem nas aulas, e concluímos que o que não nos falta é a coragem, já que escolhemos ser educadores e que lidamos com esses três movimentos a todo tempo: (1) mergulho em si; (2) a teoria; e (3) a prática pedagógica.

A organização do curso se baseia nas Diretrizes Curriculares para Formação dos Professores, estabelecida pelo MEC, associadas às Diretrizes Curriculares Conceituais que informam a concepção pedagógica do Instituto em consonância com a metodologia de Madalena Freire. Segundo a co-fundadora Maria Cecília Almeida e Silva, “o sopro que inspira, anima, impele, sustenta o Pró-Saber é a esperança na forma de um princípio como nos ensina Ernst Bloch.” (Almeida e Silva, 2013, p. 11).

As disciplinas que constituem o curso, ao longo dos seis semestres, estão agrupadas em quatro áreas de conhecimento, são elas:

- 1) Área de formação geral com conhecimentos relacionados ao âmbito social, político, filosófico e ecológico; vale destacar que a Alfabetização Cultural está identificada nesta área do conhecimento visando a inserção dos estudantes no mundo cultural e artístico;
- 2) Área de formação pedagógica, através da qual os alunos entram em contato com os saberes específicos da profissão;
- 3) Área experimental, em que se reflete sobre a prática docente - estágio supervisionado e dos projetos
- 4) Área de conhecimentos instrumentais, como uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Na figura abaixo apresento a grade curricular do curso, que prevê seis semestres letivos com disciplinas regulares, estágios supervisionados e as atividades extensionistas.

**Tabela 1** - : Grade curricular do curso Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil do ISEPS



**GRADE E CORPO DOCENTE  
NORMAL SUPERIOR**

Normal Superior - Currículo 2023		
1º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI – 61	Prática Metodológica I: Instrumentos Metodológicos	60
MEI – 114	Filosofia e História da Educação I	30
MEI – 69	Projetos e Trabalhos Escolares na Educação Infantil I	60
MEI – 73	Introdução à Psicopedagogia I	60
MEI – 63	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa I	40
MEI – 85	Arte e Educação	30
MEI – 86	Desenvolvimento Lógico-Afetivo-Social da Criança I	60
MEI – 115	Introdução ao Uso das TICs	30
Sub - Total		<b>370</b>
MEI – 116	Prática Pedagógica I	40
MEI-117	Atividades de Extensão I	40
MEI – 118	Estágio Supervisionado I	80
Sub - Total		<b>160</b>
<b>Total 1º Semestre 530</b>		
2º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI – 64	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa II	40
MEI – 13	A gestão escolar e da sala de aula na Educação Infantil	60
MEI – 70	Projetos e Trabalhos Escolares na Educação Infantil II	40
MEI – 74	Introdução à Psicopedagogia II	60
MEI – 76	Filosofia e História da Educação II	30
MEI – 87	Desenvolvimento Lógico-Afetivo-Social da Criança II	60
MEI – 89	Etapas Evolutivas do Desenho	40
Sub - Total		<b>330</b>
MEI – 119	Prática Pedagógica II	40
MEI-120	Atividades de Extensão II	60
MEI – 121	Estágio Supervisionado II	60
Sub - Total		<b>160</b>
<b>Total 2º Semestre 490</b>		
3º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI – 84	Alfabetização e sua Didática	40
MEI – 91	Fundamentos da Psicologia da Aprendizagem: Construção da Lecto-Escrita	40
MEI – 122	Auto-Formação pelo Uso das TICs I	30
MEI – 65	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa III	60
MEI – 71	O Brincar e sua Importância na Educação Infantil I	40
MEI – 99	Construção das Estruturas Infra-Lógicas e Lógicas	40
MEI – 53	Educação Especial e Perspectiva de Inclusão	40
MEI – 123	As Ciências Sociais e Seus Marcos	40
Sub - Total		<b>330</b>
MEI – 104	Prática Pedagógica III	40
MEI-124	Atividades de Extensão III	60
MEI – 125	Estágio Supervisionado III	60
Sub - Total		<b>160</b>
<b>Total 3º Semestre 490</b>		

4º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI – 66	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa IV	40
MEI – 72	O Brincar e sua Importância na Educação Infantil II	40
MEI – 101	Teóricos da Educação	40
MEI – 77	Currículo na Educação Infantil I: 0 a 3 anos	60
MEI – 100	Sistema Educacional Brasileiro	40
MEI – 126	Auto-Formação pelo Uso das TICs II	30
MEI – 127	LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais	30
MEI – 19	As Ciências da Natureza e seus Marcos	30
Sub - Total		<b>310</b>
MEI – 128	Prática Pedagógica IV	60
MEI-129	Atividades de Extensão IV	50
MEI – 130	Estágio Supervisionado IV	80
Sub - Total		<b>190</b>
<b>Total 4º Semestre 500</b>		
5º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI – 96	Metodologia e Desenvolvimento de Pesquisa	60
MEI – 95	Metodologia da Língua Portuguesa	60
MEI – 131	Ética e Política	40
MEI – 78	Currículo na Educação Infantil II: 4 a 6 anos	40
MEI – 82	Psicologia e Comunicação I: Creche e Comunidade	30
MEI – 67	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa V	30
MEI – 94	Matemática e sua Didática	30
Sub - Total		<b>290</b>
MEI – 132	Prática Pedagógica V	60
MEI-133	Atividades de Extensão V	40
MEI – 134	Estágio Supervisionado V	60
Sub - Total		<b>160</b>
<b>Total 5º Semestre 450</b>		
6º Semestre		
Código	Disciplina	C.H.
MEI-135	Prática Metodológica II: TCC	60
MEI – 68	Oficina de Leitura e Escrita: Língua Portuguesa VI	60
MEI – 97	O professor e seu Papel político-profissional	40
MEI – 136	Auto-Formação pelo Uso das TICs III	40
MEI – 83	Psicologia e Comunicação II: Creche e Comunidade	60
MEI – 88	Educação Física e sua Didática	30
Sub - Total		<b>290</b>
MEI – 107	Prática Pedagógica VI	40
MEI-137	Atividades de Extensão VI	40
MEI – 113	Estágio Supervisionado VI	60
Sub - Total		<b>140</b>
<b>Total 6º Semestre 430</b>		
		<b>Carga Horária Total 2890</b>

Nos primeiros anos do curso, Madalena Freire, ministrou aulas quinzenais de metodologia e prática pedagógica. Até o momento presente ela atua como coordenadora pedagógica e coordena as reuniões do Comitê Acadêmico, encontros de formação do grupo de educadores que atuam no curso (Fotografias 16 e 17).

Fotografia 16 - : Reunião de Comitê Acadêmico on-line em 12 / 04 / 2024



Print de Flávia Quadrelli, on-line, 2024

O Comitê Acadêmico, reunião mensal dos professores, tem a intenção de ser um espaço fértil de estudo que possibilita uma importante e significativa troca de saberes, viabiliza o aberto diálogo sobre as experiências vividas e as aflições de quem ensina no curso e acima de tudo, traz uma proposta, a priori, de ser um grupo de aprofundamento pedagógico na metodologia, espinha dorsal do curso Curso Normal Superior com Licenciatura em Educação Infantil, proposta por Freire.

As reuniões do Comitê Acadêmico acontecem às sextas-feiras pela manhã, de 9h às 12h, com datas pré-agendadas, presencial ou on-line. A pauta rigorosa cerca os comunicados administrativos, a prática pedagógica dos professores, o estudo da metodologia, avaliação e planejamento. Antecipadamente às reuniões do Comitê, são compartilhados entre todos os professores do grupo, via e-mail, os relatórios de todas as aulas ministradas no mês, nomeados na

metodologia de síntese reflexiva, de forma a estudá-los e construir coletivamente teorias sobre o trabalho em curso com as turmas. Como nos diz Paulo Freire, em pedagogia do Oprimido, “ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém, aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo.” (Freire, P., 2021, p. 95). Essa ideia permeia todas as reuniões como tônica e inspiração.

Fotografia 17: Reunião de Comitê Acadêmico presencial 08 / 12 / 2023



Fotografada por Flávia Quadrelli, Rio de Janeiro, 2023

A metodologia do curso vivenciada pelo corpo docente desde, exige comprometimento com a escrita do Registro Reflexivo da aula, seu compartilhamento com todo corpo docente e Coordenação e discussão na reunião de tudo que é vivido por cada educador, entendendo a dimensão de espaço público que o estudo tem. Há ainda a função de observador/a da aula, que é co-autor do planejamento junto com o educador, ajudando a pensar a aula e toda sua ação.

Pensar o espaço da sala de aula como espaço público, é uma máxima do curso, que exige a exposição de cada sujeito ali presente, que deve estar

inteiro no processo e responsável não somente pela sua aprendizagem, mas também dos demais integrantes do grupo. Ao longo dos tempos, a ideia que temos de sala de aula sempre foi, e ainda é, muito centralizada na figura do professor, os estudantes estão ali, passivamente, para ouvir, entender, cumprir tarefas e assistir às aulas. Madalena Freire acredita em uma outra concepção de educação, denominada democrática, em que “cada um, educador e educando, são sujeitos pensantes que constroem conhecimento e não simplesmente os reproduzem.” (Freire, M., 2008, p. 149).

Todo o processo dependerá do movimento ativo de cada sujeito, a aula não é assistida, e sim construída, com os saberes de todos os presentes, pois todos juntos constituem um coletivo com responsabilidade uns com os outros no compromisso com o conhecimento que é tecido juntos e coordenados pelo educador. E para ser professor numa concepção democrática, esse espaço exige vigília constante, participação e compromisso, não pode ser um lugar negligenciado e desamparado por nenhum sujeito durante todo o processo.

hooks (2020) se refere a Dewey (2010) quando diz que “a democracia deve renascer a cada geração, e a educação é sua parteira”.(hooks, 2020, p. 40). Esse espaço democrático que deve ser a sala de aula, não é um laissez-faire, mas ao contrário, precisa ser o espaço que propicia e educa o pensamento, o diálogo, as práticas e as relações.

Madalena Freire (2008) propôs quatro Instrumentos Metodológicos como base para o trabalho em sala de aula: (1) a observação; (2) o registro reflexivo sobre a prática / teoria; (3) a avaliação e; (4) o planejamento. De certa forma, revolucionou a forma de se pensar a formação de professores no Pró-saber. A partir do momento em que eles são aplicados, amparam a prática pedagógica apoiada na reflexão, no estudo do grupo, no planejamento das aulas e nos conteúdos da matéria (objeto

do conhecimento a ser estudado) e do sujeito (seu saber e seus significados).

Todo ensinar exige fazer escolhas de métodos, tarefas, propostas e uma bibliografia que dê conta de toda complexidade do processo que acontece no espaço de aprendizagem, entre educadores e estudantes. Considerar essa complexidade é um bom ponto de partida para construir uma proposta pedagógica. Educar, nessa concepção, terá força motriz na curiosidade sobre o próprio ensinar. Aprendi muito ao longo de duas décadas com a metodologia do curso de formação de professores no Pró-Saber por que ali tive contato, na prática, com esses instrumentos e pude pensar em minha maneira de construir minhas aulas, com estudo e reflexão sobre as aulas.

No início de toda aula, acontece a chamada que é a convocação do grupo para a aula. na chamada, as pessoas são reconhecidas como pessoas, com uma história e uma presença, uma identidade. Estar presente fisicamente e historicamente. O professor deve exercitar a sua forma de memorizar os nomes de cada estudante, porque essa é a forma que ele tem de dizer que cada um é essencial naquele espaço de aprendizagem, vejo e reconheço a cada um, saio de mim e enxergo a cada um. Em seguida, são socializados os Pontos de Observação, que através de um foco dado a todos os estudantes, eles possam estar atentos ao conteúdo sinalizado como ponto de observação. O ato de observar vai exigir dos estudantes uma atenção focada na aula, enxergar para além, sentir-se presente na aula. Não se assiste aula, em um movimento passivo, mas sim, se constrói aula com professor e estudantes. O Ponto de Observação vai colaborar nessa construção, pois convoca, interage com a atenção e o pensamento e a enunciação do que se vê, escuta, aprende e sente. Ele tem um aspecto democrático muito interessante que me chama atenção há anos: ele considera o que não se sabe, o que não se aprende, o que

se perde na aula, pois ele fala também da falta. O que não foi atingido, o que não aconteceu, o que não deu tempo. Ao ser proposto o Ponto de Observação, os estudantes podem enunciar o que aprenderam e o que não aprenderam na aula. Esse aspecto em muito contribui para o entendimento da complexidade do processo de ensinar e aprender e o quanto requer essa interface com os colegas e o professor. “É na socialização das observações de cada um que se opera um diálogo interno, alimentado pela linguagem do outro, favorecendo assim o conhecimento de si.” (Freire, 2019), escreveu Madalena em um texto distribuído em uma reunião de professores.

O Ponto de Observação, embora anunciado no início, ele só é retomado ao final da aula, pois seu caráter é avaliativo, ele que irá orientar a avaliação final da aula e, por isso mesmo, ele é um estudo silencioso e individual feito pelos estudantes, com a diretividade do educador, que está coordenando a aula, para que o estudante possa guiar sua aprendizagem durante todo o tempo em que o conteúdo estiver sendo proposto e construído coletivamente. O Ponto de Observação dá o foco da aprendizagem e forra o chão da avaliação da aula para que o educador possa compreender melhor como se deu aquela aula, se os objetivos foram alcançados e se o conteúdo pensado no planejamento chegou aos estudantes ou não e o que foi desafiador. É uma forma de entender se o educador estudou a sua aula, no planejamento, nos conteúdos, na ação e na reflexão sobre esses elementos.

Considerando uma concepção democrática<sup>18</sup> de Educação que, ao contrário da concepção autoritária, desconsidera esses instrumentos metodológicos como ferramentas para o pensar, uma forma de avaliar o próprio ensinar, e assim entendendo que o processo deve envolver os dois lados: educador e educando. Poder avaliar o aprendizado, o ensinar

---

<sup>18</sup> Na concepção de educação democrática, o processo educativo está sempre no grupo, pois ninguém conhece, aprende, reflete sozinho. (Freire, M., 2008, p. 56).

do educador, seu planejamento, o ritmo e participação da turma ao término de toda a aula, é um caminho para se obter um bom resultado nesse mesmo processo, num princípio dialógico.

O planejamento também é um dos instrumentos metodológicos importantes na construção de uma aula. O educador não entra em sala de aula sem saber o que ensinar, quais conteúdos pretende abordar, nem sem estudar a aula anterior, a avaliação da turma e o pensar dos alunos, através dos registros escritos deles. A aula deve ser estudada, refletida para que sejam propostos os próximos passos.. O Planejamento deve caminhar em consonância com esse estudo, pois os instrumentos metodológicos funcionam juntos, coesos, não em separado. O Planejamento emerge da avaliação da aula anterior, mas claro é imprescindível ter em mente que ele sempre é uma hipótese de plano, não é rígido, inflexível, devemos deixar abertura para tomar outros rumos, pode ser recriado, mas é uma intenção que ele aconteça como se planejou a partir do que foi construído e concluído na aula anterior.

É na interação com (o real) os alunos, o grupo, que se inicia a aterrissagem... ou seja, avalia-se, questiona-se sobre o sentido de seguir a hipótese planejada ou se seria necessário remanejamentos, pelos inusitados [...]  
(Freire, M., 2013).

Outro instrumento metodológico é o Registro Reflexivo sobre a prática / teoria. Este considera que após cada aula, os estudantes realizam um registro escrito, também chamado de síntese, o qual é enviado ao educador, via email, no prazo combinado, de todas as disciplinas, como produto de seu estudo e de sua reflexão sobre a aula vivida. A proposta coloca os estudantes em um exercício constante de reflexão sobre as aulas. Neste sentido, os conteúdos de cada aula são compilados em um texto, de autoria do estudante, sobre o que foi aprendido na experiência vivida na aula. Toda aula tem conteúdo, todo educador ensina algo. Todo conteúdo, como fruto dessa construção coletiva vivida, precisa ser

transformado em aprendizado. Estar na aula, em uma postura alienante, sem anotações, sem diálogo, sem exposição do pensamento, em nada contribui para a prática do pensar que depende de uma disciplina intelectual, que nesse caso, se dá pelo registro escrito da aula. Mais que pensar, é importante organizar esse pensamento em registro escrito, reforçando a autoria, a constatação das suas descobertas e também suas dúvidas.

O Registro Reflexivo ou Síntese Reflexiva é pautado nos elementos que compõem as aulas e são eles: planejamento das atividades; conteúdos trabalhados; a dinâmica do grupo; a aprendizagem dos educandos; a avaliação do ensinar da professora. Os textos escritos pelos estudantes, tarefa esta que também é realizada pelo educador sobre a aula realizada, são a melhor forma de comunicação entre conteúdo, planejamento, avaliação e reflexão da aula, pois com eles o educador legitima a autoridade dos estudantes na construção da aula, como co-autores, avalia também o seu ensinar e tem a dimensão de onde os conteúdos pensados por ele atingiram o grupo. Dessa forma, alguns textos podem ser socializados na aula seguinte, com autorização dos estudantes para que cada síntese escrita ilumine a outra, no compartilhamento dos textos.

O educador estuda os outros, a si mesmo, a sua prática, a realidade. O educador estuda a teoria dos outros, construindo, produzindo a sua. O ato de estudar-refletir faz parte do cotidiano do educador, porque a pesquisa move a construção do conhecimento no ensino, no educar. O instrumental que disciplina sua prática de pesquisa, de estudo, é a observação e a reflexão. A observação é o início do seu estudo. Por meio do registro de suas observações e do planejamento, ele estrutura sua reflexão. (Freire, 2008, M., p. 52).

O ponto central de todo processo de aprendizagem é a tomada de consciência por parte do educando como bem sabemos e o mesmo se dá pela avaliação deste processo. Na metodologia proposta no Curso de Formação de Professores do ISEPS, a avaliação realizada ao final de cada aula, considera: (1) a aprendizagem do educando, (2) o ensinar do

educador e (3) a dinâmica do grupo naquela aula. Essa avaliação é anunciada no começo da aula, com os focos encaminhados nos Pontos de Observação que guiarão a atenção dos estudantes durante toda a aula a fim de serem socializados no momento final da aula, quando se avalia a aula. O Ponto de Observação da Aprendizagem sugere aspectos que cercam os conteúdos previstos para a aula e são enunciados, individualmente, pelos estudantes. O Ponto de Observação da Coordenação avalia o ensinar do educador e é realizado por um ou mais de um estudante, bem como o ponto de Observação da Dinâmica. Este último, avalia a aprendizagem do grupo como um todo, e é também realizado por um ou mais de um estudante, sempre designado pelo educador.

No momento final da aula, todos escutam as avaliações uns dos outros, já que “É na socialização das observações de cada um, que se opera um diálogo interno, alimentado pela linguagem do outro, favorecendo assim o conhecimento de si”.(Freire, M., 2014).

O ato de avaliar é processual e insiste na atenção ao percurso, por isso, faz-se essencial a constância e o rigor, a cada aula de avaliar a experiência do grupo, individualmente e no coletivo, incluindo o educador. O Ponto de Observação é um instrumento metodológico que contribui na avaliação desse ensinar e também desse aprender, pois delimita o que precisa ser estudado, investigado e refletido na aula. E o educador deve estar aberto a ser esse sujeito curioso sobre seu ensinar, interessado em escutar os estudantes para melhor ensinar, planejar, propor atividades, “porque ele é aluno dele mesmo o tempo inteiro”. (Freire, 2008, M., p. 199)

Observar, refletir, avaliar e planejar pode-se dizer que formam o eixo de diretrizes que melhor explicam a metodologia de Madalena Freire na graduação do ISEPS. Para que esses estudantes deem conta dos

conteúdos da matéria e do sujeito presentes em toda aula é preciso que eles vivam esses quatro verbos em um movimento espiral, em todas as aulas e através de diferentes áreas do conhecimento.

Madalena Freire nos propõe três elementos do ensinar que estruturam a ação do professor em sala de aula que busca uma concepção democrática que são o encaminhamento, a intervenção e a devolução.

Em uma aula o professor propõe tarefas e atividades que chamamos de encaminhamentos.

O professor faz intervenções no ensinar que são questionamentos para desequilibrar o pensamento dos alunos. O planejamento e o objetivo devem estar claros para o professor ficar livre para fazer perguntas durante sua ação com os estudantes. Segundo Madalena Freire, são intervenções que vão alicerçando o desembrulhar do objeto em estudo do conteúdo. (Freire, M., 2008, p. 87)

Os momentos em que ele formaliza e sistematiza os conteúdos e devolve aos estudantes de forma oral, ou escrita ou com uma nutrição estética são chamados de devoluções.

Existe na pauta da aula um elemento que faz parte da devolução do professor que compõe esse elenco de atividades, em diálogo com o ensinar e o aprender, e que ajuda a lidar com o que nem sempre é possível nomear, explicar, e que com a linguagem própria da arte vai se aproximar desse indizível: a nutrição estética. A nutrição estética é uma forma de devolver os conteúdos e a aprendizagem do grupo à turma, utilizando outras linguagens.

Somos todos homens, filhos do mesmo tempo, vivemos ligados estreitamente um ao outro, dependentes um do outro, e como tais devemos nos esforçar para nos compreender mutuamente e um dos caminhos mais diretos que conduzem a este fim é a

arte. A arte é assim uma linguagem universal. (Segall apud Carvalho, 2016, p. 45).

Como linguagem universal, a arte pode nos ajudar a nos compreender melhor enquanto sujeitos marcados pelo pensamento e pela emoção.

Ensinar fora do contexto de sala de aula é uma forma de assegurar que a educação democrática seja acessível a todas as pessoas. Além disso, proporciona uma oportunidade maravilhosa para professores aprimorarem habilidades de comunicação diferentes das utilizadas em classe. (hooks, 2020, p. 215).

A proposta de trazer para o planejamento da aula, alguma Nutrição Estética que expresse uma linguagem da arte – como um poema, uma música, um filme, uma obra de arte etc –, que dialogue com os conteúdos da aula, imprime no planejamento essa necessidade humana de entender o mundo por outras vias, escapando um pouco do ordinário, possibilitando outras possibilidades de comunicação. Tentamos produzir sentido em todas as nossas ações, com imagens e emoções. Trazer para a sala de aula contextos culturais que possam fazer interlocução com os sujeitos em processo de aprendizagem, ajuda a criar outras possibilidades de entendimento desse processo que está sendo vivido. A proposta da Nutrição Estética como elemento presente nas aulas não é definir a Arte, nem tentar entendê-la, mas sim incluí-la como elemento atuante no planejamento das aulas para que se abra esse espaço de fruição, expressão e estesia e assim, propor novos modos de pensar:

O objetivo maior de uma nutrição estética é provocar leituras que possam desencadear um aprendizado de arte ampliando as redes de significação do fruidor. Seu foco principal está na percepção / análise e no conhecimento da produção artístico-estética, no entanto o centro não está na informação dada, mas na capacidade de atribuir sentido, construir conceitos, ampliá-los pelas ideias compartilhadas entre os parceiros, com o professor e, se for o caso, com os teóricos que também se debruçaram sobre essa obra, artista ou movimento. O educador é um mediador entre a arte e o aprendiz,

promovendo entre eles um encontro rico, instigante e sensível. (Martins; Picosque; Guerra, 1998, p. 140-141).

A Nutrição Estética está presente em todas as aulas e instiga a pesquisa no educador que busca sempre artistas, textos e imagens que dialoguem com os conteúdos de aula, propondo assim, encontros com a arte e a cultura, como disparadores para uma reflexão na formação de professores.

Um objetivo da nutrição estética é ampliar as referências estéticas dos estudantes apresentando artistas, e linguagens diversas, que vão desde a arte clássica à contemporânea e da imagem à literatura. Chamada de nutrição por ser um momento de alimentar a sensibilidade dos estudantes, com beleza e imaginação, mas principalmente de ampliar as referências dos estudantes, permitindo outras perspectivas, outros modos de perceber conceitos e relações.

Pode-se afirmar que a Nutrição Estética pode causar certo estranhamento inicial, pois ela desestabiliza alguns repertórios já conhecidos, e também porque a sala de aula por muito tempo foi esse lugar do racional, pouco mediado pela emoção e a sensibilidade provocadas pela arte.

A Nutrição Estética, quando apresentada no começo da aula, faz uma ruptura de paradigma no planejamento, pois propõe uma ressignificação do espaço árido que pode ser a uma sala de aula. Muitas das vezes a Nutrição Estética dá o tom da aula, apresentando um elemento da arte, o educador convida os estudantes a se conectarem com outros saberes, outros pensamentos, outras formas de olhar o mundo ao redor. Logo, a Nutrição Estética passa a ocupar um lugar de encantamento, quando os estudantes percebem que a linguagem da arte, com toda sua semiótica, metáfora e magnetismo, cria uma linguagem universal na sala de aula: a do humano. Usada para expressar sentimentos, percepções, dúvidas e processos vividos que muitas das vezes são difíceis de dizer. Dessa

forma, a Nutrição Estética pode ser um caminho para colocar o estudante em contato com o artista que cada um traz em si, capaz de criar, imaginar e pensar sobre si mesmo e os outros. A Nutrição estética amplia a própria aula, traz para ela as variadas formas humanas de comunicação, dessa necessidade de expressar o que é difícil dizer. É usada como uma devolutiva ao grupo sobre as aulas, cercando os conteúdos da aula de outra forma. Ao introduzir uma linguagem da arte como nutrição durante a aula, é afirmar que o processo de ensino e aprendizagem não dá conta de tudo somente pela interlocução entre professor e estudante, é preciso recorrer à poesia, à emoção, à sensibilidade, à estética.

### **3.2 Alfabetização Cultural: um mergulho nas linguagens da arte**

Quem trabalha no Instituto Pró-Saber logo incorpora a arte como parte das propostas e projetos que são desenvolvidos lá. No Pró-Saber acredita-se que a linguagem da arte pode ser regente e deve ocupar um lugar central em todas as iniciativas educativas nesse espaço. Na graduação, conforme podemos notar ao ler sobre a Nutrição Estética, a arte é considerada como elemento constitutivo do processo de construção do conhecimento e não apenas um acessório, como insiste Maria Cecilia Almeida e Silva, reitora do Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

Há na relação Arte e Educação as bases da construção de uma nova arquitetura educacional verdadeiramente revolucionária. Essa nova arquitetura levaria a um novo “eu penso”. “Eu penso” como processo dramático de criação, invenção, paixão, gozo e liberdade, como uma unidade emergente de multiplicidades, desejo, paixão, relações interpessoais, contextuais e culturais. Ao “eu penso logo sou” cartesiano, poderíamos inventar um “eu sou, logo penso”; eu sou assim, logo penso assado. O pensamento não como uma tabula rasa, mas como emergindo de um terreno contraditório, povoado de fantasias, imaginação, mitos e cálculos. (Almeida e Silva, 2015, p. 7)

A arte é transversal a todo o currículo, e a atividade que explicita bem essa prática é a Alfabetização Cultural que era considerada uma atividade complementar e se tornou projeto extensionista em 2023, atendendo a Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 do Conselho Nacional de Educação.

De acordo com o documento intitulado Curricularização da Extensão na Graduação, aprovado pelo Conselho Acadêmico do Pró-Saber, atualizado em 2023, este projeto promove ações de valorização da cultura comunitária e de descoberta de espaços culturais da cidade, contribuindo para a percepção do direito de acesso de todos esses bens e expressões culturais. Parte da certeza de que essas atividades são ferramentas na formação pessoal, intelectual e profissional e possibilita o resgate de valores éticos e morais, o desenvolvimento de uma atitude cidadã e pró-ativa diante da vida. Pretende-se que os participantes do projeto tenham condições de se auto-avaliar, se relacionar e se respeitar como cidadãos. (ISEPS, 2023).

Presente na grade curricular do primeiro ao terceiro e último anos do curso, foi incorporada ao Curso Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil, com a intenção de ampliar a área de formação geral, favorecendo experiências de imersão no mundo cultural e artístico.

É importante pontuar que quando o curso ainda era nível médio, em 2003, eu era docente e lecionava a disciplina de Didática da Língua Portuguesa, e em uma aula em que eu tratava de gêneros textuais, planejei uma visita da turma à exposição de História em Quadrinhos, em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim, um espaço cultural no bairro de Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro. Pela primeira vez, eu propus que a turma fizesse uma aula extramuros, em um espaço cultural, como complemento aos estudos que fazíamos sobre os gêneros textuais. Nesse momento, pode-se dizer que nascia o embrião do que, mais tarde, viria a ser a Alfabetização

Cultural. Essa visita foi um grande sucesso e passamos a considerar a possibilidade de repetirmos.

Foi uma experiência marcante, possibilitando a reflexão sobre a vivência de uma aula extramuros, uma oportunidade de vivenciar um aprendizado mediado por outras linguagens e, principalmente, constatar a partir dessa visita, o quanto a sala de aula poderia se estender, considerando outros espaços, frequentados através do seu direito enquanto cidadãos. A partir desta exposição, foram planejados outros programas culturais como a ida à Exposição de Augusto Malta com a turma 2007, por exemplo.

Fotografia 18 - Programa cultural com a turma 2007 , na exposição de Augusto Malta



Autor desconhecido, Rio de Janeiro, 2007

Ao longo dos anos, como professora do ISEPS, sob coordenação pedagógica da pedagoga Madalena Freire, aprendi em grupo, com os demais professores e a coordenação do curso, que o movimento do ensinar do primeiro ano de trabalho no curso de formação de professores deveria partir do mergulho em si. Esse movimento irá proporcionar aos estudantes a chance de falar de si mesmo em aula, de se olhar, se enfrentar e expor-se para resgatar a própria história de vida, sendo ela doída ou não.

Paulo Freire (2021), embora não fale em alfabetização cultural, já havia introduzido a importância de uma abordagem pedagógica conectada ao contexto social e cultural do estudante. “O esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes.” (Freire, P., 2021. p.134).

Esse movimento de olhar para dentro acontece em todas as disciplinas do curso de diferentes maneiras, de acordo com a condução da aula, o estilo, a dinâmica e os objetivos de cada professor.

No entanto, percebe-se não é exercício simples, nem para o estudante, nem para o professor devido à delicadeza que é mergulhar e falar de si, em um espaço público, sem receio de que isso vire um rótulo e também tenha-se a certeza de que é uma ferramenta para o conhecimento.

Como docente desse curso do ISEPS, levei tempo para acertar o passo do que eu realmente gostaria de realizar à frente do projeto Alfabetização Cultural. O processo de amadurecimento na Alfabetização Cultural foi gradual, ao longo dos anos, atravessado por práticas, questionamentos, discussões com os colegas do comitê acadêmico, a coordenação, em tentativas diversas de acertar a condução do trabalho, mas principalmente, associando o meu ensinar ao meu aprender.

O contato com a arte sempre foi uma premissa nessas aulas, pois o principal objetivo sempre foi proporcionar aos estudantes uma aproximação com as diferentes linguagens da arte, visitando os equipamentos culturais oferecidos na cidade como cinemas, teatros, museus etc. Nomeados de passeios culturais inicialmente, e depois chamados de programas culturais, pois não era um passeio, mas sim uma aula extramuros, uma extensão da sala de aula. Eu sempre fiz a curadoria das saídas, pesquisava os programas culturais disponíveis na época e incluía no meu planejamento, sempre com muito cuidado em pesquisar

antes, ou até mesmo visitar o evento antes de ir com as turmas. Naquela época, poucas vezes eu me preocupei em buscar opções que fizessem relação umas com as outras, transformando a experiência dos estudantes nos espaços como algo que tivesse que ter alguma ligação ou coesão entre si. Nesse começo, era mais importante proporcionar aos estudantes o contato com a Arte e os artistas, com teatros, cinemas, em uma verdadeira ampliação cultural.

Tínhamos como prioridade, apresentar a arte e suas manifestações, pois, a priori, era isso que o curso se propunha nesse começo. Podemos dizer aqui que havia um grande equívoco, supúnhamos que os estudantes não conheciam nada de arte e que o curso cuidaria de apresentar o universo cultural a eles. O nome dado a esta atividade complementar sempre instigou curiosidade. Madalena Freire fez boas reflexões sobre o nome, considerando a abordagem de Paulo Freire que nos convida a pensar a alfabetização numa perspectiva de que “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura.” (Freire, P., 2021, p. 25).

Sem dúvida alguma, como acontece em todos os começos de algo novo e desconhecido, a Alfabetização Cultural teve início de um jeito e foi ganhando outros contornos ao longo dos anos, a partir da observação dos grupos, da minha experiência e da reflexão sobre o que se esperava dela.

No início, ela se deu sem muita articulação entre os eventos, eu aceitava sugestões das colegas do curso, acolhia anúncios que eu lia no antigo caderno RIO SHOW do jornal O Globo, recebia e usava convites gratuitos que chegavam, sem a devida reflexão sobre as escolhas. Os programas culturais eram oportunidades que surgiam para os estudantes terem contato com as várias linguagens artísticas, com os espaços, mas no entanto, por muitas vezes, eu percebia que a experiência não ultrapassava o limite da fruição.

Teve um primeiro marco importante na condução do trabalho quando eu percebi que fazia falta uma atividade prévia que de alguma forma preparasse a turma para o programa cultural que seria experienciado. Experimentar uma linguagem estética, muitas das vezes provocava um enorme estranhamento, como o caso do filme Pina, sobre a artista Pina Bausch<sup>19</sup>, assistido em uma ida ao cinema. Lembro-me de uma ex-aluna da turma 2012 que esteve neste programa cultural para assistir ao filme e deu um depoimento na aula de que foi uma experiência que lhe causou muita estranheza, deixando a aluna angustiada. O impacto da obra de Pina Bausch causado na estudante só foi melhor compreendido por ela na aula posterior ao cinema. Possivelmente se ela tivesse sido apresentada à artista antes de ir ao cinema, talvez pudesse ter vivido uma experiência mais leve e de mais fruição.

E de fato, nesse momento inicial parecia que havia uma cultura nova a ser conhecida, que provocava estranhamento nos estudantes, tudo era novo e inquietava, como nos relatou a estudante.

Algum tempo depois, a coordenadora do curso, ao me ouvir sobre a necessidade de pensar sobre essa preparação prévia para o programa cultural, e também atenta ao registro e à documentação das experiências no curso, lançou a proposta desafiadora de formarmos um pequeno grupo de professoras do corpo docente para que escrevêssemos diretrizes para a Alfabetização Cultural. A proposta, seria uma espécie de roteiro com fundamentação teórica pertinente, que orientasse um pouco mais as atividades com sugestões prévias de espaços culturais e museus a serem visitados. Naquela época, tínhamos no corpo docente duas professoras que não fazem mais parte do atual quadro, a musicista Janaína Barbosa e a professora de Língua Portuguesa e Literatura Valeria Lopes, que

---

<sup>19</sup> Pina Bausch, coreógrafa alemã, nasceu em 1940 em Solingen e morreu em 2009 em Wuppertal. Ela recebeu seu treinamento de dança na Folkwang School em Essen sob Kurt Jooss, onde alcançou excelência técnica. Logo após o diretor dos teatros de Wuppertal, Arno Wüstenhöfer, contratá-la como coreógrafa, a partir do outono de 1973, ela renomeou o conjunto para Tanztheater Wuppertal. Com esse nome, embora controverso no início, a companhia gradualmente alcançou reconhecimento internacional.

participaram dos encontros. As outras duas professoras que também participaram, foram Maria Delcina Feitosa, então bibliotecária do Pró-Saber, e Cristina Porto, mestre e doutora em Educação, professora do Curso Normal Superior dos ISEPS e no curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio, minha colega até hoje no curso. A intenção era reunir pessoas de especialidades diferentes, mas que de alguma forma tivessem incursões na arte, literária e musical, e também na História, bem como conhecimento acadêmico. Desta forma, poderiam contribuir com referências e teóricos ligados ao tema da Arte a fim de estruturar a proposta da atividade complementar.

Foi escrita então uma proposta de estrutura com o objetivo de ser a diretriz para a Alfabetização Cultural. Esse documento atendeu à demanda da coordenação, que na época considerou importante ter um registro com espaços culturais previamente listados para serem visitados a cada ano, bem como, objetivos gerais, objetivos específicos e um referencial teórico.

Abaixo, segue trecho do documento escrito a muitas mãos:

A disciplina chamada “Alfabetização Cultural” é muito importante para o Curso Normal de Formação de Professores de Educação Infantil do ISEPS por aproximar o saber (conhecer) e o fazer (criar) cultural. Isso significa que alfabetizar culturalmente nossos alunos do ISEPS perpassa não só pelo caminho do conhecimento das diversas manifestações culturais, com aproximações e estranhamentos, mas também pela experimentação sensível e prática desta cultura. Esse processo os leva a retomar o brilho, o prazer e a beleza de viver a arte. Durante os três anos de curso, trabalhamos com adultos transformadores de uma realidade social e, portanto, torna-se imprescindível uma proposta contínua de alfabetização cultural para que possam valorizar, rever e refazer a sua própria cultura. (Estrutura Curricular da Alfabetização Cultural, 2013).

Apesar do documento apontar para a beleza de viver a arte, a estrutura proposta previa um sistematização com objetivos, ênfases e os programas culturais pré-determinados para cada ano do curso.

A coordenação das aulas continuou sendo feita por mim, com base nesse documento, mas a minha sensação foi que o projeto estava deixando de ser orgânico para ser como um manual a seguir e perdemos um pouco da espontaneidade. Não consegui usá-lo por muito tempo, pois não fazia muito sentido para mim. Lidar com a arte me abria outras sensibilidades e outras formas de planejar e pensar a minha prática. Não era só sobre conhecer as linguagens da arte e visitar espaços culturais que tratavam a Alfabetização Cultural. Durante um tempo eu tentei seguir essa estrutura curricular, porém ainda não era essa a melhor forma, pois era como se alguém tivesse escrito um planejamento de aula e me dado em mãos para executar. Eu me identificava pouco com o documento e sentia que o trabalho deveria ser mais de dentro para fora, construído a partir das aulas, com os estudantes e a partir dos desafios que surgissem. Minha forma de trabalhar parte da minha observação, estudo e escuta do grupo, valorização das trajetórias, histórias de vida que se encontram e sensibilidade. Algo ainda não atendia às minhas expectativas para coordenar essa atividade complementar, muito embora ela estivesse atravessando por completo as turmas e produzindo efeitos transformadores nos estudantes. Além é claro, de estar me transformando a cada aula planejada. Mas eu sabia que a proposta poderia ir mais além. A proposta de trabalho não atendia aos meus anseios como professora, nem às minhas observações com relação ao grupo, os conteúdos discutidos em aula, bem como às ofertas de programas culturais na cidade. Era preciso que o trabalho ganhasse mais sentido e significado, havia uma lacuna ali para eu investigar. O que acontecia nas aulas, entre mim e os estudantes, entre os programas culturais, a mediação com a arte, era tudo muito mais vivo do que o que propunha aquele documento escrito. Comecei a refletir sobre como eu pensava e construía minhas aulas na Alfabetização Cultural. Apresentando os espaços culturais da cidade aos estudantes, às diversas linguagens da arte, experimentadas por todos nós pela primeira vez, provocar questionamentos, observar

estranhamentos e também, muitos encantamentos, mas sempre em diálogo com a turma, a sua realidade e partindo das demandas surgidas no diálogo com os estudantes. E como fazer isso bem?

Sempre penso que venho usando as linguagens da arte para aprofundar as reflexões sobre a cultura dos estudantes e do contexto ao redor deles, para que possam ser melhores professores, em suas salas de aula, mediados por essas reflexões vividas nas aulas. A arte como ferramenta para atravessar o universo cultural, usando o conhecimento prévio de cada estudante como ponto de partida de todo o processo, suas impressões sobre arte, cultura, memórias que trazem de seus contextos, modelos, referências.

É bastante comum eu ouvir frases dos estudantes que afirmam que arte e cultura são produtos a serem consumidos por quem tem estudo, ou dinheiro, ou até mesmo “cultura” e isso me abre muitas camadas de reflexão. Essas perguntas, aparentemente simples que venho fazendo ao longo dos anos nessa atividade, me instiga e ao mesmo tempo são o combustível para que eu desenvolva minhas aulas, meus métodos e minhas propostas no meu campo, que é a minha sala de aula.

Quero recordar aqui que, esse lugar de fala das estudantes de que cultura não é para elas, que elas têm espaços limitados para frequentar ou que quem tem dinheiro pode consumir arte, ao contrário dos pobres, eu também vivi isso. Eu testemunhei minhas avós analfabetas não se interessarem, nem se sentirem incluídas nessa arte e nessa cultura que para elas era coisa para ricos. Ouvi muito esse discurso dentro de casa de “eles e nós”. O samba e o forró estavam presentes, mas nada mais. Não fazíamos programas culturais, não pensávamos nisso, não tínhamos livros em casa, ninguém dizia que ser nordestino ou descendente dele era motivo de se orgulhar. Ao contrário, a cultura do nordeste era menor, de menos valor. É desse lugar que eu venho. E desse mesmo lugar, eu consigo escutar melhor as vozes de meus alunos em sala de aula.

Para que eu construísse minha caminhada com a Alfabetização Cultural, foi fundamental essa tomada de consciência de minha própria história, a partir do exercício reflexivo, para apresentar um planejamento propositivo que fizesse igual sentido para os estudantes. Para se embrenhar nos conteúdos da cultura, mediados pela arte em suas diversas manifestações, impossível construir qualquer projeto sem olhar para dentro, em que cada sujeito mergulhe em suas raízes e olhe atentamente para a própria história e assim poder problematizar os conceitos, teorias e ideias que o curso apresenta. Daí a importância de resgatar essa origem de cada sujeito que aprende.

As etapas de desenvolvimento das aulas foram sendo construídas nas idas e vindas, regulando a busca, no estudo e na reflexão na ação (SCHÖN, 2000). Não foi mágico. Atualmente, eu tenho a consciência de que muita coisa vivi nesse processo, ensinando e aprendendo, construindo e desconstruindo a estrutura da Alfabetização Cultural, mas principalmente desconstruindo coisas em mim mesma, nas minhas crenças, na minha visão de cultura e de conhecimento.

Muitos dos estudantes que passaram pela minha sala de aula pisaram em museus e teatros pela primeira vez por encaminhamentos nas minhas aulas, na Alfabetização Cultural. Faltou a muitos deles a oportunidade, o dinheiro, o interesse, o motivo e até mesmo o desafio de buscar algo novo, diferente. Pensar que eu vivi isso também ao longo de minha vida sempre escassa de livros, de programas culturais, de viagens e acesso à arte me deu a empatia para refletir sobre a minha prática em sala de aula, a frente dessa atividade extensionista. Eu aprendi enquanto ensinava e ensinava enquanto aprendia.

Em mais de 20 anos coordenando a Alfabetização Cultural, passaram por minhas aulas as turmas de 2005, 2007, 2009, 2020, 2012, 2015, 2018, 2019, 2022, 2023 e na presente data, início com a turma 2025. Foram

muitas as propostas, temas, espaços culturais visitados, uma média de dois programas culturais por mês em todos esses anos.

Apresento abaixo algumas das intenções do trabalho realizado na Alfabetização Cultural que me guiam como base em todos esses anos:

- Escutar e valorizar as experiências com a arte e a cultura armazenadas na memória de infância dos estudantes;
- Refletir sobre identidade e a diversidade cultural nas comunidades e nos espaços educativos em que estão inseridos os estudantes;
- Pensar e criar propostas de contato, diálogo e interlocução com as diversas linguagens artísticas, possibilidade o alargamento das experiências;
- Conhecer as produções culturais em oferta na cidade que possibilitem refletir sobre identidade, história, cultura e ancestralidade;
- Pesquisar e planejar atividades para ampliar a experiência e o repertório dos estudantes com diferentes manifestações culturais;
- Despertar um olhar estético para o entorno e abrir potencialidades para que a educação dialogue com a arte e seja um caminho para criação de ações inovadoras;
- Inspirar os estudantes a criar suas próprias propostas de expressão artística e abrir caminhos para que as instituições educacionais onde trabalham o façam também;
- Despertar para a autoria e o protagonismo no cenário cultural;
- Abrir espaço na sala de aula para debater sobre o lugar da sensibilidade no processo educativo;
- Identificar as referências do patrimônio cultural da nossa

cidade;

- Desbravar a cidade em busca da história do nosso povo e se reconhecer como cidadão / ã desse espaço público e democrático;
- Ampliar o conhecimento geral sobre arte e cultura mediado por artistas convidados para as aulas.

A atividade extensionista Alfabetização Cultural busca ampliar o sentido linguístico da palavra alfabetização, no qual alfabetizar inclui muitas leituras, como habilidades de entender, interpretar, se colocar aberto a conhecer o universo do outro, se abrindo para o entendimento do outro, da cultura do outro, do ponto de vista do outro.

A atividade tem a intenção de levar os estudantes a pensarem na cultura como algo inter-relacional, que se dá através da interação. Ninguém se alfabetiza sozinho, se alfabetiza na relação. Considerando que a alfabetização, assim como a docência, como um processo que acontece na interação, a alfabetização cultural cria a oportunidade de ampliação cultural, olhando para o outro e se voltando para si, em uma espiral, relacional, interativa.

Lembro-me de quando a turma 2022 visitou a exposição do Heitor dos Prazeres, no CCBB/RJ, um misto de sentimentos pôde ser visto, entre encantamento, curiosidade e estranhamento. Alguns elementos foram abordados pelos estudantes, como por exemplo, o que uma exposição quer comunicar aos visitantes, que tipo de personagens são vistos nas pinturas, que favela colorida e alegre é aquela retratada nos quadros e porque as pessoas olham para cima nos quadros do artista. A arte cumprindo seu papel, o de fazer pensar.

Podemos pensar a Alfabetização Cultural na perspectiva de que não há uma cultura isolada, mas sim de forma relacional, que inclui contextos, repertórios, pessoas, manifestações, histórias etc. O sujeito ao nascer, ele

integra inúmeros contextos, como a família, o bairro, a comunidade, a igreja, a cidade, o país e muitos outros. Ao chegar na escola, ele não chega vazio, ele vem trazendo tudo com ele. Não é diferente na faculdade, e muito menos na formação de professores.

O estudante que quer se formar professor precisa mergulhar no resgate da cultura que ele traz, para ressignificar a ideia que ele tem de cultura. Isso é alfabetizar culturalmente. Nestas aulas você não aprende a ter cultura, você compartilha cultura, amplia a sua própria e a do outro também. E o desafio é muito maior para quem quer ser professor. Podemos livremente buscar muitas informações sobre arte, sobre artistas, visitar muitas exposições sozinhos, viajar, mas a Alfabetização Cultural vem propor aprender sobre cultura, na relação com o outro.

O professor pode ensinar sobre os movimentos da arte, sobre as perspectivas dos variados artistas que ele conhece muito bem, mas falar de cultura é fazer relação entre estes conteúdos e conceitos e a realidade dos estudantes. Buscar formas de aproximá-los dessa arte é que será o desafio. O estudante deve se reconhecer nas aulas, deve encontrar espaço para trazer a sua cultura, o seu entendimento de cultura, as pessoas que para ele têm cultura. É importante que ele crie um movimento disruptivo dessa ideia de quem tem cultura, não contribuindo para a manutenção dessa ideia elitista e conservadora de que a cultura é específica de um grupo.

Resgatar as memórias e a própria história é das tarefas mais complexas e ao mesmo tempo corajosas que existem. Há quem não consiga, quem não aguente, quem resista. Mas há quem enfrente, há quem se sinta atravessado pelo desafio e até mesmo pela curiosidade de saber onde irá chegar nesse exercício de compreensão de seu nascimento, desde o biológico ao cultural. É um novo nascimento, uma tomada de consciência

para se reconhecer e auto afirmar como um sujeito que já traz em si uma cultura.

### **3.3 Observar e refletir sobre o ensinar**

Na metodologia da graduação do ISEPS, o professor trabalha em dupla com um educador na função de observador/a da aula. Ele/a não faz intervenções, nem devoluções para o grupo porque não é o educador dos estudantes, sua participação se dá em outro nível, fazendo observações por escrito e entregando ao professor após a aula. Sua atenção durante a aula é no grupo de estudantes e na sua dinâmica, no ensinar do professor, na sua metodologia e nos conteúdos abordados na pauta da aula ou que emergiram no decorrer dela. O / a observador / a pode apontar faltas e desafios que em determinados momentos nem o professor percebe.

Segundo Freire (2008, M., p. 136), observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica. Há uma cumplicidade entre o professor e o / a observador / a não só durante a aula, mas também na partilha do planejamento, na troca sobre as impressões que ambos tiveram do grupo de estudantes, na avaliação dos conteúdos, acertos e falhas. O / a observador / a precisa estar comprometido com o curso, seu andamento e seu processo.

Sua observação é silenciosa, mas deve ser atenta, perspicaz, que depende também da constância e presença naquele grupo, e o

acompanhamento que acontece no processo, baseado nos focos de observação solicitados pelo professor. No semestre 2023.1, quando construímos as aulas com o objetivo de preparar a exposição sobre ancestralidade, minha observadora foi a Daniele Accioly Santos, que já havia sido minha aluna na turma 2009. Daniele participou de todas as aulas do período, só não estando presente na última, dia da exposição.

Achei interessante trazer para essa parte da pesquisa um registro da observadora que me acompanhou nesse período. Abaixo podemos ler o registro reflexivo que Daniele Santos me devolveu ao final da aula número seis, do dia 16 de maio de 2023:

*Hoje chego cedo no Pró-Saber e fico ali no jardim observando o movimento de algumas alunas. Antes de começar a aula, Melissa apresenta a proposta para hoje, o grupo está trabalhando com pesquisas para realizar uma exposição sobre ancestralidade, entrelaçando com o que se viu na visita à exposição, Um defeito de cor, no Museu de Arte do Rio - o MAR. Ao entrar em sala é sempre uma festa, o grupo faz elogios que são devolvidos por Melissa, momento de descontração, boas risadas e leveza. Para permear o olhar, a reflexão e os conteúdos de hoje, Melissa trouxe como epígrafe o provérbio africano visto na exposição. " Quando não souberes para onde ir. Olha para trás e saiba pelo menos de onde vens." O grupo ao ler essa epígrafe, reflete sobre a importância que a atividade proposta tem em pesquisar sobre seus ancestrais, a busca por objetos, memórias e fala muito sobre esse lugar de se perceber e saber de onde se vem. Por um momento Melissa olha para o grupo, e pergunta se elas entendem a potência de tantas mulheres dentro de uma sala buscando conhecimento, para transformar não só a sua prática para a vida pessoal, a vida de todos ao redor de cada um. Fala da emoção que sente quando para para refletir sobre essa força feminina, e que cada uma precisa quebrar algumas falas existentes já estigmatizadas e enraizadas na Cultura, que muitas mulheres juntas só podem dar fofoca, confusão, competição, etc. Vocês não podem aceitar mais esse lugar, o poder das mulheres juntas, a força que esse grupo tem, buscando metas, objetivos e ação, vocês escolheram estar aqui. Antes de dar início a chamada, Melissa pergunta ao grupo sobre a pesquisa, esse momento de busca de ideias, objetos, conversas e o que causou. Percebo algumas alunas pensativas e reflexivas, acredito que por não ter pensado em nada, ou até mesmo não ter algo para apresentar. Melissa organiza no quadro como se dará essas equipes de trabalho, e a função de cada uma: visual, textos / legendas, objetos, fotografias, produção. Para auxiliar e nortear os pensamentos do grupo, Melissa explica sobre o processo de uma exposição, que além de investigar, o grupo precisa pensar na preparação, na montagem e lugar, divulgação, inauguração, desmontagem e avaliação dessa atividade. Cada estudante trouxe sua ideia, seu pensar, expôs os objetos, fotografias, cartas, etc Nossa, enquanto elas iam falando se emocionado, eu voltei no tempo, pude rever cada passo da minha construção como aluna dessa instituição, voltei no dia*

*em que comecei e no dia da minha formatura, queria dizer a elas, aproveitem, chorem, escrevam, fotografe, pois parece ser uma eternidade, vai passar tão rápido que se dará conta no dia que estiver maquiada, com seu vestido longo, e afirmando sua escolha, viva cada segundo, cada medo, cada dor, momento lindo do grupo e eu contendo minha emoção. Durante a chamada pude perceber o quanto os avós são presentes e marcam as nossas vidas, algumas alunas lembraram histórias, ditados, frases, lugares, a memória e uma caixinha de surpresas. Às 21:15 Melissa socializa com o grupo um vídeo como nutrição estética, a fim de ampliar as pesquisas e construção dessa exposição. Na exposição do vídeo<sup>20</sup>, o grupo mostrou-se bastante interessado, fazendo anotações, durante o vídeo pude perceber algumas alunas bem chorosas e emocionadas, reflexo das falas acredito eu durante as ideias que surgiram. Nathália fala que paralisou quando viu os objetos, as fotos trazidas por seus colegas a fez refletir em agir diferente com seus filhos, construindo memórias, registrando e guardando. A turma foi organizada em equipes para agilizar a exposição: Daniele dos Santos, observadora.<sup>21</sup>*

**Visual:** Ângela, Doris, Jéssica, Fernanda Cristina, Maria Petiane, Robéria e Sheila.

**Textos / legendas:** Adriana Cavalcante, Danielle, Dulcilene, Shirley e Natália.

**Objetos / peças:** Adriana Fonseca, Ezileide, Karina Lídia e Rute.

**Fotografias:** Ana Cristina, Dirce, Elaine, Fernanda Luíza, Cristina, Gisele, Tati.

**Produção:** Cléo, Laiane, Janaína, Nathália, Patrícia Gomes, Patrícia Souto, Roberta. (Santos, 2023).

Ao ler o registro da observadora Daniele Santos sobre a aula, percebe-se que ela pontuou alguns elementos interessantes para a reflexão sobre a forma de ensinar na referida aula. A observadora está atenta ao eixo central das experiências de vida e formação na forma como observa e se refere aos conteúdos, ao movimento das estudantes em relação à pauta proposta, aos sentimentos e narrativas que vão sendo apresentados no decorrer das atividades. Percebe-se também que a aula, nessa perspectiva de vida e formação, também atravessa a observadora, que se vê misturada nos papéis de aluna, ex-aluna, educadora e observadora, a partir dos conteúdos e da dinâmica da aula. À medida que o delicado conteúdo de memória individual se entrelaça com a memória coletiva, parece que ambas vão se apoiando e formando uma base comum a todos

<sup>20</sup> Vídeo da Exposição temporária "Nhe'ê Porã: Memória e Transformação", Museu da Língua Portuguesa / SP Disponível em: <https://youtu.be/VV7m3e8aVSnE>

<sup>21</sup> Registro Reflexivo da professora, observadora e ex-aluna do ISEPS, Daniele Santos, referente à aula de Alfabetização Cultural de 16 maio 2023, coordenada pela professora Melissa Lamego.

os protagonistas do cenário da aula, considerando os diferentes contextos.

Na perspectiva da observadora, um importante depoimento a ser considerado, ela tem um olhar para a professora, para as estudantes, os conteúdos que emergem, mas também ela se vê no contexto da aula, quando ela própria, diz que volta no tempo e se recorda de quando foi aluna desta instituição, e, também da Alfabetização Cultural.

Daniele parece ter observado o que Schön (2000) chamou de processo de projeto, demonstrando que ela acompanhou o design do fazer nessa aula. Ainda não podemos saber como será o processo real do projeto.

Segundo Schön (2000), o ateliê de busca e projetos compartilha de um paradoxo geral que acompanha o ensino e a aprendizagem de qualquer competência ou ideia nova, porque o estudante aprende coisas cujo significado e importância ele não pode entender de antemão. (Schön, 2000, p. 73).

A aula citada pela Danielle foi uma das aulas que aconteceram no semestre de 2023.1 preparatórias para a exposição sobre ancestralidade e sob esse aspecto apresentado por Schön (2000), poderíamos pensar na sala de aula como o ateliê de projetos e que no começo não tínhamos ainda como saber se a ideia da exposição daria certo. Conteúdos essenciais fizeram parte da pauta da aula de forma a consolidar o projeto. Esses conteúdos e conceitos estavam previstos no planejamento da professora, foram observados e pontuados pela observadora Daniele Santos que trago em destaque abaixo a partir da leitura de seu registro reflexivo:

- a observação do movimento das estudantes no começo da aula
- a proposta da aula compartilhada com os estudantes
- o processo de elaboração de uma exposição

- a reflexão sobre o potencial de um espaço de aprendizagem
- o compromisso de todos com a construção do conhecimento
- o resgate das memórias durante o processo
- a pesquisa de referências
- a curadoria dos objetos de forma colaborativa
- a busca por soluções para projetos futuros

Todos esses elementos transitaram nesta aula e fortaleceram a proposta de construção do trabalho. Pretendo ampliar a dimensão dessa atividade, trazendo no próximo capítulo a metodologia do projeto extensionista no semestre 2023.1 e suas atividades em diálogo com o pensamento projetual do Design.

#### 4 A APROXIMAÇÃO COM O DESIGN

Este capítulo apresenta as aproximações da prática de sala de aula do Projeto Extensionista Alfabetização Cultural com o Design. Considero que a assinatura em 2015 do Acordo de Cooperação Técnico-Científico, entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na figura do Departamento de Artes e Design, com o Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) como uma primeira aproximação que rendeu frutos na atividade extensionista.

Em 2015, a reitora do ISEPS, Maria Cecília Almeida e Silva, em contato com a PUC-Rio, assinou o referido acordo que possibilitou a parceria com a equipe de pesquisadoras do Laboratório Interdisciplinar Design Educação - LIDE, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Design da mesma Universidade. Esta parceria contou com a atuação das professoras Rita Maria de Souza Couto, Roberta Portas, Karla de Souza Portas, Eliane Jordy lung e Flavia Nizia Fonseca Ribeiro.

Na ocasião, Maria Cecília Almeida e Silva propôs que a parceria contemplasse o projeto Constelação<sup>22</sup>, com ex-alunas do curso Normal Superior e que foi supervisionado por mim, pesquisadora e docente do ISEPS. A intenção era possibilitar que as metodologias do Design contribuíssem com a construção de propostas de projeto a partir dos interesses pessoais dessas ex-alunas para serem desenvolvidos com e para suas comunidades.

Esta parceria foi um divisor de águas marcante para a abordagem e a ampliação dos pressupostos de ação da Alfabetização Cultural, pois o acordo entre ISEPS e o Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, que previa inicialmente a atuação junto ao Projeto Constelação, teve dois

---

<sup>22</sup> Projeto Constelação: implementação de uma rede de pólos de intervenção em comunidades populares, nas quais, e por meio das quais, são desenvolvidas as ações sócio-educativas integradas.

desdobramentos nas aulas da Alfabetização Cultural, em 2016 e 2018. Esses desdobramentos contaram com a participação apenas da professora Roberta Portas. Entendo que esta continuidade possibilitou desenvolver um novo olhar para esse trabalho, ampliando a prática da Alfabetização Cultural em uma perspectiva sociocultural.

#### **4.1 Remexer a terra e plantar novas ideias**

A chegada do Design pelas mãos das professoras do LIDE, encontrou a terra nutrida para fazer crescer o jardim. Nos conhecemos sem muitas apresentações, elas foram chegando de mansinho e como uma dança suave foram nos apresentando esse modo de pensar. Miller (1988) no seu artigo A Definição de Design, inicia seu texto, esclarecendo um ponto importante. Segundo ele, a palavra em inglês é usada tanto como substantivo como verbo. Como substantivo, se refere a um objeto ou coisa. E como verbo, se refere a um processo ou uma série de atividades. O fato do Brasil ter adotado uma palavra com essas duas funções para a área, e também a primeira Escola de Design do país ter sido fundada em um momento que se buscava o desenvolvimento industrial nacional, contribuiu para que a grande maioria das pessoas ainda entenda Design apenas como o objeto fruto de um processo de projeto e não o processo em si.

O Design como verbo, designa processo. Como Miller (1988) define em seu artigo, “Design é o processo de pensamento que compreende a criação de alguma coisa” (Miller, 1988). Sendo um processo de pensamento, qualquer coisa pode ser criada, desde que resguarde as características dos processos de desenvolvimento de projeto, suas etapas, métodos, etc.

Vale ressaltar que a prática de projeto é a atividade principal do designer, é eixo na sua formação. Neste sentido, o processo de pensamento se estrutura em um modo particular de pensar, que observa, investiga, reflete, experimenta, dialoga, relaciona, define, planeja, articula, flexibiliza, configura, valida e entrega para o mundo uma resposta. A resposta pode ser um objeto, um sistema de comunicação, uma experiência ou um novo processo. Não há limite para esta resposta.

Foi assim que me aproximei desse fazer design e sem que eu percebesse fui incorporando algumas práticas no meu dia a dia. Incorporando de forma tão natural e suave que em alguns momentos durante a orientação desta pesquisa, minha orientadora interrompia meus relatos para me indagar: Melissa, e o que é isso que você está fazendo? Design, né? Esta percepção para alguém que não se formou na área, não é tão trivial de se identificar, mas quando nós vivenciamos o processo e conseguimos ver, não dá mais para “desver”.

Em 2015, quando o acordo foi feito, e a proposta de aproximação das pesquisadoras do Design com o Projeto Constelação iniciada, eu não tinha ideia de onde isso ia dar. Segui o fluxo, confiei no processo.

O primeiro passo foi entrar em contato com o grupo selecionado de estudantes egressas, todas mulheres em liderança nas suas comunidades e professoras de creches comunitárias. Elas foram convidadas a retornar ao ISEPS e pensar propostas de projetos para o bem viver dos moradores de suas localidades. Essa primeira parceria teve duração de um ano.

Algumas reuniões com as professoras da PUC antecederam o início dos encontros com as estudantes egressas. A intenção era que ao final do curso, cada uma delas pudesse ter desenhado um projeto que pudesse ser colocado em prática nas suas próprias comunidades, a partir das

provocações feitas pela equipe de designers da PUC-Rio. Os encontros foram organizados como oficinas em uma programação que previa etapas específicas com objetivos definidos. Naquele momento, eu ainda não percebia este modo de pensar.

Os encontros iniciais possibilitaram que cada estudante pudesse falar de si, de seus interesses e de seus sonhos para a comunidade em que vivem e o que gostariam de promover como ação. O processo se desenvolveu colaborativamente e era nítido que havia uma articulação entre as atividades, mas a condução trazia uma fluidez que envolvia as participantes, possibilitando que elas interagissem naturalmente.

A partir do olhar de cada uma delas para si mesmas, do exercício de observação do entorno da comunidade, da valorização das referências locais, os sonhos, desejos de cada uma foram se somando às percepções e começaram a ganhar corpo ao longo dos encontros. Lembro-me bem de observar o espaço que era dado para as ex-alunas falarem de si, da sua relação com o local. As observações e contribuições eram de enorme riqueza não só para elas, mas principalmente para o processo de pensamento que começou a se configurar a partir do contato com os métodos que eram apresentados.

As estudantes eram encorajadas a compartilhar seus interesses pessoais e relacioná-los com uma ação ou local em suas comunidades. Os encontros resultaram em desenhos, mapas, colagens e apresentações. E a cada encontro elas ganhavam confiança. Quase como uma mágica, os projetos começaram a ganhar forma. Abaixo apresento uma tabela com os projetos, seus participantes e as comunidades contempladas.

Tabela 02 – Projetos desenvolvidos no Projeto Constelação em parceria com a PUC-Rio; autoras Melissa Lamego e Roberta Portas

<b>PROJETO</b>	<b>SONHO (Objetivo)</b>	<b>Lugares de ação</b>	<b>Estudantes / autoras</b>
Arte em Ação	Dar visibilidade aos artistas inseridos na comunidade, reconhecendo-os como protagonistas de transformação através das mais diferentes manifestações artísticas.	Complexo do Borel	Fabiane
		Vidigal	Florenita
		Tavares Bastos	Gisele
		Mandela II	Jaqueline
		Chácara do Céu	Natália
		Tavares Bastos	Singela
Esperançar	Valorizar o ser humano como agente transformador em diferentes áreas de atuação através da literatura e da formação (EJA).	Formiga	Roberta
		Vila Canoas	Raphaela
		Chácara do Céu	Mônica
		Santa Marta	Vanessa
ECO Creche	Desenvolver projetos de reaproveitamento de alimentos, sucata, consumo e descarte consciente e a criação de hortas comunitárias.	Borel	Cleide
		Vidigal	Francisca
		Jardim Botânico	Janaína
		Complexo Pavão Pavãozinho	Lorena
		Cantagalo	Maria Lúcia
		Faz quem quer	Míria
		Copacabana	Simone
		Cosme Velho	Valéria
Plantando sonhos, encantando vidas	Contar a história da comunidade através de seus temperos, valorizando o meio ambiente com a criação das hortas comunitárias e despertando o interesse pela alimentação saudável.	Complexo do Alemão Pedra do Sapo	Merielly
		Vila Cruzeiro	Shirley
Reutilizar e Criar	Mostrar às crianças novas possibilidades de alimentação e uma vida mais saudável, com reaproveitamento dos	Vidigal	Andrea
		Laranjeiras	Isnardes
		Bairro Carioca	Kátia

	alimentos, como cascas, sementes e folhas.		
Ação social Arrecadação e Cidadania	Mobilizar e movimentar a comunidade com o objetivo de arrecadar alimentos, livros e roupas nas instituições escolares a fim de atender às necessidades das pessoas do local.	Cidade Alta	Adriana
		Cidade Nova	Denise
		Vidigal	Josania

Com a parceria, o Projeto Constelação ganhou mais potência como um programa do ISEPS que tem o compromisso de formar uma rede de pólos de intervenção em comunidades populares, a partir de ações culturais e socioeducativas para a superação de desafios. O Programa encontrou apoio e ferramentas para imprimir um viés de inovação social, se fortalecendo ainda mais tanto em objetivos como em ações de liderança comunitária.

A Alfabetização Cultural passou a ser o caminho para desenvolver projetos nas comunidades, fomentada e inspirada pelo Design. Esse novo contorno foi entendido como uma oportunidade não só de experiência estética e cultural em museus, teatros, cinemas etc, mas também uma oportunidade de criação, fazer cultural e reflexão sobre os processos. A aprendizagem desse novo movimento despertou em mim um maior interesse em entender essa perspectiva de projetar na educação, de construir possibilidades de reflexão sobre a realidade e seus desafios complexos, assim como sua busca por soluções utilizando novas ferramentas.

As contribuições do Design influenciaram a minha prática docente, buscando um viés social para as atividades dos semestres. Passei a me desafiar ao construir as propostas da Alfabetização Cultural em uma

perspectiva sociocultural, valorizando o protagonismo das estudantes, pensando sobre as etapas vividas, atenta ao que acontece durante o processo de criação, mediado pela reflexão.

O projeto com as alunas egressas ecoou de forma positiva e deu lugar a proposta de continuidade no ano seguinte, só que dentro da grade regular da Formação de professores, com contribuições na atividade Alfabetização Cultural, que na época era atividade complementar da grade. Para essa continuidade, apenas a professora Roberta Portas participou como convidada com inserções pontuais na programação do semestre 2016.2 na turma de graduação 2015.

Fizemos alguns encontros para identificar em quais aulas seriam feitas as inserções. Identificamos a exposição do artista Gaudí, no Museu de Arte Moderna (MAM/RJ) como uma atividade de imersão artística que poderia ser adotada como proposta para os encontros que teriam a inserção da professora convidada. A escolha da exposição como atividade cultural teve como mote a relação do conteúdo da mostra com a prática de projeto.

A exposição dava enfoque aos projetos do artista e possibilitou que a professora convidada pudesse apresentar conceitos relacionados ao pensamento projetual. Nos encontros, falamos de desenho, esboço, rascunho, matéria-prima, observação da natureza, desenvolvimento de uma ideia, o tempo de elaboração dessa ideia, a valorização de talentos, as conexões que um projeto pode e deve fazer com o entorno e a comunidade, sempre em uma perspectiva social. A imersão na exposição do Gaudí foi uma oportunidade de levar os estudantes a perceber os conceitos *in loco*, além de proporcionar uma experiência estética.

Dessa forma, fui compreendendo durante a elaboração dos projetos que o resultado final é parte do processo e não o único objetivo. A

aprendizagem acontece durante o processo. Na exposição do Gaudí, ficou claro que o Design não é somente o resultado final, mas todo o processo utilizado pelo artista para criar as suas obras.

Após a visita no MAM, a aula seguinte com a turma teve uma nova abordagem. Para mim, como professora da turma, pensar os movimentos de ensinar e aprender em uma espiral dialógica (Pichon-Rivière, 2013), mediadas pela observação e pela reflexão do próprio processo, foi extremamente importante porque revelou uma série de atividades que compõem o processo. As descobertas e conexões foram muitas, principalmente relacionar a prática na sala de aula com a experiência no museu. Observar esse processo inter-relacional, com a perspectiva de levar os estudantes a observarem, identificarem e se reconhecerem no processo de criação do artista em diálogo com a experiência que cada estudante já trazia em si mesmo. Um exemplo disso foi quando uma estudante associou as construções de Gaudí com o muro de sua casa, azulejado pelo pai, em forma de mosaico. Em um comentário em aula, essa aluna mencionou como passou a valorizar o ofício do pai e a estética do muro de sua casa como arte.

Essa percepção evidencia que o espaço de aprendizagem, seja a sala de aula ou o museu, deve estar em consonância com a realidade e as referências culturais dos estudantes. O que ele observa na exposição deve se voltar para ele próprio, para que ele faça o resgate e o reconhecimento de sua história. A aprendizagem deve estar em constante diálogo com essa história.

Ao entrarem no Museu de Arte Moderna (MAM) , acompanhados das professoras, os estudantes fizeram uma virada de chave, ao serem convidados a pensar sobre a ação artística de Gaudí, olhar para a obra do artista sob outro ângulo, o do processo de criação. O pensamento do Design marcou um novo ciclo na Alfabetização Cultural que passou a ser

um espaço de maior interlocução com a percepção dos estudantes de que para se criar um projeto era necessário se debruçar nos contextos.

Assim como a designer indiana Kiran Bir Sethi<sup>23</sup>, criadora do Design for Change, que tem um trabalho de levar jovens a acreditar que podem fazer a diferença e transformar as suas comunidades através de projetos de design, a proposta do Design no ISEPS, veio para também despertar esse potencial de transformação social a partir da experiência na Alfabetização Cultural, enriquecedora tanto para as estudantes, quanto para a professora. A perspectiva do Design ampliou a possibilidade de atuação como um caminho para se chegar à solução dos problemas complexos oriundos das comunidades dos estudantes.

Em 2018, eu lecionava na turma de mesmo ano quando fomos convidados pela Associação de Moradores do Humaitá (AMAHU), bairro onde está localizado o Instituto Pró-Saber, a levar a turma de estudantes da graduação para participar de forma ativa na Festa da Primavera, que é uma festa comunitária que acontece anualmente no bairro. O convite veio como uma oportunidade de elaborar um projeto que pudesse levar os estudantes a vivenciarem uma proposta de cunho comunitário em prol do bem-estar dos cidadãos que convivem no mesmo bairro, a fim de agregar as pessoas e proporcionar cultura e lazer. Meu olhar havia sido modificado com a experiência anterior, e percebi que a Alfabetização Cultural seria uma oportunidade não só de fruição da arte, mas também um espaço para unir arte, reflexão, cidadania, o individual, o comunitário, o pessoal e o social. Na época, elegi como imersão artística a exposição Raiz, do artista chinês Ai Weiwei, no CCBB-RJ. Tivemos uma aula antes da exposição para os estudantes se aproximarem do tema raiz, conhecerem um pouco mais sobre o artista e sobre o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). No dia da exposição foi muito interessante

---

<sup>23</sup> Designer, empreendedora social e idealizadora do Design for Change

perceber como elas interagiam com as obras, os vídeos etc. Esse diálogo se dava a partir das referências de cada uma. Essas referências forravam o chão para a interação com o trabalho do artista.

A leitura dos textos e legendas e as interpretações partiam do que as alunas pensavam sobre o conceito de raiz, e assim faziam suas relações entre a história delas e o contexto do artista em foco, bem como as formas de interpretação e leitura da realidade.

Seguido da visita ao museu, a turma de estudantes fez uma pesquisa sobre seus lugares de origem a fim de lançar um olhar mais atento para as referências e experiências vividas. Foi realizado um mapeamento afetivo dos seus bairros e comunidades, reunindo inúmeros pontos, cantos, pessoas, manifestações artísticas, parte da vida dos estudantes, mas que não eram vistos como história, como algo importante. A partir dessa proposta do tema raiz, houve a percepção de que os estudantes precisavam se aproximar do sentimento de pertencimento dos seus lugares de origem. Essa metodologia de trabalho possibilita uma aproximação com as propostas de cuidado e transformação desses lugares significativos. Essa experiência proporcionou que cada estudante pudesse observar como a visita à exposição, a relação com sua origem e a reflexão sobre a experiência proporcionaram conhecimento e uma ampliação cultural. A contextualização e preparação para a experiência imersiva, feita antes da visita, a partir da palavra raiz, facilitou muito o trabalho e a experiência. A proposta para a intervenção na Festa da Primavera partiu então dessa imersão. Foi uma nova oportunidade de experimentar a Alfabetização Cultural em uma perspectiva sociocultural realizada pelos estudantes. A partir da perspectiva dos estudantes e seus lugares de origem, as estudantes pisaram o chão do bairro do Humaitá apropriadas da sua cultura, da sua identidade, mostrando a todos os seus seus lugares de referência. Elas trouxeram os seus bairros e / ou

comunidades, apresentados de forma autoral com a produção de pequenos livros artesanais, produzidos pela turma, individualmente, com suas marcas pessoais, para que fossem lidos pelas pessoas que passaram pelo stand do ISEPS onde foi feita a instalação. Foi uma performance dos estudantes, que fizeram seus livros e montaram coletivamente a instalação pendurando os objetos em uma árvore da Rua Humaitá.

Fotografia 19- Livros produzidos pelas estudantes da turma 2018 expostos na Festa da Primavera no Humaitá



Fotografada por Alcineide Cordeiro de Andrade, Rio de Janeiro, 2018

Os livros ficaram pendurados com longos fios de nylon na árvore ao alcance das mãos de todos que passassem e quisessem ler. Dessa forma, os estudantes puderam interagir com os transeuntes, falar da experiência vivida na Alfabetização Cultural em contado com a arte e o mergulho em suas próprias comunidades e culturas. Também puderam

dialogar mais com as pessoas sobre a cidade de um modo geral, nossa forma de interagir com os lugares e suas zonas demarcadas, além da oportunidade de questionar sobre os lugares pouco visitados no subúrbio, na zona norte e na baixada.

Fotografias 20, 21 e 22 - Livros artesanais das estudantes da turma 2018



Fotografadas por Alessandra Barbosa, Alcineide Cordeiro de Andrade e Sueli Barros da Silva , Rio de Janeiro, 2018.

Certamente, sob a influência do Design na Alfabetização Cultural, consegui junto com as estudantes da turma 2018 criar um projeto de fortalecimento da identidade deles, de interação com as pessoas e apresentado na rua. Usamos as aulas para a produção e reflexão desse projeto experimental, mas que inclui etapas de elaboração importantes.

O trabalho realizado em parceria com o Design foi uma grande aula para mim. Meu fazer pedagógico ganhou nova dimensão já que fui me dando

conta da minha prática, de minhas escolhas, do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes e o meu. Eu percebi que a Alfabetização Cultural poderia alcançar camadas mais profundas de transformação, que iam para além da experiência estética nas visitas aos museus e teatros, mas poderia proporcionar um resgate da cultura de cada estudante e por fim, gerar um projeto.

Ao fazer uma breve retrospectiva, posso afirmar que a Alfabetização Cultural foi se modificando ao longo dos anos e das propostas. Observo que anteriormente era mais empírica, experimental, o que por si só já foi de grande impacto na vida das alunas, entretanto, foi ganhando novo contorno e, principalmente, se conectando mais à realidade dos estudantes. Atribuo essa conquista a partir da metodologia que foi sendo aprofundada. Esse novo contorno me impulsionou nessa pesquisa, porque sem dúvida, foi à luz do projeto em parceria com o Design que pude me apropriar dos métodos e desenhar melhor as aulas.

Posso afirmar que me senti com mais liberdade para criar as minhas aulas, a nutrição estética cresceu dentro do meu planejamento, as reflexões escritas das aulas ganharam sentido tanto para mim quanto para os estudantes e o meu planejamento se tornou mais dialógico com o processo e a construção.

Posso citar aqui que a leitura e a escuta dos diferentes grupos de estudantes, as experiências de registro e reflexão sobre a ação e as escolhas dos programas culturais a partir desses movimentos, contribuíram para a Alfabetização Cultural ganhar uma atuação mais próxima do que ela é atualmente, em uma perspectiva de transformação social e de solução de problemas complexos.

## 4.2 Germinar: o projeto e suas etapas

Em 2023, iniciei o trabalho com uma turma nova com a qual realizei a exposição sobre ancestralidade já apresentada aqui no começo da dissertação. informe a página

Miller (1988) nos chama à atenção de que Design não é o produto, mas sim o resultado do processo. O resultado podemos dizer que foi a exposição produzida pela turma e a professora. O processo compreende etapas que podem ser pré-definidas e planejadas, e que se desdobram de forma orgânica.

Estruturei o processo de construção da exposição baseado na experiência vivida ao longo do semestre e com um olhar apurado para a metodologia do trabalho que realizo há algum tempo. Conforme apresentei anteriormente, a Alfabetização Cultural tomou novos contornos a partir das propostas e reflexões de cada ano, mas como um marco, posso afirmar que a parceria com o Design da PUC-Rio deu a ela uma perspectiva ainda mais ampla, já que a flexibilidade do Design permitiu soluções inovadoras.

Apresento abaixo a sistematização dessas etapas que foram organizadas a partir da observação da prática de sala de aula, e fora dela, nos programas culturais e dos movimentos de ensinar e aprender durante o trabalho.

Tabela 03: Etapas da metodologia da Alfabetização cultural; autora: Melissa Lamego

Etapas:	Objetivos:
1. Sensibilização	Preparar o ambiente de aprendizagem a partir de outras linguagens para a

	apresentação dos temas e conceitos previstos; conhecer os contextos, os estudantes;
2. Imersão artística	Proporcionar aulas extramuros, com a escolha de programas culturais para compor as aulas; ampliar o olhar dos estudantes; relacionar aos conteúdos suscitados na sensibilização; Refletir na ação;
3. Resgate e reconhecimento	Relacionar os conteúdos e conceitos experimentados nas propostas de programas culturais com a história e cultura do estudante; Resgatar sua memória e se reconhecer nos conteúdos elencados nas aulas;
4. Fazer ou ação cultural	Criar oportunidades para que os estudantes experimentem o fazer cultural; Despertar a ideia de professor-artista nos estudantes; Produzir algo que rerepresente a aprendizagem da turma como uma mostra, um livro, um espetáculo etc.
5. Reflexão sobre a ação	Refletir sobre o fazer cultural a partir de todo esse processo vivido; Relacionar as etapas com o pensamento; Pensar sobre a ação; Registrar a experiência e a aprendizagem com textos autorais;
6. Ampliação cultural	Expandir o aprendizado para os outros espaços dos estudantes: família, comunidade; Aplicar a experiência e o aprendizado em seus outros ambientes; Transformar a experiência em benefício

	social; Propor novos movimentos e ações dos estudantes;
--	---

Quero trazer aqui esta etapa de sensibilização que é essencial para dar início ao primeiro movimento de conhecer os estudantes, seus contextos e assim começar a pensar na série de atividades que serão encaminhadas posteriormente. Além de se aproximar dos estudantes, a etapa de sensibilização pode incluir recursos, multimídia ou não, que ajudam a nutrir esteticamente o começo da aula, marcando o lugar da arte, da sensibilidade, da fruição e do pensamento em sala.

Como forma de exemplificar, no primeiro dia de aula com a turma 2023, no semestre que fizemos a exposição, optei por uma atividade para o momento da chamada pedindo que cada estudante anotasse em seus cadernos tudo que viesse à cabeça sobre a palavra arte. Dei alguns minutos para que registrassem suas anotações e depois compartilhamos tudo em voz alta. Essa atividade foi importante para fazer a escuta do grupo, considerando a visão individual que cada estudante tem sobre arte e dessa forma eu poder caminhar no planejamento desse começo de curso, além de dar o tom democrático da aula que abre espaço para que as pessoas construam a aula juntos, trazendo seu pensamento e seu saber para aquele espaço de aprendizagem. Todos foram ouvidos em suas impressões sobre a arte, revelando sobre as suas experiências com a arte, contaram como foi esse contato, em que período eles têm mais lembranças, e também qual a visão conceitual que cada um tem sobre arte. Ao fazer uma conexão entre a escolha metodológica dessa forma de ensinar e o pensamento projetual do Design, que reconhece e valoriza os contextos e os sujeitos, penso que esta etapa foi essencial para ajudar a conhecer os estudantes da turma 2023, e também suas histórias , contribuindo assim para uma espécie de anamnese.

As contribuições dos estudantes foram diversas e a coleta dessas impressões orientaram o planejamento seguinte das aulas, anunciando os conteúdos. No ato, em que a aula acontece e as respostas chegam, o professor precisa organizar o conteúdo e fazer uma devolutiva também no ato. Quando uma proposta é lançada, o professor precisa ter em mente que aqui terá desdobramento. Com esta atividade, fizemos um quadro na lousa com critérios de classificação que definimos colaborativamente, a partir da reflexão do material coletado do grupo.

Schön (2000) propõe que o educador reflita na ação - reflexão na ação - em sala de aula, quando o professor lê a reação dos estudantes, modifica a atividade em tempo real, a fim de gerar um ajuste no aprendizado. A reflexão sobre a ação ocorre após a aula, quando o professor e os estudantes escrevem sua síntese reflexiva sobre o vivido.

Schön (2000, p.34) diz que “momentos de reflexão-na-ação raramente são tão claros”, mas esboça uma sequência entre os movimentos de conhecer-na-ação e refletir-na-ação. De início, há uma situação de ação, pensada a partir da nossa compreensão do que nos passa, de forma mais espontânea, rotineira, sem consciência. Surge então um problema, algo que acontece que foge ao conhecido, foge a essa ideia de conhecer-na-ação. Mas, essa situação nos chama atenção. Esse problema leva à reflexão ainda que de forma difícil de nomear, mas que formula algumas questões.

O pensamento se volta para o fenômeno e para a função de reflexão-na-ação, que já questiona o conhecer-na-ação, não sendo mais suficiente essa situação inicial e sendo possível formular novas ações, explorando novos fenômenos para melhor. Na reflexão sobre a ação, a experiência se dá na perspectiva de partir de algo conhecido. Algo que o sujeito identifica, é provocado por intervenções e perguntas até refletir sobre esse processo,

A reflexão na ação é essa habilidade a ser desenvolvida no professor pois ela está implicada diretamente no processo, no que está acontecendo na aula, os desafios que se mostram, sejam eles complexos ou não.

Esse exercício de fazer um diagnóstico do grupo, é algo que procuro fazer com todas as turmas, no início do curso, pois quero lidar com os dados reais de entendimento dos estudantes. Essa coleta reflete bem a forma como eles entendem a arte, relacionando-a à cultura, e também dão pistas sobre qual visão eles têm de cultura.

Abaixo segue o quadro<sup>24</sup> com as respostas dadas pelos estudantes durante a chamada e já classificados em dois critérios que criamos juntos:

Tabela 04 – Sistematização da atividade da chamada, 2023 ; autora Melissa Lamego

<b>conceito de arte</b>	<b>linguagens da arte</b>
criatividade	desenhos e pinturas
provocação	música e dança
felicidade	pintura
cultura e história	teatro
Criança, museu, teatro, cultura, música, natureza	figuras, desenhos
peessoas	dobraduras
minha professora de teatro	quadros
aprendizado e outra forma de obter conhecimento	escultura
maneira de se expressar;	Monalisa

<sup>24</sup> O registro das respostas foi possível com a colaboração da observadora da aula no dia, Victoria Nunes.

conceito de arte	linguagens da arte
museu e exposição	Portinari
cultura, lazer e entretenimento	-
bagunça	-
cor	-
só a arte salva, sem a arte não tem salvação penso em tudo que é criativo	-
inspirar, criar e criatividade, animação e verdade	-

A construção do quadro se deu de forma intuitiva, fomos observando a natureza das respostas e pela análise do material, dividimos em dois grupos: conceito de arte e linguagens da arte. Essa classificação funcionou como um exercício de elaboração do pensamento a partir das contribuições dos estudantes, dando a eles a ideia de processo de construção da aula. Destaquei o valor da escuta e da participação coletiva, mencionando que o exercício de pensar e refletir a partir das contribuições de cada estudante, revelaram o contexto de cada um.

A importância da frequência e constância nas aulas, a participação e engajamento são de extrema importância pois as informações dependem do estudante que está presente em aula. O processo colaborativo se dá à medida que os participantes presentes contribuem com sua escuta, com sua devolutiva, seu texto, sua reflexão. Somente o estudante que esteve em aula participou e viveu o processo. Podemos dizer que esse é um ponto importante da experiência de aprendizado. Uma aula que é construída colaborativamente e que valoriza o processo se torna uma experiência para aquele grupo.

Após um debate sobre as percepções e impressões, uma estudante da turma trouxe uma pergunta: seria a arte uma outra forma de obter conhecimento? Coloquei a pergunta como uma provocação para refletirmos no decorrer de nosso curso, e reforcei que a formulação de perguntas é um ponto importante nas nossas aulas. Pedi que observassem as perguntas dos colegas e professores e também as perguntas que surgem ao realizarem as leituras sugeridas. Acredito que toda aula deve, ao final, nos deixar perguntas para refletir. Provocar o pensamento a partir dos conteúdos apresentados e das trocas feitas entre todos.

O teatro foi mencionado algumas vezes como arte nesse exercício. Entendi a importância de planejar a ida a uma peça de teatro como primeiro programa cultural para a turma. Ao anunciar esta previsão, houve uma comemoração pelos estudantes.

O desenho foi outro tópico destacado como arte, refletindo bem o universo dos estudantes, professores de Educação Infantil. O desenho, sem dúvida, faz parte do contexto profissional dos estudantes, presente no cotidiano infantil, e o fato do desenho ser entendido como arte, facilita a reflexão sobre a prática deles em sala de aula. Ver o desenho como arte possibilita a relação do desenho infantil feito pelas crianças no cotidiano escolar ganhar uma outra perspectiva. Essa relação é fomentada pelas experiências nos programas culturais que são propostas ao longo do curso.

Como já apresentado no capítulo anterior, o momento da chamada tem uma função importante, a de convocar o grupo, mas neste semestre passou a ser uma atividade de sensibilização do tema Ancestralidade e possibilitar novos entendimentos da palavra. A chamada então passou a ser uma pré-sensibilização.

A etapa de sensibilização busca despertar o interesse dos estudantes para os temas que serão abordados ao longo da aula, considerando os saberes que ele já traz. A ideia é provocar reflexões e estimular a curiosidade em relação ao conteúdo.

Para esta aula escolhi como sensibilização o vídeo do XIII Prêmio Arte da Escola Cidadã<sup>25</sup>, que conta a experiência da professora Maria da Paz Melo, docente da Escola Municipal Valéria Junqueira Paduan, localizada no município de Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais.

O vídeo é profundamente instigante pois ele vai nos apresentar uma professora de artes, que nunca esteve em um museu, e com pouquíssimos recursos, parece ter como missão encantar esteticamente e sensivelmente os alunos de uma escola rural de Minas Gerais. Visivelmente com recursos limitados, em uma escola bastante simples, a professora Maria da Paz se mostra empenhada na classe de crianças de Ensino Fundamental I, para que acessem um universo artístico e cultural na sala e no pátio da escola, colocando-as em contato com diferentes obras de arte, em uma televisão antiga, ainda de tubo, com recursos básicos. A proposta de Maria da Paz impressiona pela resiliência da educadora, metodologia das aulas e pleno engajamento das crianças com as atividades. A partir da atividade, recebi uma lista de palavras ditas pelas estudantes sobre o vídeo: criatividade, liberdade, memória, criar, símbolo, grafia, signo e símbolo, criança curiosa, interesse, forma de se expressar, todos são capazes de criar, admirar o belo, brilhar, minimalista, inspirar, expressão, dentre outras.

Nosso papel enquanto educadores é buscar reduzir a distância entre o conhecimento prévio do estudante e aquilo que ele irá aprender, facilitando sua compreensão dos novos conteúdos. Ao sensibilizá-lo,

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3lqw-R0ire8>. Acesso em: 2023.

permitimos que ele avance do seu nível atual de desenvolvimento para seu potencial mais alto.

O vídeo da professora Maria da Paz aborda na simplicidade na construção das aulas dessa professora, uma grande riqueza estética e poética, além de exibir um grupo de crianças entrando em contato com os conteúdos da arte, num encantamento envolvente, criativo e carregado de significados. É um convite a refletir sobre os movimentos de ensinar e aprender, na perspectiva tanto da professora quanto do aluno, num espaço de aprendizagem mediado pela arte com poucos recursos e, como se fosse um primeiro contato para sensibilizar os envolvidos nas atividades.

O vídeo comove, instiga e dispara elementos importantes para quem está aterrissando em um curso que vai considerar a formação cultural do docente, que pretende provocar os estudantes sobre as práticas de sala de aula, tendo a arte como recurso de reflexão sobre formas de estar no mundo, e de expressão em variados contextos sociais. A professora ao dizer “eu nunca entrei em um museu”, dispara em nós a ideia de que ensinar e aprender caminham juntos, sem nunca ter aprendido nada em um museu, pois nunca foi a um, a professora Maria da Paz busca aproximar seus alunos dessa experiência através dos métodos que adota em suas aulas, com livros de arte, televisão etc. Foi olhando para si mesma que ela conseguiu criar sua prática.

O vídeo possibilitou propor um exercício de imersão nas memórias das estudantes com a arte, com programas culturais e referências que elas tinham registradas nas suas lembranças da infância ou juventude. Desta forma, foi possível reunir o conhecimento prévio dos estudantes para o desenvolvimento do projeto do semestre e levá-los a perceber que as memórias também serão conteúdo para as aulas.

O resgate das histórias de cada uma, das lembranças registradas sobre os teatros que foram na infância, os passeios com a família, os museus visitados, os parques, as praças e as festas de aniversário foram revelados num discurso interativo, à medida em que cada uma falava, acendia a memória das colegas, enchendo a sala de aula de memórias significativas e dar espaço para o que até então parecia não ter importância no espaço acadêmico de formação. O terreno ia sendo preparado para a etapa seguinte: resgate e reconhecimento.

Em uma aula, no mês de maio de 2023, eu tive a intenção de ampliar a ideia de exposição dos estudantes e mostrar à turma um exemplo de uma mostra, desde a sua construção, com depoimentos de curadores, com o making of, como forma de enriquecer o projeto que eles iriam desenvolver. Para isso exibimos em aula, como nutrição estética, o vídeo<sup>26</sup> da exposição *Nhe'e Porã: memória e transformação*, que aconteceu no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. A exposição *Nhe'e Porã*, criada em um cenário de floresta, no qual as árvores representavam as inúmeras famílias linguísticas às quais pertencem as línguas faladas pelos povos indígenas brasileiros, apresenta formas de expressão e compreensão da experiência linguística dos seres humanos. Além da estética, o vídeo aborda conteúdos muito semelhantes aos que os estudantes da turma de formação de professores vinham discutindo nas aulas: memória, identidade e ancestralidade. No vídeo também é possível assistir depoimentos da curadora da exposição, Daiara Tukano e das diretoras do Museu da Língua Portuguesa. Dessa forma, surge também um conhecimento novo para a turma: toda exposição tem uma curadoria.

Pesquisar um conteúdo para a nutrição estética é bastante desafiador, porque não trago algo sem conexão com o conteúdo central e objetivo da aula. A pesquisa para a nutrição estética que o professor pretende inserir

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VV7m3e8aVSE>. Acesso em 2023.

na aula é muito importante, pois deve-se buscar um diálogo com a turma, com os saberes desse grupo e relacionar com os objetivos da aula em si, como foi mostrado no vídeo acima. O material de nutrição estética deve contribuir para a ampliação de repertório dos estudantes, dando a elas a concretude do processo criativo. E também dar aos estudantes a oportunidade de experimentar, de forma inventiva, a produção artística de uma exposição.

As atividades na Alfabetização Cultural são uma possibilidade de socialização e valorização das referências que cada um tem, apresentado a partir das crenças e heranças, de cada um, em contato com o outro. O programa busca reconhecer o saber legítimo de cada estudante, em uma perspectiva social, que busca promover pensamento crítico e aprendizado relevante, atentos aos contextos socioculturais de cada um, como vimos nos registros reflexivos escritos pelas estudantes.

Hirsch Jr. (1987) vai nos dizer que todos os cidadãos precisam compartilhar um conjunto de referências culturais para poderem participar plenamente da sociedade, no que ele chama de conhecimento cultural compartilhado. Eu diria que o movimento de refletir coletivamente leva a socialização das referências de cada um, num exercício de reconhecimento e identificação.

A Alfabetização Cultural acontece na interação de práticas discursivas, a partir das experiências proporcionadas nas aulas e nos programas culturais, em diálogo com os registros que os estudantes têm em si sobre como a cultura é sentida e está representada para cada um, considerando o valor de cada narrativa na compreensão do próprio conceito de cultura. A forma como nos relacionamos no mundo nos leva a refletir e dedicar uma atenção à nossa história, as mudanças que vivemos. Esse movimento pode nos levar a compreender melhor que nossa identidade é um processo contínuo e dinâmico sempre em transformação.

Ao analisarmos as reflexões escritas das estudantes apresentadas nessa pesquisa, podemos notar um movimento de constituir-se discursivamente na interação como sugere Bucholtz e Hall (2005), numa construção identitária, e que dessa forma, nos leva a pensar como as identidades dos professores são construídas.

O modelo sociocultural de Bucholtz e Hall (2005), pode ser usado para pensarmos como a identidade de professores é construída na interação social, ao longo de sua vida, nos espaços que ocupa. A identidade não é a fixa, mas um processo dinâmico que ocorre na interação social, já que o fenômeno da identidade é relacional.

Vejo também a relação dessa abordagem de Bucholtz e Hall (2005) com a atividade de elaboração da exposição pelos estudantes a partir dos registros escritos das estudantes lidos nesta pesquisa.

Acredito que o projeto de Alfabetização Cultural provoque a conscientização de uma construção identitária dos professores em formação, que acontece nas interações e trocas sobre as histórias dos indivíduos e na experiência com as linguagens da arte. A tomada de consciência do que é cultura, do reconhecimento de suas marcas na história de cada estudante acontece na interlocução com os pares, no entrelaçamento das crenças e heranças de cada um, marcas da identidade, ampliando a reflexão a partir dessa experiência.

Cross (2006) discute como o pensamento projetual é um modo específico de conhecimento, influenciado pelo repertório individual e pela experiência. É possível reconhecer este conceito ao percebermos que há essa dinâmica na Alfabetização Cultural. Dessa forma, é preciso considerar os fatores culturais e individuais na criação de um projeto como foi a exposição sobre a ancestralidade, afinal, eles afetam as soluções propostas durante a preparação do trabalho. Além disso, estes mesmos elementos terão forte influência na identidade desse professor

em construção, que recorre aos elementos culturais que ele traz em si para lidar com os desafios complexos que surgem na elaboração de qualquer projeto. Reforço então a importância de se pensar a formação dos professores que considerem abrir espaço para o repertório individual, que crie oportunidades de diálogo entre as diferentes culturas dos estudantes e que se coloque isso em debate, numa perspectiva de entendimento e de alfabetização mútua. Esse movimento e essa visão irão influenciar a prática em sala de aula dos futuros professores.

Outro desafio é problematizar o conceito de criatividade, considerando essas diferentes perspectivas culturais. Torna-se mais desafiador avaliar e analisar uma proposta diante da complexidade cultural presente em uma sala de aula com tantos estudantes. Ao propor uma exposição sobre ancestralidade, é necessário considerar as diferenças existentes no grupo, de forma a contemplar os indivíduos na coletividade. O Design pode nos auxiliar a pensar que preparar uma exposição com os estudantes não é apenas uma atividade técnica, mas sim uma forma de comunicação que considera a bagagem cultural e as vivências de todos os envolvidos (Krippendorff, 2006).

Durante a construção do projeto tivemos a chance de vivenciar o Design em parceria<sup>27</sup> se pensarmos que a exposição contou com muitos protagonistas: a professora, os estudantes e seus familiares. A curadoria do acervo pessoal, as conversas familiares durante a organização desse material, os encaminhamentos da professora e a reflexão e a ação dos estudantes foram reunidos para construir o projeto. Destaca-se então o processo colaborativo que valoriza a diversidade de perspectivas e experiências dos envolvidos, transformando o projeto da exposição em

---

<sup>27</sup> O Design em Parceria caracteriza-se por fazer com, ao contrário de fazer por ou para as pessoas e, também, pela convivência entre designers e futuros usuários ao longo do processo de desenvolvimento de produtos. Nesta dinâmica, cada participante influencia e é influenciado pela experiência e pelo ponto de vista dos outros participantes. [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10346/10346\\_5.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10346/10346_5.PDF)

uma experiência coletiva, numa dinâmica participativa que possibilita uma co-criação. A exposição sobre ancestralidade nasceu do encontro entre todos, exemplificando que o Design não é apenas sobre funcionalidade e produto, mas também sobre narrativas e significados compartilhados. A escolha dos procedimentos não teve um critério rígido, mas considerou a escuta, num processo afetivo e colaborativo, onde a professora tem o papel de facilitador na exposição desses objetos e dessas histórias dialogando entre si, enfatizando o sentido humano e relacional do Design.

#### **4.3 As imersões culturais: Pormenor de ausência e Um defeito de cor**

Todo semestre na Alfabetização Cultural cabe a mim, como professora da atividade, escolher dois a três programas culturais para realizar com a turma, como parte do currículo da atividade extensionista. Nem sempre é uma tarefa simples, porém percebo que com o amadurecimento do trabalho e a reflexão sobre a minha ação docente, as escolhas vêm sendo aprimoradas e tem sido uma constante pesquisa de algo significativo e que possa promover boas discussões em sala. Nesta etapa que nós vamos chamar de imersão, os estudantes saem do Instituto Pró-Saber para ter contato com as diferentes linguagens da arte, a partir de visitas a museus, exposições, peças de teatro, espetáculos de dança, concertos, cinemas etc.

Os dois programas culturais realizados no primeiro semestre do curso com a turma 2023 foram, respectivamente, o monólogo "Pormenor de ausência" sobre a vida e obra de Guimarães Rosa, no Teatro Café Pequeno, escrito por Lívia Baião (2020), e a exposição Um defeito de cor, no Museu de Arte do Rio, uma interpretação do livro de mesmo nome da escritora Ana Maria Gonçalves, com curadoria de Amanda Bonan, Marcelo Campos e da própria escritora.

Célestin Freinet acredita que o interesse dos alunos estava mais voltado para o que ocorria fora da escola do que dentro da escola. (Costa, 2006, p. 27). Dessa forma, o autor utiliza como uma de suas técnicas pedagógicas a “aula-passeio” que tem a finalidade de buscar motivações extra escolares no processo de ensino-aprendizagem. Ele defendia a integração de atividades culturais externas ao ambiente de aprendizagem, nos quais os estudantes poderiam realizar novas descobertas, se expressar livremente, numa necessidade de conectar a educação formal com o ambiente cultural e social externo. A proposta no curso do ISEPS é promover essas atividades extramuros com estudantes do Ensino Superior, como parte das aulas da grade curricular. A escolha dos programas culturais para a turma da Alfabetização Cultural é uma tarefa que exige uma pesquisa atenta da dinâmica do grupo de estudantes. É a etapa seguinte a sensibilização, de onde emergem as percepções que os estudantes revelam sobre como veem a arte e entendem a cultura. Também é importante avaliar as linguagens mais adequadas para aquele momento do grupo, de forma a aproximá-las dos estudantes.

Os programas culturais são parte fundamental das aulas com o objetivo de nutrir esteticamente o grupo, remexer as memórias, instigar a curiosidade dos estudantes e ampliar o repertório deles. São muitas novidades a cada programa cultural, que causam sentimentos variados, que vão do encantamento ao estranhamento. O que nos interessa é que a experiência proporcione debates e reflexões, além de conhecer a cidade em que todos vivem a partir de uma outra perspectiva, a de desbravar o espaço público, entendendo essa cidade como um território que possui história, cultura e lazer que precisa ser explorado, mapeado e frequentado.

No semestre 2023.1, no qual culminou com a exposição apresentada no capítulo 2, a turma teve início às saídas com a ida ao teatro para assistir a

peça "Pormenor de Ausência", sobre o escritor Guimarães Rosa, no Café Pequeno, bairro do Leblon.

Fotografia 23 - Estudantes da Turma 2023 com a professora no Teatro Café Pequeno, no Leblon



Autor desconhecido, Rio de Janeiro, 2023

O texto da peça é de Livia Baião, e a encenação ficou a cargo do ator Giuseppe Oristânio. O objetivo foi aproximar os estudantes da linguagem teatral, de forma a provocar um impacto, um encantamento e uma reflexão sobre o personagem Guimarães Rosa e sua humanização no palco, com desejos e conflitos. A escolha da peça de teatro, considerou a importante referência literária na vasta cultura brasileira, por ser biográfica, possibilitando que os estudantes fossem provocados na ideia de mergulho em si, no exercício de se verem, se reconhecerem no outro, reconhecerem seus medos e coragens, mediados pelo diálogo entre o personagem apresentado no palco e o próprio estudante.

O primeiro programa cultural para o semestre não poderia ter sido mais adequado, já que começamos com a biografia de um célebre escritor da Literatura Brasileira, com uma extensa obra conhecida mundialmente. Abaixo podemos ler um trecho do registro reflexivo da estudante Dulcilene da Silva, que nos evidencia a etapa que chamamos de resgate

e reconhecimento, na qual a estudante resgata a própria memória e se reconhece na peça de teatro, ao se ver no lado humano de Guimarães Rosa personificado no palco:

*Neste dia de teatro, descobri quase tudo, ou um pouco de tudo, sobre a vida de Guimarães Rosa, que além de ser um belo escritor, poeta que era fascinado pela Academia de Letras, quando foi indicado não aceitou pois tinha um certo mistério de que se ele aceitasse iria morrer e, depois de esperar quatro anos, finalmente aceitou e morreu três dias depois. [...] Saber disso me impactou bastante. [...] Retomar a ida ao teatro nessa altura da minha vida foi maravilhoso, pois já tinha muito tempo que não entrava em um teatro acompanhada de professores e colegas, isso me remeteu aos meus tempos de menina na escola. (Silva, 2023).<sup>28</sup>*

Na reflexão escrita da aluna Dulcilene da Silva, entregue na aula pós-teatro, podemos perceber também a abordagem de algumas emoções vividas por ela, atravessadas pela experiência da peça teatral. A descoberta do outro, sua história, seu lado humanizado apesar de ser uma figura mítica da literatura para ela, o impacto da estudante ao pensar sobre esse homem que parecia prever sua morte, além das memórias e lembranças suscitadas no dia a partir da experiência de ir ao teatro com as colegas de turma e as professoras da faculdade, algo que parecia pertencer apenas aos tempos da escola, como relatado no seu texto.

Percebe-se que os sentimentos vão se descortinando quase que em camadas de alguém que vai se percebendo sujeito consciente da interação que faz ao longo da peça, com variadas percepções de si, do outro, da história, do sentimento, do tempo e do espaço. A estudante vai construindo uma identidade à medida em que percebe na interação e na relação com o texto do ator algum mistério vai se mostrando para ela.

---

<sup>28</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

Como se uma identidade nova estivesse sendo construída a partir daquela experiência, na interação com o ator, o texto etc.

A ida ao Teatro Café Pequeno foi marcante para o grupo, pois além da experiência estética de assistir a peça, ainda participamos de um bate-papo entre as estudantes, o ator e a escritora da peça. Várias estudantes interagiram com perguntas, colocações e curiosidades. Uma experiência de estreitamento com o palco bastante significativa e marcante.

Para ampliar essa etapa de resgate e reconhecimento, propus um roteiro para ajudar os estudantes na observação e registro escrito da experiência vivida no teatro. Percebo que nos primeiros programas culturais que são propostos, o roteiro da observação sempre facilita a reflexão sobre a experiência. É um recurso bastante relevante. Abaixo apresento o roteiro proposto:

1. Descobertas feitas sobre Guimarães Rosa;
2. Palavras que lhe causaram estranhamento ou curiosidade no texto;
3. A experiência de ir ao teatro com as colegas;
4. Pontos que chamaram a sua atenção.

O roteiro tem a função de orientador da experiência, um recurso que foca nos pontos que tenho interesse na aula, mas sem deixar de abrir para outros pontos percebidos pelos estudantes. Além desse objetivo, o roteiro marca o lugar da reflexão-na-ação, confirmando a sua importância para o processo de aprendizagem dos estudantes e do professor, uma vez que irá ler todos os registros escritos.

O item número (1) do roteiro, tem como objetivo guiar os estudantes para observar elementos sobre o personagem visíveis no teatro, como suas inquietações, ansiedades, desejos, medos, expectativas (lado humano) e de alguma forma notar alguma identificação com o próprio estudante. Há

um reconhecimento dos elementos humanos presentes no personagem que se relacionam com o estudante. Abaixo um registro escrito da estudante Sheila Alves em relação ao personagem de Guimarães Rosa<sup>29</sup> que pode explicar bem esse reconhecimento que a estudante faz com o personagem da peça:

*Descobri que apesar de ser muito inteligente e intelectual, ele tinha suas inseguranças como todos. Temos a mania de idealizarmos que quando alguém alcança cargos de poder, os medos e os problemas passam a não existir. A peça relata que Guimarães Rosa adiou a posse por 4 anos, por medo e por não conseguir se projetar além da posse. Compreendo a importância de sempre sonhar e buscar caminhos que te levem até eles, pois o ser humano precisa ter objetivos, pois são eles que nos mantêm vivos. (Alves, 2023).<sup>30</sup>*

No ponto número 2 do roteiro, o objetivo foi captar do estudante as palavras que chamaram atenção. Uma característica do escritor Guimarães Rosa, o vocabulário interessante que aparece durante toda a peça com palavras como Evanira, que deixou grande parte da turma curiosa para saber o que significava. Essa palavra provocou uma pesquisa coletiva sobre nosso idioma e todas as suas nuances e influências, características culturais na forma como nos comunicamos nas diversas regiões do país. Chamar à atenção para as palavras faladas ou até mesmo inventadas por Guimarães Rosa provocou uma reflexão sobre essas diversas línguas faladas, sobre memórias, regionais e ancestrais. Também gerou um reconhecimento, uma identificação.

Com o item 3 do roteiro, eu pretendia que os estudantes pudessem entrelaçar a experiência individual com a experiência em grupo, vivida coletivamente, socializando as emoções com a turma, revivendo um pouco essa memória escolar dos passeios com a turma e a professora da

---

<sup>29</sup> João Guimarães Rosa(1908-1967) foi um importante escritor brasileiro, conhecido por renovar a linguagem literária e retratar o sertão em obras como *Grande Sertão: Veredas*.

<sup>30</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

época escolar, uma prática quase inexistente em uma faculdade de formação de professores. Queria chamar a atenção dos estudantes para essa experiência coletiva, uma inovação no processo de aprendizagem que se dá no coletivo, na etapa de imersão em grupo, como possibilidade de ser vivida coletivamente, com os colegas de faculdade, todos professores em formação.

A priori, essas experiências são vividas na família e na fase escolar, raramente entre colegas de faculdade. As experiências culturais podem ser vividas de forma individual, porém são, por natureza, mediadas pela interação e pela relação com o outro, seja pelo grupo de colegas, seja pela interlocução com o artista, seja pela narrativa ou pelo coordenador da atividade.

O item 4 do roteiro, último item, deixo em aberto para que as estudantes possam abordar livremente outros aspectos que tenham chamado à sua atenção e que elas possam incluir em sua síntese reflexiva, a experiência. A etapa de reflexão acontece na sala de aula, com toda turma reunida, no compartilhamento dos registros escritos a partir deste roteiro.

O que está dentro de nós, desde a infância, também deve ganhar um espaço de interlocução na sala de aula, e assim promover esse encontro do que está dentro com o que se apresenta fora. Na etapa de imersão, a escolha dos programas culturais pode ser livre, mas deve estar atenta ao contexto dos estudantes, estar em diálogo constante com eles e em alguma medida, fazer um resgate da memória e identidade cultural de cada um: “São sempre enormes as coisas da infância, as maiores que teremos na vida, eu penso. As mais inesquecíveis. Talvez, as mais sentidas como verdadeiras. Passamos o resto do tempo atrás dessa sensação”. (Madeira, 2021, p. 143)

Deve haver intencionalidade no planejamento, considerando o espaço da sala de aula como um lugar de transformar experiência em conhecimento,

a partir do resgate das vivências, mediados pela reflexão sobre os processos e a análise dos discursos. Esses discursos ao emergir apresentarão crenças e narrativas que conduzirão o processo como um todo. Podemos dizer que a sala de aula é o território de organização da experiência vivida, do presente ou do passado, uma extensão do que se vive fora dela, e não somente o oposto. Em geral, tem-se a noção de que somente a sala de aula vai ensinar como aplicar as experiências acumuladas lá fora, mas podemos inverter, propondo experiências fora dela, para serem debatidas e compartilhadas coletivamente na sala de aula. Trazer o de fora para dentro. E, claro, uma sala de aula assim, é uma forma de elaborar o que acontece dentro e fora de nós, dentro e fora da sala de aula. A atividade extensionista, na perspectiva da Alfabetização Cultural, tem sido essa oportunidade de pensar a prática de sala de aula a partir desse deslocamento entre o fora e o dentro, mediados pelas imersões culturais proporcionadas.

Como segunda proposta de imersão, planejei a visita à exposição no Museu de Arte do Rio (MAR), como o segundo programa cultural do semestre. A turma estava especialmente empolgada com a atividade porque alguns estudantes ainda não conheciam o museu, a grande maioria nunca havia ido à uma exposição e outras já tinham ouvido falar dessa exposição especificamente, mas não tiveram a iniciativa ou oportunidade de visitar. Eu havia entrado em contato previamente para agendar uma visita mediada com um educador do Museu de Arte do Rio (MAR), o que proporcionou uma interação guiada pelo programa educativo do museu.

Fotografia 24 - Estudantes da turma 2023 com o mediador do MAR, na Exposição

Um defeito de Cor



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2023

Fotografia 25 - Estudantes da turma 2023 na Exposição Um defeito de Cor, no MAR



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2023

Acredito na importância da imersão em programas culturais porque os estudantes precisam construir essa ideia de conexão entre o que se fala e pensa nas aulas com o que se vive além dos muros da sala de aula. Essa ideia de relação com o dentro e o fora precisa ser explicitada para os estudantes, desenvolvendo assim outro tipo de foco e atenção no processo de aprendizagem. Pode-se pensar que em uma exposição, os estudantes têm a oportunidade de aprender de forma diferente ao perceber imagens, textos, sentidos etc. Tínhamos uma exposição para preparar e estar no museu seria a melhor forma de nutrir os sentidos dos estudantes.

Pensando na relação da Alfabetização Cultural e o Design, destaco o que Cross (2006) argumenta. Segundo ele, o modo de conhecer do designer, por exemplo, é distinto e envolve habilidades específicas como o

pensamento abduativo, a experimentação e a visualização de soluções antes mesmo da definição completa do problema. O contato com diferentes contextos culturais permite aos estudantes ampliar seu repertório visual, histórico e simbólico, enriquecendo sua capacidade de gerar soluções inovadoras e contextualizadas. A inserção nesses ambientes estimula os estudantes a interpretar, adaptar, criar, pois a experiência cultural os ajuda a enfrentar desafios com mais empatia e profundidade. i

Para Cross (2011), o Design é uma disciplina baseada na ação, onde aprender fazendo é essencial para desenvolver habilidades projetuais e enfatiza que a vivência cultural pode fortalecer novas formas de expressão.

A visita ao Museu de Arte do Rio (MAR) foi previamente agendada, e teve um mediador do museu acompanhando o grupo. A mediação teve início ainda na calçada, em frente ao museu, com provocações do educador em suas observações sobre o espaço, a praça Mauá e a transformação daquele lugar pelo poder público para abrigar dois grandes museus, o Museu de Arte do Rio e Museu do Amanhã, levando os estudantes a refletirem sobre o território ao redor, sua história e a presença deles ali naquele local. Isso já marca uma mudança de paradigma de que a visita ao museu não começa dentro do museu, mas pode provocar o visitante a refletir sobre história e pertencimento.

O mediador mencionou a importância que tem essa região que abriga os três museus, falou do peso histórico, da localização ao lado da Pequena África, forte referência para a compreensão da história das ruas do centro do Rio de Janeiro numa visão decolonial. Ele também mencionou a importância dos museus locais que democratizaram a ideia antiga que se tem de museu, tanto na curadoria, quanto na dinâmica de visitação. O Museu de Arte do Rio (MAR) é um museu com uma proposta de

investigação social e artística da nossa cidade e em suas exposições sempre há elementos que nos chegam, de forma a convidar a perceber a forma como se dá interação e a experimentação.

A exposição *Um defeito de cor*<sup>31</sup>, inspirada no livro de mesmo nome, da escritora Ana Maria Gonçalves, e já no início nos convoca com palavras desenhadas no chão da entrada. Sua estrutura contempla os dez capítulos do romance da autora e provoca o visitante a refletir sobre a escravidão, a diáspora, a herança africana e a ancestralidade.

O mediador do museu faz sempre muitas perguntas às alunas, e me parece interessante trazer essa observação aqui para pensarmos de que forma se dá essa aproximação com os conteúdos da arte, do museu e da cultura que deve ser sempre dialógica. Ela não acontece apenas no contato direto com as obras, mas ela deve partir da observação, do estranhamento, das perguntas que se faz, do encantamento, do espaço e de como o corpo interage com aquele lugar. Sempre considerei isso nas diversas visitas que realizei com as turmas. É um momento de exploração dos sentidos, das percepções, das histórias que chegam junto com os estudantes, as identidades e culturas. O mediador quer saber quem estava ali pela 1ª vez no museu, ao que alguns estudantes levantam as mãos. Em seguida, fez nova pergunta: "Por que uma professora vai ao museu?". A pergunta instiga os estudantes e dialoga com os objetivos do projeto Alfabetização Cultural. As respostas se concentraram nos eixos abaixo:

- para ter mais conhecimento;
- pelo interesse;
- explorar mais a arte;

---

<sup>31</sup> Uma revisão historiográfica da escravidão abordando lutas, contextos sociais e culturais do século XIX. *Um Defeito de Cor*, a exposição principal do MAR é uma interpretação do livro de mesmo nome da escritora mineira Ana Maria Gonçalves, que conta a saga de uma mulher africana, chamada Kehinde, que, no Brasil, precisa lutar por sua liberdade e reconstruir sua vida. Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/um-defeito-de-cor/>. Acesso em: 2023.

- para pensar;
- conhecer outras culturas;

Em seguida, o mediador complementa com uma nova pergunta que deixou no ar, sem preocupação com as respostas: "História, arte e memória só se encontram em museu?" Achei interessante a forma de conduzir a visita, pois em sala de aula, eu também instigo os estudantes com perguntas que os levam a entender o processo ensino-aprendizagem como dialógico, com base no pensamento. Devemos estar mais atentos às perguntas que fazemos do que às respostas propriamente ditas. O grupo estava muito curioso e me olhou em alguns momentos como se percebesse a consonância dessa prática como a mesma de sala de aula. Solicitei que os estudantes escrevessem um registro reflexivo a ser entregue na próxima aula, a partir do seguinte roteiro:

- Quais perguntas eu me fiz?
- Quais informações mais flecharam meu coração?
- Quais imagens mais me chamaram à atenção?
- Quais relações eu fiz entre a exposição e as aulas?
- Quais ideias eu tive para a nossa exposição no ISEPS?

Os estudantes interagiram, perguntavam e se deslumbravam com o espaço do museu. O interessante também foi ver que muitas ideias para a nossa exposição foram surgindo, todas estavam com a cabeça nisso e tentando buscar referências estéticas que pudessem dialogar com suas ideias. Em muitos momentos, o grupo me solicitou para falar das coisas que chamavam à atenção, mostrar algo curioso e do que já estavam pensando para fazer na exposição da turma no Pró- Saber. Foi uma visita importante, com conteúdos tão fortes e significativos que conseguiu envolver todos as estudantes. Percebi que elas buscavam referências estéticas, percebiam que havia uma narrativa na mostra, se atentaram para as legendas e textos exibidos para conduzir o visitante. Abaixo uma

reflexão escrita da estudante Fernanda Oliveira, sobre a visita ao Museu de Arte do Rio já entrelaçando as percepções da mostra Um defeito de cor, as memórias da infância e os vislumbres da exposição que faríamos em seguida :

*Viagem no tempo,tempo da ancestralidade, que deu início no museu MAR com a exposição um Defeito de cor,quem diria que de lá surgiria a ideia da nossa exposição,que me fez fazer mais do que uma volta ao passado,um mergulho,alí começava a busca da minha história, história dos meus ancestrais,um processo que eu e todas nós da turma 2023 passamos pelo processo de ir de encontro ao passado, reviver fatos,fotos,comidas,falas, relíquias que fizeram vir à tona,aquele gostinho de goiaba que comia lá em cima do pé na casa de minha avó,a lembrança de ser chamada de "Nigrinha do pai" o meu pai,que saudade de você, saudade que faz o peito ficar apertadinho,a emoção nó na garganta na hora de gravar o áudio com nome dos meus ancestrais,gritar em forma de expressão nome e sobrenome, alí estava Bahia,Minas,Campos, há tantas idas e vindas para contar minha história, história vivida, história marcada,carregada de tantas outras histórias, há como queria que seu Antônio e Dona Onofra estivessem de corpo presente naquela manhã de sábado ensolarado,meu coração ❤️ batia em um compasso que quase saiu na boca,batia tão rápido, disparado de alegria em ver minha mãe,minhas filhas estavam lá, um pedaço e a continuação da minha história juntas, a minha mãe se vendo alí,a sua história tão escondida estava sendo contada quem diria .Me chamo Fernanda Cristina Tavares de Oliveira" filha" de Antônio Carlos de Oliveira e Orenita Tavares de Oliveira . Nomes gravados na minha história e história das minhas filhas. (Oliveira, 2023).<sup>32</sup>*

A Alfabetização Cultural tem em sua ementa objetivos a serem perseguidos ao longo das aulas, mas o principal no meu ponto de vista é proporcionar aos estudantes do curso, uma imersão nas linguagens da arte ao longo dos três anos de curso. Essa imersão por meio de visitas programadas às exposições de arte, aos espetáculos de dança, teatro, cinemas, feiras de cultura, palestras etc. Dessa forma, e naturalmente, os

---

<sup>32</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

impactos e impressões sobre a arte tornam-se o grande tema a ser debatido ao longo das aulas, na interação e na relação com a educação e a formação dos professores, a partir dessas visitas.

Quem é professor, não importa o tempo de magistério, aprende desde muito cedo sobre os elementos que compõem o cenário de uma sala de aula elencados aqui tais como: o planejamento das atividades e seus conteúdos, a dinâmica das aulas, a interação com os estudantes, as influências no ambiente educativo e os acasos que emergem da confluência desses elementos todos. A cada semestre ou ano letivo, além de todas as tarefas próprias do final do período, como avaliação, provas, relatórios etc, precisamos lidar com o fechamento do período letivo com um produto que represente de alguma forma a trajetória percorrida, a avaliação das conquistas, assim como o embrião do planejamento dos passos futuros. Assim foi a exposição dos estudantes.

Tenho observado ao longo da minha experiência que os professores têm uma relação diferente com os términos e os começos, já que esses sempre estão relacionados a ciclos e processos, dentro de um entendimento de etapas, de construção e de reflexão sobre os mesmos.

Quando iniciamos um período letivo, já vislumbramos um pouco do processo a partir do planejamento e também sobre a conclusão, pensando nos objetivos. A tentativa de organização e de coesão são características do ofício. No entanto, também sabemos e consideramos os desvios, os acasos, as surpresas do processo, as trocas e toda criatividade que vai acontecendo no caminho. Isso faz de nossa profissão algo realmente fascinante.

Ao ler cada linha do texto da estudante Fernanda Oliveira, percebo esse processo ali, concretizado em palavras, sentimentos e aprendizagem. Ao planejar a visita à exposição Um defeito de cor, no Museu de Arte do Rio, no Centro do Rio de Janeiro, por mais que estivesse segura da escolha,

do conteúdo, o que acontece entre a exposição e a estudante, sempre será algo inédito e fora do controle do professor. Fernanda foi levada às memórias de infância, com sua saudade, suas referências, seus desejos para o futuro. O contato com a arte provocou um diálogo entre o que está fora e o que está dentro da Fernanda. Não temos como prever o que um encaminhamento da aula, mediado pela arte, vai provocar na estudante.

Como etapa inicial, começar um projeto como esse, é essencial mergulhar na história e experiência que cada estudante tem com a cultura e a arte, enunciadas a partir do resgate das memórias, na interação com todos para uma construção coletiva.

E para pisar nesse chão, é necessário estar atento ao que emerge nas aulas, no compartilhamento das memórias, nas impressões das visitas culturais propostas e, principalmente, na costura habilidosa que deve ser feita pelo professor.

É fundamental partir da bagagem trazida pelos estudantes, mas o alinhamento dessas memórias no coletivo, com a experiência no museu e a reflexão é que teremos base para qualquer projeto caminhar e crescer. É uma escolha metodológica.

Ressignificar o mergulho em si junto com a experiência da arte pode provocar uma reflexão profunda sobre o conceito de cultura, sobre o papel de um professor que olha para a prática de um ângulo muito mais sensível, crítico e amplo.

Partir do resgate e valorização da história de cada estudante é rico nesse trabalho. Ao perceber que é escutado, valorizado em sua cultura, sua origem, ele saberá olhar o outro, com escuta e valorização também de sua cultura, dando à arte um papel importante de mediação nesse processo. Lembro-me do encantamento da estudante Nadya Regina ao

visitar a exposição “Heitor dos Prazeres é o meu nome”, no CCBB / RJ<sup>33</sup> e constatar que ele pintou a favela colorida e com pessoas negras olhando para o alto. Foi arrebatador para a estudante, moradora de favela no Rio de Janeiro, ver essas pinturas do artista carioca que passou a repensar a própria favela e o papel que a arte exerceu sobre ela. Nadya Regina fez um entrelaçamento de suas memórias, sua história, o conhecimento apresentado no museu e que a partir da sua reflexão, provocou uma transformação no sujeito que aprende e que também ensina.

Considerar as histórias de vida como ponto de partida de todo o processo de aprendizagem dos estudantes, com propostas de reflexão a partir da aproximação deles com as diferentes linguagens da arte, e assim ampliar e compreender a experiência, de forma que essa experiência dos estudantes seja sempre a centralidade do trabalho, é um grande desafio da Alfabetização Cultural na formação de professores em serviço.

#### **4.4 Tudo é semente**

Quando decidi que faria uma exposição com a turma 2023, eu tinha em mente o que queria concretizar, mas a construção foi acontecendo na costura do planejamento com a reflexão na ação e a experimentação das ideias. A cada aula, com certo distanciamento da ação, o momento de fazer o registro reflexivo, tanto meu, como professora, quanto dos estudantes, era o que balizava essa ação. Foi na reflexão-na-ação que os elementos, as escolhas e as práticas foram se consolidando, e, em articulação, ganharam sentido e se transformaram em conhecimento para todos.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://cbb.com.br/programacao-digital/visita-guiada-heitor-dos-prazeres-e-meu-nome/>. Acesso em: 2023.

Schön (2000) observou sobre a prática profissional que os profissionais são portadores de um saber profissional que se manifesta no saber fazer. O autor afirma que há uma série de ações que as pessoas realizam espontaneamente, sem saber descrever com precisão como se realizam. Trata-se de compreensões que são interiorizadas, sem que necessariamente o sujeito tenha consciência de seu aprendizado. O autor chama a atenção para o fato de que o conhecimento que surge na ação é utilizado para resolver os problemas relacionados ao seu ofício. Defende a ideia de que existe um conhecimento na ação, um saber que as pessoas constroem quando buscam respostas e descobertas surpreendentes através da criação imediata de novas regras. Sendo assim, Schon compreende que a vida cotidiana de qualquer profissional prático depende do conhecimento tácito que ele mobiliza e elabora durante sua ação. (Santos, 2010, p. 48).<sup>34</sup>

O texto citado acima, é muito inspirador pois ele vem falar do conhecimento que o profissional constrói ao mesmo tempo em que trabalha no seu ofício, na realização de uma série de ações na sua prática. Muitas das vezes são insights e ações que vão sendo testados e incorporados no mesmo momento em que são executados. Schön me inspira a observar em minha prática que o processo de ensino-aprendizagem se dá em dois movimentos, um mais mergulhado (na ação), e um mais distanciado (sobre a ação). Ambos necessários para quem se propõe a ser docente focado nos métodos e processos.

O movimento mergulhado, que Schön (2000) chama de reflexão-na-ação, acontece no ato, requer ferramentas importantes que lidam com o aprendizado que ocorre enquanto fazemos algo, ajustando e aprimorando nossas práticas em tempo real. Essa reflexão não é suficiente, é preciso distanciar-se dela para que haja amadurecimento no momento de reflexão sobre a ação. Nesta etapa, o professor se afasta da prática e reflete sobre o seu ensinar, a interação do grupo com a aula, os conteúdos e conceitos abordados e a aprendizagem dos estudantes através da avaliação.

---

<sup>34</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

O texto em destaque traz uma reflexão que se faz necessária nos cursos de formação de professores, pois enquanto estudantes, eles devem viver o percurso, refletir - na - ação, e que esse conhecimento nem sempre é formalmente pontuado ou exigido. Muitas das vezes, o estudante não se dá conta da capacidade criativa que está sendo investida nessas práticas e menos ainda de parar para refletir sobre elas, seja na busca por soluções para problemas de toda natureza, ou por métodos criativos ou para propostas desafiadoras. Em minha experiência como professora ao longo de todos esses anos, por muitas vezes eu pensei como registrar práticas criativas que os professores têm em suas aulas, pois na ação, eles criam e recriam propostas, estão atentos aos problemas que surgem e inventam soluções enquanto ensinam. Professores fazem Design, sem falar nas ideias que nascem da dinâmica entre estudantes, os conteúdos que ganham outros contornos na aula e os projetos que são ensaiados em meio às reflexões e debates.

Já em outra etapa temos a reflexão sobre a ação que, a meu ver, é mais fácil de identificar, pois muitas vezes é utilizada como etapa de avaliação. Abaixo trago o ponto de vista de uma ex-estudante da turma 2022, Thainá Rocha Gonçalves, de 06 / 05 / 2023, que exemplifica bem esse segundo movimento onde há certo distanciamento da aula. Ela aborda a experiência que teve na exposição da artista plástica Monica Mansur<sup>35</sup>, no Paço Imperial, que foi convidada para a aula posterior à visita, no ISEPS. Percebam o quanto a experiência se estendeu nela, no caso já revelando a reflexão sobre a ação, e para além do lugar de estudante, mas também para o âmbito familiar, a interdisciplinaridade com outras aulas do curso e para sua prática pedagógica na escola onde trabalha. A reflexão sobre a ação se expande em várias outras etapas, provocando a ampliação cultural, que é quando a estudante percebe a experiência da imersão artística reverberando em outros âmbitos de sua vida.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://dasartes.com.br/agenda/monica-mansur-paco-imperial/>

*Bom, desde o dia que fomos ao Paço Imperial tenho refletido sobre algumas questões e algumas inquietações que andam comigo e que acabo conversando com meu marido, amigos etc. Depois do encontro com a Monica Mansur, então. Comprovei e constatei que meus pensamentos iam muito forte pelo que ela trouxe em relação à arte contemporânea. Algo que ficou muito forte para o meu entendimento e que passarei adiante é que não é necessário entender sobre arte para ver arte. “A arte é o mundo. É o nosso dia a dia”, afirma Monica Mansur. A arte está ligada ao nosso corpo todo, aos nossos sentidos. Posso associar o que vejo a um cheiro, por exemplo, a uma memória. Fazer conexões simbólicas junto ao pensamento simbólico, assim como estamos vivenciando nas aulas da Cristina Porto e da Isis Flora. O que falamos e trocamos com nossos colegas de trabalho, amigos de profissão, e não entregar todas as respostas, permitir que as crianças deem sua interpretação sobre as obras exibidas no museu, serviu para mim na exposição “Do contorno das sombras”. O conhecimento é uma construção coletiva. Precisamos sair desse lugar de sabe tudo ou então que não estamos entendendo nada ou fazendo relação com nada. Como já citei acima, hoje, entendo que não é necessário entender sobre arte para ver arte. Temos que estar dispostos a ouvir, entender, conversar e suspender o julgamento sobre as percepções e interpretações infantis. Precisamos sim, estimular a observação atenta, a interpretação, a relação com outras coisas já conhecidas e aguçar a curiosidade. Com o trecho do texto que li em sala e registrei em meu celular, pois achei lindíssimo, me fez refletir e ficar pensando no quanto a arte pode nos dar esperança, nos confortar em momentos de solidão, de angústia e nos ajudar a ver o mundo em duas “partes”: como ele de fato é e como ele pode ser. As aulas de Alfabetização Cultural II têm proporcionado exatamente tudo isso que venho trazendo em minhas reflexões, sínteses, participações em sala etc. A disciplina abre portas para muito mais. Abre espaço para diálogos, indagações, descobertas, memória etc. É um aprendizado que nos faz conviver com a diversidade. (Gonçalves, 2023).<sup>36</sup>*

A estudante faz uma reflexão importante sobre os efeitos que ela vem sentindo em suas aproximações com as linguagens da arte, para além das aulas e de que forma a Alfabetização Cultural afetou sua vida, pessoal e profissional. São impactos evidenciados em sua reflexão escrita.

---

<sup>36</sup> Registro Reflexivo da Aula de Alfabetização Cultural, coordenada pela Professora Melissa Lamego, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no Curso Normal Superior – Licenciatura em Educação infantil

No primeiro capítulo desta pesquisa foi apresentada a exposição sobre ancestralidade criada por uma professora e uma turma de estudantes, a 2023, em formação no Curso Normal Superior, que sentiram-se desafiados a construir uma mostra que fosse consistente, emocionante e significativa e nos cabe refletir sobre a metodologia utilizada para que o grupo conseguisse atingir o objetivo de finalizar a mostra que envolveu pesquisa, reflexão e criação.

Marie Christine Josso, pesquisadora do campo da educação e das narrativas de vida, utiliza esse conceito para destacar a ideia de que o processo de aprendizagem e construção do conhecimento deve contribuir para que os indivíduos se reconheçam como protagonistas de suas próprias trajetórias. Isso implica que o conhecimento não é apenas uma transmissão de conteúdos, mas uma ferramenta para a construção da identidade e da autonomia. Em seus estudos, Josso (2004) enfatiza a importância das narrativas pessoais e das experiências vividas como elementos centrais no processo de aprendizagem do sujeito e todo o processo de aprendizagem será atravessado por esses elementos, interferindo na reflexão que se dá durante a construção do projeto e após.

Isso pode ser lido nos relatos dos estudantes da turma 2023 que fizeram parte do projeto da exposição e que ilustram esses pensamentos. O projeto construído pelas estudantes seria, portanto, um percurso em que o sujeito não apenas entraria em contato com diferentes saberes, mas como alguém que os transforma para a compreensão de si mesmo e do mundo à sua volta. Instituir-se como sujeito significa tomar consciência de sua capacidade de criação, reflexão (na ação e sobre a ação) e transformação social.

A relação entre histórias de vida, formação e pensamento projetual em Design é profunda, pois o Design é uma prática que envolve criatividade, resolução de problemas e interpretação do mundo. O repertório pessoal

de um designer, composto por experiências vividas, educação formal e não-formal, referências culturais e valores, influencia diretamente sua abordagem ao projetar.

Com isso, é importante considerar as experiências pessoais que moldam a forma como uma pessoa percebe problemas e busca soluções. A vivência em diferentes contextos sociais e culturais amplia a sensibilidade para necessidades diversas, favorecendo um design mais inclusivo e inovador, como foi a exposição dos estudantes.

Cross (2006) discute como o pensamento projetual é um modo específico de conhecimento, influenciado pelo repertório individual e pela experiência de cada um. É necessário criar processos únicos de trabalho, de acordo com cada contexto. Abrir um espaço-tempo na faculdade para essa mostra significa proporcionar uma oportunidade de viverem uma experiência que traz em si muitas crenças importantes para a formação das estudantes, como a construção da ideia de que a escola, a creche, a faculdade, reconhecidas como espaços de conhecimento e de aprendizagem, devem valorizar a identidade e trajetória de cada sujeito, incluir a todos no processo e mais ainda, devem abraçar os saberes que reconhecem cada um como um sujeito que tem um pensamento, uma história e conseqüentemente, uma cultura. A experiência é a base para a reflexão e, conseqüentemente, para pensar a ação. Na formação de professores é preciso que se discuta a formação como um período de resgate das identidades, entendendo a trajetória de cada um a fim de criar projetos que considerem esses aspectos como relevantes. Eles irão afetar a forma como os professores criam suas aulas, pensam sobre seus planejamentos e interpretam o mundo.

Para compreender a construção da experiência, Josso (2004) sugere três modalidades de elaboração que vale observarmos: (Josso, 2004, p. 51)

- a. “ter experiências” é viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado.
- b. “fazer experiências” são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências.
- c. “pensar sobre as experiências”, tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (modalidade a), quanto aquelas que nós mesmos criamos (modalidade b).

As modalidades a e b são contextos de interações e de transações conosco, com os outros, com o ambiente natural ou com as coisas. Enquanto que a modalidade c, serão de contextos de pensar as experiências, que na relação com outras experiências da vida, surgem novas significações, novas relações e significados que serviram de enquadramento interpretativo. O entrelaçamento dessas três modalidades poderíamos dizer que se assemelha à proposta da Alfabetização cultural.

O sujeito tem experiências desde seu nascimento, escolhidas ou não, com ele mesmo, com os outros, com o ambiente etc e ele também faz experiências, à medida que ele busca e provoca as situações e, talvez, nos espaços formais de aprendizagem, ele vai pensar sobre essas experiências, tanto as que vivem sem criar quanto as que criam.

Percebo uma relação desses três movimentos na proposta da alfabetização cultural quando as histórias de vida são compartilhadas coletivamente, sejam memórias de experiências culturais na infância ou adolescência, sejam desafios acadêmicos sobre o tema, a experiência de cada estudante se entrelaçam na busca por um sentido.

Ter, fazer e pensar as experiências como propõe Josso, dialogam com o projeto Alfabetização Cultural que irá buscar a convergência dos três movimentos: ter, fazer e pensar nas experiências, resultando em uma

melhor compreensão do conceito de cultura, que está ligado às memórias e, conseqüentemente saberes, que se ampliam com senso crítico somados aos saberes coletivos.

Schön (2000); Josso (2004) compartilham a ideia de que a experiência não é apenas algo que se acumula passivamente, mas um processo dinâmico de construção de conhecimento por meio da reflexão. Josso enfatiza a importância da narrativa e da autobiografia na aprendizagem, sugerindo que compreender e contar nossas próprias experiências nos permite dar sentido ao que vivemos. Schön, por sua vez, introduz o conceito de “reflexão-na-ação”, que destaca como o aprendizado ocorre enquanto fazemos algo, ajustando e aprimorando nossas práticas em tempo real. Assim, ambos reforçam que ter uma experiência não é suficiente, é necessário pensar sobre ela e elaborá-la para que o aprendizado seja significativo, tornando a prática um espaço de constante desenvolvimento e transformação.

Destaco aqui alguns aspectos importantes na feitura dessa mostra que instigam a pensar sobre o processo de preparação do trabalho a partir de uma perspectiva de pensamento projetual de Design: as inspirações das estudantes, as referências estéticas, a curadoria, a escavação da memória, a reflexão-na-ação e sobre a ação durante o processo, as interações e os desafios. Em cada um dos aspectos, percebe-se que esse processo dinâmico de interação nasceu das propostas das aulas preparatórias para a exposição, gerando um produto cultural.

As propostas de imersão artística no Teatro Café Pequeno e no Museu de Arte do Rio, funcionaram como inspirações e referências estéticas para provocar os processos de criação dos estudantes, criar um espaço para compartilhar histórias, memória e cultura, a partir da identidade de cada estudante em diálogo com os eventos culturais. A visita à exposição Um defeito de cor foi também importante para o grupo de estudantes ao ver

uma história, de um livro ser transformada em exposição, foi uma inspiração para que elas também levassem suas vidas para a exposição que fizemos no ISEPS.

A ideia se amplia e se constrói na imersão artística como experiência estética. A história de cada um se tornou conteúdo para servir como base de construção do conhecimento para toda turma dentro dessa experiência coletiva. Tal justificativa pode ser vista na escolha do nome dado à mostra “Quando não souberes para onde, olhe para trás e saiba de onde vens”. Estas linguagens podem ser trazidas para a sala de aula, mas também podem nos tirar da sala de aula, num movimento extramuros proposto pela Alfabetização Cultural, e assim, torná-la mais democrática, mais sensível e de melhor entendimento e diálogo.

Ao aproximarmos as práticas pedagógicas das linguagens da arte e considerarmos os espaços culturais também como salas de aula, possibilitamos que os estudantes abracem o conhecimento como algo possível, como algo que é mais claro de interpretar, sentir, acessar, algo que o estudante sinta que possa dar conta. Podemos pensar que o contato com a arte viabiliza um diálogo com a nossa humanidade, a relação com si mesmo e também com os outros, a história e a percepção que se tem do mundo sendo experimentada com variadas formas de aprendizagem da qual Jackson-Dumont nos fala no trecho destacado acima.

Fotografia 26 - Estudantes reunidas em frente ao MAR



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2023

Fotografia 27 - Estudantes reunidas em frente ao MAR



Acervo pessoal, fotografada por Melissa Lamego, Rio de Janeiro, 2023

Hooks (2020) propõe transformar o espaço de aprendizagem em um lugar

mais democrático e penso que a Alfabetização Cultural tem buscado esse movimento através das imersões. Nesse encontro dos estudantes com as obras e os artistas, inevitavelmente haverá um cruzamento de histórias, referências, narrativas e imaginação que serão acionadas pelo visual da exposição, seus textos, cores e formas. É importante pensar também que os ambientes de aprendizagem devem favorecer e acolher o ato de perguntar. Será que os espaços culturais trazem em si a natureza da pergunta? “Quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa: a de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca”. (Freire, P., 2010, p. 12)

Há algum tempo que um ambiente de aprendizagem não se sustenta mais com seu formato tradicional, emparedado na sala de aula tradicional, conteudista, de narrativa linear, sem troca, sem questões, sem escuta e reconhecimento das histórias de cada um nesse processo. Além disso, é importante pensar em práticas pedagógicas que utilizam outras linguagens para alargar o olhar e, principalmente, sensibilizar esse mesmo olhar para o mundo. Um caminho para tal, pode ser pela arte e mediado pelo ato de perguntar.

É muito comum os estudantes de todas as turmas relatarem com emoção e gratidão a oportunidade de ampliar seu repertório cultural através das propostas vividas durante todos esses anos, pois a maioria deles não tem o hábito de frequentar espaços culturais, inaugurando essa prática a partir desse trabalho. Eu também entrava nesses mesmos lugares pela primeira vez, experimentando junto com minhas alunas esse espaço de conhecimento tão inovador e desafiador para mim como educadora. Vivenciei uma sobreposição do meu lugar de curiosa e aprendiz com o lugar de educadora e testemunha da descoberta dos estudantes.



Acervo pessoal, fotografado por Andre Regis- Rio de Janeiro, 2024

Eu não tinha hábito de ir aos teatros, museus e exposições antes de fazer parte do corpo docente do Instituto Pró-Saber. Tudo isso foi também muito interessante para mim, já que a partir dessa prática além de ir a esses lugares como visitante, eu também passei a ter o desafio de transformar a experiência da visita em conteúdo para as minhas aulas e consequentemente conhecimento para as estudantes.

Fotografia 29 - Autora na Exposição Um defeito de cor



Acervo pessoal, selfie, rio de Janeiro, 2023

Ensinar e aprender como um processo único, caminham lado a lado na construção dessa experiência, num processo de formação e história de vida. Após a imersão, acontece a etapa do resgate e reconhecimento. Os estudantes se veem nas obras, nas manifestações culturais, se reconhecem nas pinturas, nas danças, nos filmes. Essa experiência precisa encontrar um canal de reflexão e diálogo com si mesmo, sua realidade e sua vida.

O professor quando entra em sala, ele traz uma metodologia, um planejamento, mas antes de mais nada, ele traz suas convicções, crenças e sua cultura impregnada. Por essa razão, o professor em formação precisa visitar e revisitar esses lugares em si mesmo, quantas vezes forem necessárias para que ele sinta o processo de reconhecimento de si, que está em constante movimento e em contato com a cultura dos outros. Por

isso, a Alfabetização Cultural se faz tão importante e necessária.

O professor em formação pisa o chão da sala de aula com toda sua história, suas marcas, sua ancestralidade, sua identidade e seus desafios cotidianos ao enfrentar tudo isso. Um professor reflexivo que olha para sua sala de aula e se apropria dela, imprime sua marca nesse fazer diário e laborioso.

A Alfabetização Cultural busca colocar o sujeito que aprende no centro do processo a todo tempo. Não é a arte, o artista ou o museu que estão no centro, é o estudante que se abre a essa experiência, mergulha nos conteúdos, se conecta ao processo e se transforma enquanto pessoa. Gosto de pensar que a arte tem a função de convocar o sujeito a pensar sobre algo que o desequilibra para aprender de um novo lugar. A arte nos ensina um segundo olhar. Dentro de um museu, por exemplo, o estudante vive uma experiência nova, em um ambiente diferente, com uma estética diferente e com tudo isso, vive um impacto que pode ajudá-lo a compreender a si mesmo, ao outro e ao mundo:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. (Barbosa; Coutinho, 2009, p. 21).

A partir dessa pesquisa, podemos perceber que a Alfabetização Cultural inicia um olhar crítico para o passado e com o passar do tempo, ganha-se uma consciência de si em interlocução com o passado. A infância e a idade escolar são resgatadas, e ao entrar na faculdade, percebe-se a politização dos estudantes, com apropriação da cidadania, essencial ao exercício da docência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de finalizar abordando o que foram os achados desta pesquisa. O principal deles é um novo olhar para a minha experiência como alguém que ensina e também aprende ao longo dos anos na docência. Essa frase pode soar clichê, repetida por muitos, mas ela é de grande impacto em nossa profissão se vivida verdadeiramente como processo de entendimento desse ensinar enquanto aprende e aprender enquanto ensina. Aprendi e tentei ensinar, ao longo dos anos, que o olhar delicado e acolhedor que um professor faz para sua própria história de vida, pode ser a virada de chave para pensar a sua prática de sala de aula e, principalmente, seu olhar para o mundo e as relações entre os saberes e as culturas.

Tudo que escrevi tentou cercar os meus sentimentos e as práticas durante essa experiência que algumas vezes foi experimental, intuitiva, em que eu testava o melhor procedimento e o melhor caminho para seguir até organizá-la em métodos e etapas. As teorias da Educação e autores do Design iluminaram a minha observação, minha prática e a minha reflexão. O grande achado foi um olhar atento, terno e acolhedor para o meu próprio passado, minha origem, minha trajetória sendo vista como matéria-prima para eu dar conta dessa pesquisa. E também foi o que me orientou na construção da exposição com a turma 2023 sobre a valorização das raízes e da ancestralidade.

Ao resgatar a minha família e a minha herança, aqui representadas pelas minhas duas avós, busquei evidenciar o quanto meu trabalho e minhas escolhas foram inspiradas e marcadas pela força delas, minhas referências, onde meu coração pulsa. Nossa potência está lá, onde nosso coração bate mais forte.

Foi um grande achado nesse projeto e espero que seja inspiração para outros professores a partir desta pesquisa.

Para falar de hoje, impossível não falar de ontem, e para falar de minha emerge esse sonho do mestrado, e é daí que vem o combustível para seguir adiante em minhas aulas, no exercício de observar os estudantes que passaram por minha sala de aula ao longo desses anos todos. Mas também é nessa origem que me assombram os maiores fantasmas que me impedem de ter a certeza de que o sonho pode de fato se tornar realidade, que o desejo de ser mais e além, a conquista de diplomas depende de nós, apesar de todos os nós a desatar, todos os percalços do caminho e os impedimentos que ressoam por dentro.

Recorro ao poeta Nêgo Bispo (2023) para escrever que esses meus primeiros passos dados no ambiente afetivo e referencial de minha família, em especial de minhas avós, a partir dessa atenção me alcançaram como potência, me tomando como ser humano mais curioso, aberto a aprender, escutar, observar, como quem escuta os pássaros e quer aprender com eles. E tudo isso, levo comigo, como bagagem, e essas sensações, em alguns momentos, parecem ser maiores que eu mesma. “Nos primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória” (Santos, 23, p. 1).

A busca por um lugar no mundo, em relação e interação com ele, o entendimento e o sentido desse lugar, ficam ali muitas das vezes brigando comigo, às vezes até me bloqueando, como forma de resistência negativa.

A escrita de mim em diálogo com as minhas raízes, a escrita de vida de minhas avós, moram em mim e moram de um jeito que me ajudam nessa expansão de vida, sendo libertador. Olhar para trás, para essa história me ajuda a construir minhas aulas e a refletir sobre cultura, tema central de meu trabalho como professora do Curso Normal Superior - Licenciatura

em Educação Infantil, do Instituto Superior de Educação Superior Pró-Saber (ISEPS).

Iniciei a introdução desta pesquisa com a palavra oportunidade e gostaria de finalizar voltando a ela, pois viver o mestrado como essa possibilidade de expansão, crescimento pessoal, profissional e acadêmico foi uma grande oportunidade. Tive aqui a chance de organizar meu pensamento, minhas leituras, minha prática docente, através da reflexão e da escrita. Pude pensar sobre a prática de sala de aula, a metodologia criada e desenvolvida nas aulas, desta vez visitando novos ângulos e possibilidades, principalmente com a contribuição enriquecedora do pensamento projetual do Design. Ao longo dos anos, eu pude criar e experimentar propostas pedagógicas em minhas aulas, mas foi durante a escrita da dissertação que amadureci sobre cada uma delas, nas perspectivas do ensinar e do aprender e confirmando minha autoria.

Os estudantes do Curso Normal Superior - Licenciatura em Educação Infantil do ISEPS, um curso de formação em serviço, já ocupam funções nas creches comunitárias e têm a oportunidade de estudar enquanto trabalham e observam a prática de sala de aula. Um grande ganho para mim, como pesquisadora na construção dessa dissertação, foi viver o Mestrado também em serviço. Outro importante achado foi que ao mesmo tempo em que eu estudava durante a elaboração da dissertação, eu refletia, eu pesquisava e escrevia, mas continuava em sala de aula observando, e muitas vezes refletindo na ação o processo que eu buscava entender e teorizar. Minhas reflexões foram sendo construídas com a prática. Essa consciência eu tive agora já quase no final, enquanto preparava minhas aulas para o último ano de curso da turma 2023, turma com a qual montei a exposição sobre ancestralidade. Foram dois anos sendo professora dessa turma em paralelo com meu mestrado. Observei os desdobramentos da exposição que fizemos, repliquei a metodologia com reflexão, propus atividades que me deram mais robustez ao ensinar

e também ao meu lugar de pesquisadora. Em serviço, construí minha dissertação. E isso foi uma riqueza para o meu processo de amadurecimento e de crescimento. Uma oportunidade singular.

Iniciei a pesquisa com alguns objetivos e questões orientadoras e posso dizer que chego ao final com eles mais claros e também formulando novas perguntas, já que considero que o processo é vivo e dinâmico. Ao longo dos dois anos de mestrado, vivi a experiência de sistematizar minha prática, quando busquei dialogar com autores que não apenas colaboram para o entendimento dessa mesma prática, mas também me impulsionam cada vez mais ao movimento de reflexão sobre a ação. Aprendi o que é a reflexão-na-ação, e sem nunca ter nomeado, por muitas vezes pratiquei. Perceber esses conceitos na minha prática foi uma descoberta incrível.

Aprendi no Design a criar um projeto considerando a questão principal, conhecendo o contexto e propondo algo que faça sentido para os envolvidos. Com a proposta de criar uma exposição sobre ancestralidade com os estudantes da turma 2023, no ISEPS, como resultado do projeto Alfabetização Cultural, me deu essa dimensão de que partimos de uma questão.

As aulas de Design ampliaram muito minha visão, pois passei a ter outro tipo de atenção ao processo, de forma mais observadora e mais interligada. O processo acontece enquanto agimos, numa escuta apurada, damos concretude ao que se deseja, ao que se planeja, mas é preciso saber que o processo também pode e deve ser flexível, pode nos levar a outros caminhos e outros desafios.

Foi no mestrado que conheci conceitos como disrupção, descontinuidade e decolonialidade que ainda procuro entender melhor, mas que nomeiam os grandes desafios que enfrentamos atualmente nas nossas práticas, e que se apresentam como formas revolucionárias de ensinar e aprender, dois verbos que formam a base dessa pesquisa. Ao conhecer esses

novos conceitos, pude compreender melhor as motivações e pressupostos da Alfabetização Cultural, percebendo o viés político e social que ela tinha. De certa forma, esses três conceitos eram vividos nas aulas, porém eu não os nomeava. Foi frequentando as aulas do mestrado que compreendi isso melhor.

A prática de projeto ampliou o processo de aprendizagem dos estudantes da Alfabetização Cultural pois, a exemplo da exposição que foi construída, foi identificado um problema, no caso, como representar a ancestralidade dos estudantes em uma mostra que usasse diferentes linguagens. Houve refinamento constante das ideias, a cada aula, no planejamento, testando e ajustando até chegar ao ideal.

Design é o processo de pensamento que compreende a criação de alguma coisa, como diz Miller (1988), que pode ser notado na sistematização das etapas do desenvolvimento das aulas. Podemos destacar as escolhas feitas com as duas imersões culturais para nutrir esteticamente a construção da exposição dos estudantes, bem como as atividades propostas como nutrição estética, a cada encontro. Usando a linguagem do Design, se pensarmos nos estudantes como usuários, podemos afirmar que a experiência do usuário foi considerada em todas as etapas do projeto.

Quanto aos objetivos específicos dessa dissertação, concluo que todos eles foram contemplados: (1) apresentar a estrutura metodológica da Alfabetização Cultural no primeiro semestre de 2023; (2) investigar como as experiências vividas nas aulas e programas culturais influenciam a formação dos estudantes como futuros docentes; (3) coletar e analisar as reflexões escritas pelos estudantes ao longo das aulas, a fim de compreender suas percepções e aprendizagens sobre as atividades realizadas; (4) relacionar a metodologia das atividades propostas na Alfabetização Cultural com a prática projetual em Design.

Conforme apresentado ao longo da dissertação, recorri às reflexões de algumas estudantes com as quais convivi ao longo desses dois anos para construir uma reflexão sobre a experiência com a intenção de trazê-las como co-autoras dessa caminhada. Essa escolha metodológica foi fundamental para que eu desse uma dimensão dialógica aos movimentos de aprender e ensinar, enfatizados no título dessa dissertação.

A estrutura metodológica da Alfabetização Cultural foi construída numa abordagem projetual, tanto no recorte feito sobre a elaboração da exposição sobre ancestralidade com a turma 2023, como em outras propostas também exemplificadas aqui. A forma de construir as aulas foi interativa, criativa e baseada na solução de problemas, de forma estruturada, e muitas vezes com o apoio dos instrumentos metodológicos do próprio curso, como é o caso do registro reflexivo. Estive atenta ao processo, de forma colaborativa, com reflexão-na-ação e sobre a ação e com a constante valorização das histórias dos estudantes e respeitando os diferentes contextos.

Ao retornar os objetivos dessa pesquisa, e partindo para a conclusão, posso dizer que a Alfabetização Cultural, um projeto extensionista dentro da grade curricular do ISEPS, com a intenção de proporcionar um contato cada vez maior com as linguagens da arte, em variados espaços culturais da cidade, após essa pesquisa, se consolidou como um projeto muito mais amplo, com seu viés social e político. A partir do resgate e reflexão das memórias e histórias de cada estudante, é possível perceber que ao voltar o olhar para si mesmo, ele se reconhece como alguém que também tem e produz cultura. Com a pesquisa sobre a metodologia das aulas e o pensamento projetual de Design em parceria, vejo que os estudantes puderam viver uma experiência coletiva de projeto, onde a base para entender os conceitos e conteúdos experimentados nos museus, teatros etc está neles mesmos, nas suas próprias referências culturais.

As estudantes da turma 2023 da formação de professores incorporaram as práticas e atividades das aulas de Alfabetização Cultural em seu cotidiano, tanto pessoal quanto profissional, a partir da experiência estética proporcionada pelas imersões oferecidas no semestre. A vivência sensível e reflexiva nesses espaços ampliou seu repertório cultural, estimulando novas formas de percepção, interpretação e expressão. Esse contato com a arte não apenas enriqueceu sua prática pedagógica, tornando-a mais dinâmica e significativa, mas também influenciou sua própria trajetória pessoal, como vimos no depoimento da aluna Fernanda Luiza, reforçando a relação entre formação, experiência e construção de conhecimento.

Ao serem apresentadas às diferentes linguagens da arte, em variados espaços culturais, os estudantes se inspiram a criar suas próprias poéticas, pois as experiências estéticas e reflexivas ampliam seu repertório e incentivam a expressão autoral. Isso foi possível de ser visto na elaboração da exposição sobre ancestralidade, em que muitas das referências criadas encontraram inspiração nos vídeos de nutrição estética das aulas, bem como na exposição Um defeito de cor, no Museu de Arte do Rio (MAR). A disposição dos objetivos na exposição delas, a forma de apresentar, os recursos de áudio e imagem utilizados e os textos e legendas foram criados por elas, de uma forma que era possível perceber nos detalhes o aprendizado nas imersões feitas no semestre.

Isso se relaciona diretamente com o pensamento projetual em Design, pois tanto a criação de uma poética pessoal quanto o processo de Design envolvem a experimentação, a reflexão e a ressignificação de referências. O pensamento projetual explora diferentes possibilidades, combina elementos estéticos e busca soluções criativas a partir de uma bagagem cultural e experiência sensível. Ao serem estimulados a criarem suas poéticas, eles exercitam a imaginação dando forma a conceitos abstratos. Dessa forma, contribuem para um pensamento projetual mais crítico,

inovador e alinhado a uma identidade autoral. Podemos observar esses elementos na elaboração da exposição deles quando elas consideraram importante ter registros documentais na mostra, como certidões de casamento, nascimento e batismo dos ancestrais. Assim como também prepararam um áudio em que todos os nomes dos familiares pretos eram ditos de forma a reafirmar sua existência. Nessa pesquisa, o resgate das histórias de vida ganhou espaço na sala de aula foi então marcado como uma etapa importante para a formação de professores que através da reflexão sobre a cultura de cada um, o amor como ação e a reflexão sobre a prática pedagógica moveram o pensamento para o ensinar e o aprender em uma perspectiva reflexiva, projetual e social.

Como desdobramentos do estudo, para pesquisas futuras fica o desejo que me aprofundar nas práticas de sala de aula que são criadas como soluções a tantos problemas da educação e que tem pouca visibilidade, já que o foco sempre recai sobre os resultados, o produto e menos sobre o processo. Saio dessa pesquisa muito curiosa em pesquisar professores da área rural, por exemplo, que muitas vezes com poucos recursos movem montanhas para abrir as portas e janelas do conhecimento para seus estudantes. Schön me ensinou algo que sempre percebi na trajetória tanto de escola quanto de faculdade, que a reflexão se dá na ação e sobre a ação. A segunda eu sempre tive consciência, mas a primeira, baseada em insights e intuição, me provocou bastante interesse. Um outro estudo que me deixou bastante interessada em desenvolver depois dessa pesquisa é investigar dentro da literatura infanto-juvenil, exemplares que tratem da temática da cultura e da arte de forma a contribuir na formação de estudantes, tanto da educação básica quanto da formação de professores. Encontramos pouquíssimos livros que abordam a experiência estética, museus, teatros etc como tema. Saio dessa pesquisa com o desejo de expandir minha escrita para a literatura infanto-juvenil que apoie professores do Ensino Básico nesses temas.

Termino dizendo de minha enorme alegria em finalizar esse texto, apesar dos desafios da estrada, que no início parecia que seria longa demais, com tantas dúvidas e inseguranças. Tenho me sentido uma nova professora, com maior consciência de minha atuação em sala de aula, dos movimentos reflexivos que tenho vivido e que se consolidaram na tessitura desta dissertação. Que venham novos caminhos, novos projetos e mais conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA E SILVA, Maria Cecília. Por uma pedagogia da alma (entrevista). In: **Ao Largo**, Rio de Janeiro, 2015-2, ed.1, p. 1-3, out. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yyrzatpb>>. Acesso em: 24 jun. 2019;
- ALMEIDA E SILVA, Maria Cecília. A inspiração. In: GENESCÁ, Ana; CID, Lucia (Orgs.) **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.
- ALVES, Dulcilene da Silva. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 3 jun. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).
- ALVES, Sheila. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 4 abr. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1983.
- ARTE contemporânea produção e Fruição: III prêmio Arte na escola cidadã”, Vídeo Produzido pelo: Ministério da Cultura;. Instituto Arte na Escola, [S. l.: S. n.], 2012. Disponível em: <https://youtu.be/3lqw-R0ire8?si=EUxRo1ZfxHDZkCEB>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte / educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2010.
- BISPO, Nêgo. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.
- BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach In.: VAN DIJK, Teun A. (org.). **Discourse studies**. USA: SAGE Publications, 2005. p. 585-614.
- CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas: Papyrus, 2016
- COSTA, Michele Cristine da Cruz. A pedagogia de célestin freinet e a vida cotidiana como central na prática pedagógica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.23, p. 26-31, set. 2006..
- CÍCERO, Antonio. **Guardar: poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CROSS, Nigel. **Design Thinking: Understanding How Designers Think and Work**. Reino Unido: Ed. Berg Publishers,, 2011.
- CROSS, Nigel. **Designerly ways of Knowing and Thinking**. Londres: Springer, 2006.
- DEWEY, John. **Arte como experiência estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Reunião do Comitê Acadêmico**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2025.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014. Disponível em: [https://prosaber.org.br/comunidade/?p=4320#:~:text=Os%20instrumentos%20metodol%C3%B3gicos%20\(a%20observa%C3%A7%C3%A3o,e%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20disciplina%20intelectual](https://prosaber.org.br/comunidade/?p=4320#:~:text=Os%20instrumentos%20metodol%C3%B3gicos%20(a%20observa%C3%A7%C3%A3o,e%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20disciplina%20intelectual). Acesso em 20 out. 2024.

FREIRE, Madalena. REGO, Teresa Cristina. O pensamento crítico, pioneiro e vigoroso da educadora Madalena Freire. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-25, e-29872, abr / jun. 2022. DOI 10.21680 / 1981-1802.2022v60n64ID29872.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GENESCA, Ana Maria Carpenter; CID, Lucia Araujo. (org). **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

GONÇALVES, Thainá Rocha. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 6 maio de 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

HIRSCH JR, E. D. **Cultural literacy: what every american needs to know**. USA: Vintage, 1987.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Alfabetização cultural: estrutura curricular**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2013.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO. **Curricularização da extensão na graduação**. A extensão no Currículo: Projeto constelação [documento interno]. Rio de Janeiro: ISEPS, 2023.

JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si: um processo-projeto de conhecimento da existencialidade**. In: Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004

KRIPPENDORFF, Klaus. **The semantic turn: a new foundation for Design**. [s.l.]: CRC Press, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira**, n. 19, Jan / Fev / Mar / Abr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 maio 2023.

MADEIRA, Carla. **Véspera**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática da arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

MILLER, William R. **A definição de design**, 1988. Disponível em: <https://www.feiramoderna.net/ufes/projeto1/MILLER-A-definicao-de-Design.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

NHE'Ë PORÃ: memória e transformação. [Vídeo institucional] Museu da Língua Portuguesa. [S. l.: S. n.], 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VV7m3e8aVSE>. Acesso em: 19 mar. 2025.

OLIVEIRA, Fernanda Cristina T. de. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 19 jun. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo)

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira. Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. **Rev. SPAGESP**, v.14 n.1. Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702013000100004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100004). Acesso em: 19 mar. 2025.

PESSOA, Fernando. **Quando fui outro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SANTOS, Daniele dos. **Registro reflexivo da observação da aula de Alfabetização Cultural**. Aula ministrada pela Professora Melissa Lamego. Rio de Janeiro: ISEPS, 16 maio 2023. (mimeo).

SANTOS, Edlamar Oliveira dos; BATISTA NETO, José. **A formação continuada na rede municipal de ensino do Recife**: concepções práticas de uma política em construção. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3778>

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHÖN, Donald. Formar professores reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SANTOS, Maria Petiane Daniel.. **Registro reflexivo**.(trecho 1). Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 15 jun. 2023. Aula ministrada para a turma 2023.. (mimeo).

SANTOS, Maria Petiane Daniel.. **Registro reflexivo**.(trecho 2). Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 15 jun. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).

SILVA, Angela Joaquim. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, jun. 2024. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).

SILVA, *Dulcilene da*. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 4 abr. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).

SOUZA, Fernanda Luiza Silva de. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 3 jun. 2023. Aula ministrada para a turma 2023. (mimeo).

SOUZA, Julia martins de. **Registro reflexivo**. Alfabetização Cultural. Rio de Janeiro: ISEPS, 10 out. 2023. Aula ministrada para a turma 2022. (mimeo).

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. **Vida e educação**. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

TEMPOS Modernos. Diretor: Charlie Chaplin. Roteiro: Charlie Chaplin. Estados Unidos: Charlie Chaplin Film Corporation, 1963. 1 filme.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

**ANEXOS**

Anexo um - Autorização de uso dos Registros Reflexivos



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – REGISTROS REFLEXIVOS ESCRITOS PELAS ESTUDANTES DO ISEPS

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900  
Programa de Pós-Graduação em Design | PPG Design PUC-Rio

Orientadora: Roberta Portas Gonçalves Rodrigues | E-mail: [robertaportas@dad.puc-rio.br](mailto:robertaportas@dad.puc-rio.br)

Mestranda e pesquisadora responsável: Melissa Batista Lamego | E-mail: [melissa.mellam@gmail.com](mailto:melissa.mellam@gmail.com)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada *“Formação de professores: o ensinar e o aprender em diálogo com o Design”*. Esta é uma pesquisa realizada pelo Laboratório Interdisciplinar Design e Educação, no Programa de Pós Graduação em Design da PUC-Rio.

A participação é voluntária e a recusa em fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como você receberá o atendimento pelo pesquisador e/ou pela Instituição. Antes de confirmar a sua participação você poderá conversar com seus filhos, parentes ou amigos, caso deseje.

Qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, dos resultados e/ou de assuntos relacionados à pesquisa será esclarecida pela aluna pesquisadora Melissa Lamego, no telefone (21) 98863.0395 ou e-mail [melissa.mellam@gmail.com](mailto:melissa.mellam@gmail.com), por sua orientadora Roberta Portas, no telefone (21) 98117.3786 ou e-mail [robertaportas@dad.puc-rio.br](mailto:robertaportas@dad.puc-rio.br).

**OBJETIVO DA PESQUISA:** refletir sobre a aproximação dos estudantes com a arte e suas reflexões sobre a cultura, por meio das atividades culturais propostas na Alfabetização Cultural.

**OBJETIVO DA ATIVIDADE:** Refletir sobre o impacto que as propostas pedagógicas desenvolvidas no projeto extensionista Alfabetização Cultural do Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil provocou na aprendizagem dos estudantes.

**PROCEDIMENTOS DA ATIVIDADE:** A atividade consiste em desenvolver a pesquisa sobre a prática de sala de aula, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem em diálogo com as contribuições dos registros reflexivos produzidos pelos estudantes nas aulas do projeto extensionista Alfabetização Cultural, do Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil.

**BENEFÍCIOS:** A presente pesquisa busca contribuir para a reflexão interdisciplinar entre o pensamento projetual do Design e a metodologia desenvolvida no Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil. Ao obter dados sobre as experiências deste grupo, é possível pensar em novas propostas cada vez mais reflexivas sobre a experiência da Alfabetização Cultural na formação de professores. Entretanto não há nenhum particular para os participantes.

**RISCOS:** O pesquisador selecionará os registros reflexivos. Os riscos previsíveis podem ser mínimos, como eventuais desconfortos ou constrangimentos gerados por abordar informações pessoais ou evocar memórias. Em caso de dificuldades práticas ou emocionais apresentadas pelas pessoas participantes, a seleção poderá ser interrompida, adiada ou cancelada, conforme sua vontade.

**RESSARCIMENTO:** Pessoas que se voluntariem para essa pesquisa não serão remuneradas por essa participação.



**CUSTOS:** Para participar deste estudo você não terá nenhum custo.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:** Você receberá esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação no atendimento que você receberá do pesquisador.

**REGISTRO DE INFORMAÇÕES:** Com o seu consentimento, o registro reflexivo será utilizado como relato no corpo da pesquisa, e o pesquisador fará suas observações, reflexões e pesquisa em diálogo com ele. As informações coletadas nesta etapa da pesquisa serão utilizadas somente para fins acadêmicos e científicos (livros, artigos e slides), em favor do pesquisador envolvido na pesquisa, acima especificado. Os registros reflexivos constarão como relatos com a autoria referenciada na pesquisa.

**RESULTADOS:** Os resultados do estudo estarão à sua disposição quando esta pesquisa for finalizada, sendo publicada pela Biblioteca da PUC-Rio, podendo também ser publicada através de outros meios posteriormente. Todo material será mantido em arquivo por cinco (5) anos, conforme orientações do CEPq da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

**ASSINATURA DO TERMO:** Este termo de consentimento foi impresso e apresentado para as pessoas que se voluntariaram a participar. O aceite deste termo deverá ser feito por meio de assinatura, coleta de digital, ou outra forma que acomodar as necessidades de cada pessoa entrevistada.

Agradeço, desde já, pela sua atenção e valiosa colaboração. Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu registro reflexivo na pesquisa, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Melissa Lamego e a sua orientadora Roberta Portas, do projeto de pesquisa intitulado "**Formação de professores: o ensinar e o aprender em diálogo com o Design**", a colher o meu registro reflexivo sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes registros reflexivos para fins acadêmicos e científicos (livros, artigos e slides), em favor da pesquisadora desta pesquisa, acima especificada.

Rio de Janeiro, 10 de março de 2025.

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

## Anexo 2 - Explicativo da exposição Ancestralidade



*“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.”*

*- provérbio africano*

É com muita alegria que nessa manhã de sábado, o Instituto Superior de Educação Pró-Saber abre suas portas para receber as famílias das alunas da turma 2023 a fim de visitar a **Exposição** preparada por todas as alunas com o tema **Ancestralidade**, proposta da Atividade Extensionista do Curso de Graduação.

O trabalho é o resultado do mergulho reflexivo em suas **histórias de vida, suas memórias e referências**, tão impregnadas em cada uma delas. São objetos, fotografias, frases, palavras, cheiros e sabores que têm grande valor afetivo para as alunas.

Seja na presença ou na ausência, a memória está lá e são modelos e inspiração encorajando-as na caminhada. Elas têm aprendido em todas as aulas que esse é o **ouro** de cada uma.

A partir da **experiência estética** vivida esse semestre na peça de teatro *Pormenor de ausência, sobre a vida e obra de Guimarães Rosa e a Exposição Um defeito de cor*, baseada na obra literária de Ana Maria Gonçalves, a turma se organizou nas aulas do projeto de Alfabetização Cultural e criou sua própria **poética** para expressar a força que suas histórias de vida carregam.

Esperamos que vocês possam viver esse momento com o mesmo envolvimento com o qual ele foi pensado e construído. É uma singela homenagem aos **nossos ancestrais**.

**Turma 2023**

Professora Melissa Lamego

Alfabetização Cultural

Coordenação Pedagógica: Madalena Freire & Clara Araujo

03. jun.2023

Anexo 3  
Termo de autorização de imagem



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – IMAGENS DAS ESTUDANTES DO ISEPS USADAS NA PESQUISA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900

Programa de Pós-Graduação em Design | PPG Design PUC-Rio

Orientadora: Roberta Portas Gonçalves Rodrigues | E-mail: [robertaportas@dad.puc-rio.br](mailto:robertaportas@dad.puc-rio.br)

Mestranda e pesquisadora responsável: Melissa Batista Lamego | E-mail: [melissa\\_mellam@gmail.com](mailto:melissa_mellam@gmail.com)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada **“Formação de professores: o ensinar e o aprender em diálogo com o Design”**. Esta é uma pesquisa realizada pelo Laboratório Interdisciplinar Design e Educação, no Programa de Pós Graduação em Design da PUC-Rio.

A participação é voluntária e a recusa em fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como você receberá o atendimento pelo pesquisador e/ou pela Instituição. Antes de confirmar a sua participação você poderá conversar com seus filhos, parentes ou amigos, caso deseje.

Qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, dos resultados e/ou de assuntos relacionados à pesquisa será esclarecida pela aluna pesquisadora Melissa Lamego, no telefone (21) 98863.0395 ou e-mail [melissa.mellam@gmail.com](mailto:melissa.mellam@gmail.com), por sua orientadora Roberta Portas, no telefone (21) 98117.3786 ou e-mail [robertaportas@dad.puc-rio.br](mailto:robertaportas@dad.puc-rio.br).

**OBJETIVO DA PESQUISA:** refletir sobre a aproximação dos estudantes com a arte e suas reflexões sobre a cultura, por meio das atividades culturais propostas na Alfabetização Cultural.

**OBJETIVO DA ATIVIDADE:** Refletir sobre o impacto que as propostas pedagógicas desenvolvidas no projeto extensionista Alfabetização Cultural do Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil provocou na aprendizagem dos estudantes.

**PROCEDIMENTOS DA ATIVIDADE:** A atividade consiste em desenvolver a pesquisa sobre a prática de sala de aula, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem em diálogo com as contribuições dos registros reflexivos produzidos pelos estudantes nas aulas do projeto extensionista Alfabetização Cultural, do Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil.

**BENEFÍCIOS:** A presente pesquisa busca contribuir para a reflexão interdisciplinar entre o pensamento projetual do Design e a metodologia desenvolvida no Curso Normal Superior Pró-Saber – Licenciatura em Educação Infantil. Ao obter dados sobre as experiências deste grupo, é possível pensar em novas propostas cada vez mais reflexivas sobre a experiência da Alfabetização Cultural na formação de professores. Entretanto não há nenhum particular para os participantes.

**RISCOS:** O pesquisador selecionará as imagens. Os riscos previsíveis podem ser mínimos, como eventuais desconfortos ou constrangimentos gerados por abordar informações pessoais ou evocar memórias. Em caso de dificuldades práticas ou emocionais apresentadas pelas pessoas participantes, a seleção poderá ser interrompida, adiada ou cancelada, conforme sua vontade.

**RESSARCIMENTO:** Pessoas que se voluntariaram para essa pesquisa não serão remuneradas por essa participação.

**CUSTOS:** Para participar deste estudo você não terá nenhum custo.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:** Você receberá esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação no atendimento que você receberá do pesquisador.

**REGISTRO DE INFORMAÇÕES:** Com o seu consentimento, uma imagem sua durante a aula de Alfabetização Cultural será utilizada no corpo da pesquisa e na apresentação da pesquisa, e o pesquisador fará suas observações, reflexões e pesquisa em diálogo com a mesma. As imagens coletadas nesta etapa da pesquisa serão utilizadas somente para fins acadêmicos e científicos (livros, artigos e slides), em favor do pesquisador envolvido na pesquisa, acima especificado. As imagens constarão como ilustração do trabalho e a autoria referenciada na pesquisa.

**RESULTADOS:** Os resultados do estudo estarão à sua disposição quando esta pesquisa for finalizada, sendo publicada pela Biblioteca da PUC-Rio, podendo também ser publicada através de outros meios posteriormente. Todo material será mantido em arquivo por cinco (5) anos, conforme orientações do CEPq da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

**ASSINATURA DO TERMO:** Este termo de consentimento foi impresso e apresentado para as pessoas que se voluntariaram a participar. O aceite deste termo deverá ser feito por meio de assinatura, coleta de digital, ou outra forma que acomodar as necessidades de cada pessoa entrevistada.

Agradeço, desde já, pela sua atenção e valiosa colaboração. Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da minha imagem na pesquisa, especificados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Melissa Lamego e a sua orientadora Roberta Portas, do projeto de pesquisa intitulado "Formação de professores: o ensinar e o aprender em diálogo com o Design", a colher minha imagem sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização desta imagem para fins acadêmicos e científicos (livros, artigos e slides), em favor da pesquisadora desta pesquisa, acima especificada.

Rio de Janeiro, 10 de março de 2025.

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_